

TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL

FUTEBOL E
MOBILIZAÇÃO
POLÍTICA

LARISSA BEZERRA
FRANK ANTONIO MEZZOMO



EDUNESPAR

TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL

FUTEBOL E
MOBILIZAÇÃO
POLÍTICA

LARISSA BEZERRA
FRANK ANTONIO MEZZOMO



EDUNESPAR



LARISSA BEZERRA
FRANK ANTONIO MEZZOMO

TORCIDAS ANTIFASCISTAS NO BRASIL

Futebol e Mobilização Política



Reitora Salete Machado Sirino
Vice-Reitor Carlos Alexandre Molena Fernandes
Chefe de Gabinete Ivone Ceccato



Editora da Universidade Estadual do Paraná

Diretor Luis Fernando Severo
Assistente Editorial Felipe Carneiro Silva
Assistente Editorial Terezinha Eckelberg

Conselho Editorial

Áurea Andrade Viana de Andrade
Camila Matos
Carla Andreia Lorscheider
Cristiane do Rocio Wosniak
Franciele Mara Lucca Zanardo Bohm
Marcio Telles da Silveira
Maria Ivete Basniak
Matheus Amarante do Nascimento
Mauro Alejandro Baptista Y Vedia Sarubbo
Sérgio Carrazedo Dantas
Tatiana Colasante
Tony Willian Boita

© 2026 Universidade Estadual do Paraná
Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem
autorização expressa da editora.



C R E A T I V E

Projeto Gráfico

Cleverson de Lima

Revisão ortográfica:

Cleverson de Lima

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bezerra, Larissa

Torcidas antifascistas no Brasil : futebol e
mobilização política / Larissa Bezerra, Frank Antonio
Mezzomo. -- Campo Mourão, PR : Edunespar, 2026.

ISBN 978-65-984316-6-2

1. Antifascismo 2. Ciência política 3. Fascismo -
Brasil 4. Futebol 5. Política 6. Movimentos sociais
7. Torcidas I. Mezzomo, Frank Antonio. II. Título.

26-375207.0

CDD-320

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências políticas 320

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Unespar - Universidade Estadual do Paraná
Avenida Gabriel Esperidião, s/n
Paranavaí-PR - CEP: 87.703-000 - Brasil

Edunespar - Editora da Universidade Estadual do Paraná
Rua Saldanha Marinho, 131, 1º andar
Curitiba-PR - CEP 80.410-150 - Brasil



Agradecimentos

À Fundação Araucária pelo apoio financeiro destinado à realização da pesquisa. O recurso, na modalidade bolsa de estudos à primeira autora, viabilizou o trabalho de campo.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, da Universidade Estadual do Paraná (PPGSeD/Unespar), com recursos da CAPES, demanda social do Programa de Apoio à Pós-Graduação. O recurso foi destinado à produção do livro, divulgado no formato impresso e e-book. Proibida a comercialização.





Epígrafe

Aos “politizados” que enchem o saco: eu nunca me alienei com futebol. É o inverso. O futebol me faz perceber o desconforto, as contradições, o horror e a beleza de nossa experiência. Se acham que penso algo que preste sobre o Brasil, não é apesar do futebol, mas por causa dele.

Luiz Antonio Simas

Movimentos sociais são formados pela comunicação de mensagens de raiva e esperança.

Manuel Castells

Sumário

Prefácio.....	13
Apresentação.....	19
Futebol e política: relações possíveis.....	25
Arquibancada viva: contra o futebol moderno.....	75
Torcida que acolhe: futebol sem preconceitos.....	115
No campo da política: as torcidas vão às ruas.....	153
Mais que 90 minutos: ainda há tempo para jogar	201
Índice Remissivo.....	209
Lista de Siglas.....	213
Fontes.....	214
Referências.....	221
Sobre os Autores.....	227



Prefácio

O campo das torcidas e agrupamentos torcedores se transformou profundamente nos últimos 15 anos no Brasil. Um dos objetos empíricos mais pesquisados no âmbito dos estudos sociais e das humanidades que se dedicam a olhar para o esporte no país, o torcer se fragmentou e se diversificou gerando na academia efeito parecido, com novos problemas de pesquisa mobilizando a atenção, novas perspectivas teóricas e epistemológicas e novos sujeitos pesquisados e que pesquisam adentrando esse território.

Novos Movimentos Torcedores, Movimentos Contra o Futebol Moderno, Torcidas LGBTQIA+, Femininas e Feministas. Comunidades online, novas lideranças torcedoras e torcedores/as influencers. Isso para mencionar apenas um punhado de exemplos. A efervescência neste campo é real e, em um trabalho recente, explorei a complexidade do que chamo de ecossistema das torcidas no Brasil, chamando a atenção para novas formações e os processos de hibridação

decorrentes de uma longa e rica trajetória de agrupamentos torcedores que remonta aos anos 1940.

Larissa e Frank vêm contribuir para a compreensão desse ecossistema ao destrincharem o fenômeno das torcidas antifascistas, os conhecidos antifas. Nascidas no mesmo turbilhão de acontecimentos sociais e políticos que estão conectados com a emergência de outros tipos de agrupamentos, como as torcidas que atuam com foco na pauta LGBTQIA+ e os Movimentos Contra o Futebol Moderno, os antifas tiveram uma importância destacada no contexto estudado por Larissa e Frank: 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e o Brasil, e quando esses agrupamentos tiveram um protagonismo real nas ruas, ao convocarem as primeiras manifestações contra o (des)governo de Jair Bolsonaro. Num momento de medo e escalada autoritária no país, os antifas assumiram o risco de estarem nas ruas em defesa da democracia. Os atos tiveram participação de torcidas organizadas tradicionais, como a Gaviões da Fiel em São Paulo, mas foram puxados por coletivos identificados com o antifascismo.

O trabalho de Larissa e Frank é fruto do mestrado dela feito no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). Fora do eixo onde a maior parte dos estudos

sociais e das humanas sobre esporte costuma se desenvolver (RJ-SP-RS), a dissertação é fruto do interesse pessoal de Larissa Bezerra, que é jornalista por formação, e da parceria produtiva com seu orientador Frank Mezzomo. A obra que aqui se apresenta é uma versão aprimorada da dissertação que tive o prazer de avaliar na qualificação de mestrado e novamente na defesa.

Larissa claramente demonstra sua formação na Comunicação ao optar por estudar esses agrupamentos a partir da mobilização política que fazem nas redes sociais digitais. O trabalho foca em quatro torcidas antifas através do estudo de quatro páginas no Facebook: Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos Antifascista e Bonde do Che (São Paulo). Interessantemente, a dissertação de Larissa demonstra as articulações dos agrupamentos antifas com outras torcidas progressistas no mesmo contexto, ainda que o foco principal seja nos coletivos antifascistas.

As torcidas antifascistas estudadas por Larissa e Frank são um dos objetos mais intrigantes do contexto atual do futebol. Desafiam os estereótipos tradicionais do torcedor como um sujeito alienado e violento, assim como não parecem reafirmar identidades submissas a lógicas de opressão sobretudo econômica como os Novos Movimentos Torcedores. Por outro lado, a atuação deles parece ser tão

variada que muitas vezes eles são muito diferentes uns dos outros. Para alguns agrupamentos antifascistas, o futebol moderno (leia-se o futebol sob a égide do capitalismo) é um problema central; para outras, é a política formal ou o futebol feminino.

Para somar aos grupos estudados por Larissa e Frank, a Resistência Alvinegra, coletivo antifascista dedicado ao Atlético-MG e estudada recentemente no âmbito do Coletivo Marta, grupo de pesquisa que coordeno na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), tem o antirracismo como agenda principal. O trabalho de Larissa e Frank mostra isso bem: a pluralidade de pautas e uma certa transversalidade na atuação desses coletivos.

Eu diria que a amplitude de atuação desses agrupamentos parece ser o que os tornam ligados a uma noção ampla de justiça social, tendo inclusive uma agenda que poderíamos chamar de interseccional, mas é também, por outro lado, o que muitas vezes torna difícil a mobilização em certos contextos, já que não é claro para quem está de fora quais são os objetivos do movimento. No contexto específico da pandemia, a transversalidade e o posicionamento claramente contrários ao autoritarismo foram elementos que tornaram efetiva a ação política.

O livro de Larissa e Frank é leitura obrigatória para pesquisadoras e pesquisadores do esporte e do futebol, para jornalistas esportivos e para torcedoras/es interessadas/os em entender melhor os meandros das culturas torcedoras brasileiras, em particular, o papel disruptivo e político que o torcer tem na vida de milhares de pessoas mundo afora.

Ana Carolina Vimieiro
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social
Universidade Federal de Minas Gerais



Apresentação

[O papel do futebol nas pautas sociais] é o de denunciar, falar, se colocar contra o racismo, contra a desigualdade social, contra a falta de oportunidades, contra a violência contra a mulher. Contra todas essas pragas que existem no mundo. O futebol já faz isso, mas de uma maneira tímida porque o sistema é pesado, forte. Neste mundo, temos de nos posicionar e falar cada vez mais.

Cristóvão Borges.
O Globo, nov. 2020

O futebol não pode ser dissociado da história das civilizações. Ele expressa parte fundamental de quem somos enquanto sociedade e isso inclui tanto as glórias esportivas quanto as marcas de desigualdade, exclusão e preconceito. Mulheres e pessoas negras já foram proibidas de jogar, e até hoje episódios de racismo, machismo, homofobia e violência são frequentes no universo do futebol. Ao mesmo tempo, atletas, técnicos, jornalistas e torcedores vêm assumindo uma postura mais ativa e politizada diante dessas questões, ainda que enfrentem resistências.

Em entrevista ao jornal O Globo (2020), o técnico Cristóvão Borges afirmou que o papel do futebol é o de denunciar e se posicionar, mesmo reconhecendo a força opressora do sistema. Muitos torcedores compartilham dessa visão e têm se articulado em torno de pautas sociais e políticas urgentes, como o combate à extrema direita, ao negacionismo científico e à violência do Estado contra as minorias. Luiz Antonio Simas sintetizou esse espírito ao escrever: “Eu nunca me alienei com futebol. É o inverso. O futebol me faz perceber o desconforto, as contradições, o horror e a beleza de nossa experiência”. Essa percepção é o ponto de partida deste livro. As arquibancadas nunca foram plenamente silenciosas e o torcer está diretamente ligado às experiências de vida, às disputas simbólicas e às construções de identidade.

O futebol é, talvez, o fenômeno social de massa mais abrangente do mundo. No Brasil, além de paixão popular, ele tornou-se um espaço de disputa e transformação cultural. Uma das expressões mais contundentes é o surgimento das torcidas antifascistas: coletivos que reocupam o futebol como ferramenta política, defendendo pautas antirracistas, feministas, LGBTQIA+, pró-direitos humanos e contra a lógica excludente e autoritária que vem ganhando força no

cenário nacional (Pinheiro, 2020; Flores, 1982; Gomes, 2020; Pinto, 2017).

Esses coletivos vão além dos cantos de apoio ao time. Eles se organizam politicamente, realizam atos de rua, denunciam retrocessos, prestam solidariedade a pessoas em situação de vulnerabilidade, distribuem alimentos, criam redes de apoio e usam as redes sociais para disputar narrativas. Seus discursos são marcadamente progressistas, com ênfase na resistência ao autoritarismo e na promoção de justiça social (Santos, 2016; Numerato, 2018).

É importante diferenciar esses coletivos das torcidas organizadas tradicionais. Estas têm estruturas mais verticais e são compostas por torcedores com visões políticas variadas. Já os coletivos antifascistas tendem a adotar uma organização horizontal, com forte identidade ideológica, e concentram suas ações em agendas que ultrapassam os limites do estádio, com forte presença digital e mobilização em causas sociais (Lopes; Hollanda, 2018).

Este livro nasce como uma pesquisa vinculada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná, vinculado à linha de pesquisa Formação humana, processos socioculturais e instituições. Com uma abordagem interdisciplinar e utilizando métodos da etnografia de tela, investigamos como a intensificação das vulnerabilidades sociais e o avanço do autoritarismo no Brasil impactaram a atuação de quatro torcidas antifascistas: Coletivo Democracia Corinthiana, Santos FC Antifascista, Palmeiras Antifascista e Bonde do Che, do São Paulo, coletivos com maior visibilidade e engajamento nas redes sociais em 2020.

O ano de 2020 foi um ponto de inflexão: manifestações de rua tomaram forma contra o então presidente do Brasil, Jair

Bolsonaro, em defesa da democracia, da vida, da ciência e dos direitos das minorias. Foi nesse contexto, em plena pandemia de Covid-19, que os coletivos ganharam visibilidade, reafirmando sua presença política nas arquibancadas e nas redes.

O *Facebook* foi escolhido como lócus da análise por ser a principal plataforma de comunicação desses grupos no período, permitindo o acesso a suas narrativas, posicionamentos e estratégias de mobilização. A pesquisa combina análise quantitativa e qualitativa das postagens, buscando compreender os discursos e representações políticas veiculadas.

O texto está organizado em quatro capítulos. O primeiro apresenta uma breve trajetória da relação entre futebol e política, destacando eventos históricos e estruturas que influenciaram o surgimento dos coletivos. Também são expostos os caminhos metodológicos que orientaram a pesquisa. Os capítulos seguintes analisam as postagens dos quatro coletivos, com foco em três eixos principais: as críticas às estruturas do futebol, a defesa de pautas sociais, como antirracismo, feminismo e direitos LGBTQIA+, e a articulação política mais ampla, como o enfrentamento ao fascismo, à repressão policial e à necropolítica do Estado. São manifestações que articulam o futebol a debates de alta temperatura política e social, evidenciando o papel do torcedor como sujeito político ativo.

O campo das ciências sociais tem reconhecido o futebol como espaço legítimo de investigação, com potencial para revelar dinâmicas sociais complexas. Ao abordar o ativismo torcedor contemporâneo em diálogo com o contexto político brasileiro recente, este livro pretende contribuir para o fortalecimento dos estudos sobre futebol, cultura política e

formas alternativas de mobilização, apontando caminhos para uma sociedade mais crítica, plural e democrática.



Futebol e política: relações possíveis

*Poucas coisas ocorrem, na
América Latina, que não
tenham alguma relação,
direta ou indireta, com o
futebol. Festa compartilhada
ou compartilhado naufrágio,
o futebol ocupa um lugar
importante na realidade
latino-americana, às vezes o
lugar mais importante, ainda
que o ignorem os ideólogos
que amam a
humanidade e desprezam as
pessoas.*

Eduardo Galeano

O escritor e jornalista uruguaio Eduardo Galeano tinha convicção de que o futebol é um elemento de suma importância na sociedade latino-americana, como demonstra a epígrafe, retirada do livro “Fechado por motivo de futebol”. Não por acaso, Galeano dedicou vários de seus escritos e reflexões a esse esporte, para criticar a transformação deste em puro negócio, para falar da magia de quem fazia o impossível com a bola nos pés, ou para demonstrar que lutas sociais aconteciam dentro de campo, com jogadores e torcedores que se manifestavam politicamente ao denunciar as ditaduras da América Latina, ou com políticos que usavam o futebol para promover seus regimes autoritários. O uruguaio também costumava criticar o desprezo que muitos intelectuais tinham por esse tema. Para ele, era motivo de indignação que a história oficial ignorasse o que ele chama de “memória coletiva” que é o futebol.

Além de Galeano, muitos outros autores acreditam que campos e arquibancadas podem ajudar a compreender a sociedade em que se vive e vice-versa, pois o elo entre futebol, política, economia e cultura existe desde os primórdios do esporte e é bastante contundente. Santos e Helal (2019), por exemplo, consideram que cidade, capitalismo industrial, trabalho e tempo livre têm uma ligação tão direta com a história do futebol que sem tais conceitos seria quase impossível entender essa prática cultural. Todas essas relações transcorrem, inclusive, no Brasil contemporâneo, onde temos assistido a um movimento inédito no futebol brasileiro: o surgimento de coletivos de torcedores (as) e torcidas antifascistas, que têm como objetivo a militância contra preconceitos e opressões, contra a desigualdade social e a elitização do esporte, entre outras pautas. Em 2020, esses grupos foram às ruas para se manifestar contra o racismo,

contra o presidente da República Jair Bolsonaro e se colocar a favor da democracia, além de chamarem a atenção dos grandes meios de comunicação e da sociedade.

Para Numerato (2018), a cultura futebolística contemporânea está vivenciando um período de espírito revolucionário e a mobilização de torcedores está mais articulada do que nunca, porque eles estão sendo confrontados com as consequências que o desenvolvimento do futebol moderno provocou. Partindo dessa premissa, pretendemos neste capítulo tratar de algumas relações entre futebol e política, além de apresentar algumas experiências de como isso se deu em algumas sociedades, para, assim, discutir a correlação entre os temas em diferentes circunstâncias. Na sequência, trazemos para o diálogo algumas pesquisas que têm abordado tal conexão e nos ocupamos do surgimento dos coletivos de torcedores(as) de esquerda e de torcidas antifascistas no Brasil, os quais estão envolvidos com pautas políticas e sociais, e quais são suas principais demandas. Ao final do capítulo, com base em informações colhidas no *Facebook* e na literatura, situamos as quatro torcidas que serão analisadas, tendo presente a conjuntura política e social em que se deu o surgimento e o ativismo desses grupos.

Futebol e sociedade: interpretações possíveis a partir da literatura

Não é incomum que se escute em muitos ambientes, incluindo o futebol, o jornalismo e a academia, que “esporte e política não se misturam”. Mas se o esporte, tanto quanto qualquer outro elemento cultural, é subjugado pela política para que se atenda a certos interesses, ao mesmo tempo em que

é capaz de promover transformações sociais positivas, entender essa ligação, em vez de negá-la, não seria mais proveitoso? Embora ainda haja certa resistência de alguns intelectuais, muitos acreditam que sim.

O futebol é parte não só da comunidade, mas da economia e da política. O jornalista estadunidense Franklin Foer viajou pelo mundo analisando como o esporte e os torcedores podem evidenciar em seu meio os problemas de uma sociedade, principalmente na era da globalização. Essa experiência resultou no livro “Como o futebol explica o mundo”, uma das obras mais conhecidas sobre o assunto. Nele, o escritor expõe, por exemplo, como a rivalidade entre Rangers e Celtic, na Escócia, está relacionada aos conflitos entre católicos e protestantes, de como no Irã e em outras sociedades islâmicas as mulheres foram, por muito tempo, proibidas de frequentar estádios e, muitas vezes, desautorizadas até mesmo de assistir aos jogos pela televisão. Em muitos outros momentos, o estádio também foi um refúgio para seus amantes. As torcidas de Athletic Bilbao e Real Sociedad, durante a ditadura franquista (1939-1975), na Espanha, tinham os clubes como única maneira de expressar o orgulho cultural sem ir para a cadeia (Foer, 2005).

No Chile, as primeiras manifestações contra a ditadura de Augusto Pinochet se deram na cancha. No Brasil, as arquibancadas também se levantaram para protestar contra o regime civil-militar (1964-1985). Em 1979, a Gaviões da Fiel, torcida organizada do Corinthians, abriu uma faixa no Pacaembu com a frase “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” (Piva, 2015), expressando o descontentamento com os rumos tomados pelos militares que dominavam a política nacional.

O regime civil-militar brasileiro queria colocar na mente dos torcedores uma visão de mundo autoritária,

hierárquica e imutável para, desse modo, obter o consentimento dos grupos subalternos, por meio da figura do “jogador máquina”, disciplinado e restrito ao mundo futebolístico. Nos governos de Getúlio Vargas (1930-1945 e 1951-1954), o futebol também foi utilizado como meio de propaganda, adotando medidas como financiamento da seleção brasileira, candidatura para ser sede da Copa do Mundo e a utilização de estádios para anunciar ações governamentais para a população (Florenzano, 2010; Lurian; Lima; Banzatto, 2018).

Como indica Guterman (2004), é necessário reconhecer que, em muitos momentos da história, governantes buscaram instrumentalizar o futebol e retirar lucro político de vitórias, trazendo, por exemplo, a Copa do Mundo de 1970, quando Emilio Médici, general que comandou o Brasil entre 1969 e 1974, tentava passar a imagem de ser um torcedor para conseguir popularidade e legitimar a ditadura civil-militar.

Tendo presente essas questões, entender esse vínculo entre o futebol, a sociedade, a política, a cultura e diversos outros fenômenos sociais, pode ajudar na compreensão e na transformação da sociedade na qual se vive. O fascínio que causa na sociedade “deve ser buscado na apreensão intuitiva e emotiva daquilo que o futebol transmite a cada um de seus adeptos: o reconhecimento velado e indireto de que o futebol fala da própria vida” (Franco Júnior, 2007, p. 165). E, para Roberto DaMatta (1982), quando se ganha compreensão sociológica do assunto, as chances de interpretar a sociedade aumentam simultaneamente, pois é impossível compreender uma atividade sem referência à totalidade em que está inserida.

Em um estudo realizado por Couto (2010), cujo pesquisador destaca jogadores como Afonsinho e Reinaldo,

que se manifestaram politicamente e viraram símbolos da esquerda brasileira, ele constata que o futebol, *per si*,

não deve ser considerado como causa ou produto de alienação, mas, assim como qualquer outro fenômeno social, deve ser investigado em todas as suas dimensões, abrangências e potencialidades. Por outro lado, no âmbito da micropolítica, o estudo das trajetórias dos jogadores revelou que o embate político pode se manifestar por meio de diversos conteúdos, formas, processos e ações, e que o universo do futebol brasileiro ofereceu um amplo espaço para sua deflagração (Couto, 2010, p. 20).

Assim, esse esporte não se resume a experiências de lazer e entretenimento, podendo ser um poderoso catalisador de reivindicações coletivas (Teixeira e Hollanda, 2016).

Podemos tomar como princípio de que o universo em torno do esporte é uma perspectiva interessante para compreender as sociedades, como, aliás, vem reverberando na literatura. Um dos marcos dessa discussão talvez tenha ocorrido com a publicação do livro “Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira”, organizado por Roberto DaMatta, ainda em 1982.

Até então, havia poucos estudos e, os que eram publicados, geralmente vinham com uma perspectiva “apocalíptica”, que considerava o futebol como força de alienação do povo. O capitalismo perdurou por muito mais tempo do que previam os marxistas, o proletariado não havia adquirido a “consciência de classe” e muitos autores que tinham certa visão pessimista do futebol consideravam que

este seria um dos aparelhos ideológicos de poder para esconder as contradições do capitalismo e “docilizar” as massas. Mais tarde, sobressaíram-se novas perspectivas por meio dos olhares da Antropologia e da História, que pretendiam entender o fenômeno esportivo a partir da visão dos torcedores (Lovisolo, 2002, *apud* Helal, 2011).

Partindo de uma visão parecida, Lagos (2018) diz que, antigamente, quando se falava de esporte, isso era feito de um lugar ingênuo, considerando essa prática como apolítica, desinteressada ou ligada apenas ao *flair play* ou ideal olímpico. Como exemplos, o autor cita que Pierre de Coubertin era enaltecido pela reativação dos Jogos Olímpicos, mas não se discutia que ele era totalmente contra a participação de mulheres e que havia um sentimento de gratidão em relação aos ingleses, mas pouco se falava sobre o tratamento desrespeitoso com as colônias, que apenas podiam vê-los jogar. Para Lagos, os estudos conseguiram avançar com Bourdieu, em 1984; DaMatta, em 1982; e Archetti, em 2011.

Além desses autores, no âmbito internacional, os estudos sobre futebol, principalmente no que diz respeito às torcidas, têm aparecido desde o final da década de 1960 na Europa. Nas décadas de 1970 e 1980, com a crescente preocupação com o hooliganismo, muitos se interessaram em compreender o comportamento desses torcedores, o que

fez esse período particularmente fértil para essa área (Giulianotti, 1999; Haynes, 1995). A maioria dos estudos desenvolvidos à época, por questões óbvias, se dedicaram então a examinar grupos violentos de torcedores. As perspectivas eram bastante distintas, do Marxismo de Ian Taylor (1971a, b) à abordagem figuracional da ‘Escola de

Leicester’ (Dunning, Murphy & Williams, 1988). Ainda que violência seja ainda um tema frequentemente investigado neste campo, depois da criação da Premier League e da reorganização cultural do futebol europeu nos anos 1990, vários pesquisadores passaram a focar no que Crawford (2003, 2004) chama de perspectiva da ‘resistência’. Estes estudos buscam analisar os novos movimentos sociais e grupos com uma atitude mais militante em relação a clubes, times, dirigentes, federações e entidades organizadoras (Vimieiro, 2016, p. 5).

Giulianotti (2010), porém, aponta alguns problemas nesses estudos. No trabalho de Ian Taylor, que argumentava que o hooliganismo no futebol deveria ser explicado de acordo com mudanças econômicas e sociais mais amplas, não existe sustentação empírica para tal. Peter Marsh utilizou a pesquisa etnográfica e melhorou qualitativamente as compreensões sobre violência de torcidas, mas, segundo o autor, o problema está em alguns argumentos utilizados, como a agressão ser considerada mais inata do que adquirida socialmente, sendo útil na natureza humana e, se tolerada em alguns ambientes “adequados”, como o esporte, poderia ser algo benéfico para a sociedade. Já a Escola de Leicester explicava o hooliganismo, e todas as questões relacionadas ao esporte, com a perspectiva “figuracional” ou “sociológica do processo”, criada por Norbert Elias. Porém, muitos diziam que a pesquisa em Leicester foi concebida apenas para confirmar o ponto de vista de Elias.

Com a modificação da personalidade violenta dos torcedores ingleses, os sociólogos do Reino Unido passaram a

pesquisar também outros aspectos das torcidas de futebol. Isso fez com que surgisse uma área mais interdisciplinar e internacional, salientando muitas diferenças culturais de acordo com os lugares e diferentes características no desenvolvimento de formas militantes de torcida (Giulianotti, 2010).

Segundo Crawford (2003), os estudos sobre audiência e também sobre torcidas podem ser classificados em três paradigmas: a) o Comportamental, no qual o público absorve a mensagem passivamente; b) o de Resistência, no qual o público torna-se mais ativo e busca participação e mudança; e c) o de Performance, que leva em conta que a distância entre o performer e o público se torna quase nula e alguém pode ser esses dois sujeitos ao mesmo tempo. Atualmente, a maioria dos estudos contemporâneos (alguns apresentados aqui) sobre futebol se encaixa no paradigma da Resistência.

No Brasil, em 1990, foi criado o Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, pelo sociólogo Mauricio Murad, sendo essa fundação muito importante, pois agregou pesquisadores em encontros e eventos durante a década de 1990 e difundiu trabalhos acadêmicos através da revista Pesquisa de Campo (Helal, 2011).

Em 2006 foi criado, na Universidade de São Paulo (USP), o “Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol” (GIEF), para debater e descobrir novas concepções sobre o tema. O GIEF participou de seminários, congressos, organização de eventos, desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, entre outras atividades (Favero; Miranda; Lourenço Filho, 2007). No final de 2014, o grupo encerrou as atividades, mas na própria USP já havia, desde 2010, o “Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e

Modalidades Lúdicas” (LUDENS), que promove atividades similares ao grupo extinto. O que vemos é que muitos pesquisadores brasileiros têm se aventurado por esse tema nas últimas décadas, entre eles: Florenzano (2010), Franco Júnior (2007), Guterman (2014), Murad (2012), Silva (2017), Couto (2014), Santos (2017), Streapco (2016), Toledo (2002).

Os coletivos de torcedores no Brasil

Antes de desenvolvermos alguns aspectos do surgimento dos coletivos e torcidas antifascistas no Brasil e, especificamente, em São Paulo, é necessário pontuarmos noções sobre o que estamos entendendo por fascismo e antifascismo, conceitos que ganharam as discussões cotidianas depois de protestos antifascistas contra o presidente Jair Bolsonaro.

O movimento antifascista surgiu na Europa entre 1920 e 1930, como oposição ao fascismo italiano e ao nazismo alemão. No Brasil, no início dos anos 1930, surgiu para combater a Ação Integralista Brasileira, grupo ultraconservador, de inspiração italiana. Ainda de acordo com o autor, mesmo com a derrota do nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial (1939-1945), as ideias propagadas continuaram presentes na sociedade (Ribeiro, 2021).

As características do que seria o Ur-Fascismo ou Fascismo Eterno, conceito de Umberto Eco (1995), são: o culto à tradição, rejeição à razão, obsessão por uma conspiração, ódio ao pacifismo, repressão da sexualidade, desprezo pelas mulheres e linguagem repetitiva. Nessa dinâmica é que novas lutas antifascistas surgiram e são resultados de um movimento autonomista europeu iniciado na

década de 1980, que pregava a descentralização do poder e autogestão, além de ter pautas concentradas “no combate ao neonazismo, ao neofascismo, à xenofobia, ao racismo, à misoginia, à LGBTQIA⁺fobia e ao capitalismo” (Ribeiro, 2021, p. 6).

Contudo, ainda existe a dúvida se faz sentido falar em fascismo no século XXI. Para Boaventura de Sousa Santos (2016) é um debate totalmente cabível, pois, embora muitas sociedades sejam politicamente democráticas, são socialmente fascistas. Além disso, “tendo em vista a realidade sociopolítica em nível global, ainda é necessário reconhecer e combater o fascismo – ou mesmo as práticas fascistas – para além dos lugares comuns” (Cerreia, 2020, p. 26).

A partir de 2005, experiências de torcedores brasileiros visando garantir direitos democráticos de acesso aos estádios e aos clubes começaram a ser identificadas e se expandiram principalmente depois da realização da Copa do Mundo no Brasil, em 2014. Santos e Helal (2019) chamam essas experiências de “movimentos de torcedores”, mas dizem que muitos se denominam como movimentos sociais, grupos ou frentes, porque cada um tem um perfil, método de ação ou estratégia política diferente. Para Hodges (2018), essas ações de torcedores organizados podem constituir atividades produtivas e experimentos criativos, que desafiam ideias hegemônicas da sociedade.

A pesquisa de Pinheiro (2020) apresenta a Ultras Resistência Coral, que marca essa nova organização de torcedores, nascendo em 2005 e inspirada, principalmente, nas torcidas ultras de esquerda na Itália que, segundo Florenzano (2010), surgiram em meio às rebeliões estudantis e greves operárias, algumas se posicionando à direita e outras à

esquerda política. As de esquerda foram pautadas na luta contra o fascismo e a extrema direita.

Pinheiro defende que o grupo é resultado de diferenças (e marcado por elas) com as torcidas organizadas a partir da segunda metade do século XX, trazendo um novo modelo coletivo de torcer, pensando a partir de um viés de politização da esquerda. Ao mesmo tempo em que o nascimento dessas torcidas é relacionado com um esgotamento do antigo modelo de torcer, também é explicado a partir de transformações culturais e sociais.

Em julho de 2020, a Ultras Resistência Coral fez uma publicação no *Facebook* em comemoração aos 15 anos da fundação do grupo, na qual disseram que, em 2005, estreava nas arquibancadas brasileiras a “ousada ideia” de uma torcida organizada em moldes distintos,

politicamente à esquerda, anticapitalista, que levasse aos estádios a luta por uma sociedade e um futebol mais justos. Tudo isso, casado com uma paixão incendiária pelo Ferroviário Atlético Clube, nosso querido clube proletário. Isso implicava levantar as bandeiras do antirracismo, do antimachismo, da antilgbtfobia, contra a elitização/mercantilização do futebol e o chamado à união das torcidas em prol dessas causas em comum (Ultras Resistência Coral, 2020).

Eles ressaltam, ainda, que não imaginavam que a bandeira do antifascismo se tornaria tão imprescindível na atual conjuntura social e comemoram que as pautas defendidas, há mais de uma década, tenham se espalhado pelas torcidas de todo país.

Esse alastramento de pautas políticas e sociais pelas torcidas é o que Pinheiro (2020) define como a “quarta onda” de torcidas no futebol brasileiro, sendo a primeira onda ligada às torcidas comandadas pelo chefe de torcida entre os anos 1950 e 1970, com integrantes uniformizados e festividade. Já a segunda onda se deu a partir dos anos 1980, com o surgimento de diversas organizadas jovens, estruturadas além do jogo, com estratégias coletivas decididas a partir de uma diretoria. Na terceira onda, os novos agrupamentos surgem com rachaduras dentro das torcidas organizadas ou em oposição a elas. E, por fim, a quarta onda, na qual se inserem a Ultras Resistência Coral e as demais torcidas de esquerda, que

tem origem em um processo de politização exterior ao futebol, sob o viés da esquerda política, que constituiu uma rede de torcidas antifascistas. Esse novo modelo coletivo do torcer combate não só à violência nos estádios, mas também ao machismo, ao racismo, à homofobia, à xenofobia e ao “futebol moderno” (Pinheiro, 2020, p. 32).

Apesar da classificação do pesquisador, a chamada “quarta onda” ainda não está consolidada e é muito recente, não sendo possível afirmar que irá se fortalecer daqui para frente, apesar de algumas evidências que traremos ao longo do trabalho. O que podemos dizer é que, de forma mais específica, essas torcidas da quarta onda se diferenciam das torcidas organizadas principalmente pelo fato dos coletivos, em geral, não se reunirem em determinado setor do estádio, não terem gritos de guerra, não fazerem caravanas para jogos fora de

casa, entre outras características que definem uma torcida organizada.

Além disso, a estrutura hierárquica tende a ser mais horizontal. E uma distinção importante é que as organizadas atuam mais como mecanismo de pressão sobre os clubes, para pontualmente se envolver com questões políticas, enquanto os coletivos e torcidas antifascistas tendem a fazer do futebol uma arena de lutas políticas e sociais mais amplas (Lopes; Hollanda, 2018). Também existem diferenças em relação ao alcance. Enquanto, por exemplo, o Coletivo Democracia Corinthians tem cerca de 25 mil seguidores no *Facebook*, a Gaviões da Fiel tem mais de meio milhão. Discrepância parecida ocorre se compararmos coletivos e organizadas de outros times também. Isso demonstra que há motivo para não subestimar a relevância das organizadas ao se envolverem em questões políticas: a mensagem pode chegar a muito mais torcedores.

Levando em consideração a visão mais abrangente da agenda dos coletivos, os pesquisadores consideram que isso pode contribuir para conectar os problemas do futebol com seu contexto histórico, político, cultural e social, pois é difícil pensar, por exemplo, no processo de “arenização” dos estádios, sem pensar na lógica neoliberal de construção das cidades atuais, assim

essa agenda joga luz sobre (e propõe transformar) relações de dominação que raramente são criticadas pelas torcidas organizadas, como as de gênero. Nesse sentido, os coletivos têm um caráter subversivo potencial maior do que as referidas torcidas, constituindo-se em uma

forma incipiente de crítica da dominação (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226).

Isso não quer dizer que não haja nenhuma ligação entre esses movimentos e as organizadas. Embora Pinheiro (2020) veja as torcidas antifascistas com uma crítica mais radical a elas, para Gomes (2020), as reivindicações de cunho econômico abrem possibilidades de parceria entre os dois grupos. Lopes e Hollanda (2018) dizem que alguns integrantes dos coletivos fazem partes de organizadas e, em ocasiões específicas, existe diálogo e apoio entre eles. Porém, em certos temas, há divergências significativas: a falta de posicionamento das organizadas em questões políticas importantes foi, inclusive, um fator determinante para a ascensão das antifas (Cerreiá, 2020). Segundo Numerato (2018), quando o ativismo torcedor está relacionado à solidariedade para pessoas com deficiência, idosos, crianças doentes ou com localidades afetadas por desastre naturais, dificilmente é contestado, mas quando as pautas estão conectadas às questões como racismo, refugiados, falta de moradia e homossexualidade, não há um consenso entre os torcedores.

Os coletivos são totalmente contra homofobia, já as torcidas tradicionais costumam entoar cantos homofóbicos e até se orgulham de tal prática preconceituosa. Como relatado por Gomes (2020), em 2012, a Mancha Alviverde se opôs à contratação do jogador Richarlyson, exibindo uma faixa no centro de treinamento do clube que dizia “A homofobia veste verde”. Alguns membros mais radicais de organizadas chegaram a perseguir torcedores que contestaram tais práticas.

Ainda assim, boa parte dos coletivos e torcidas antifascistas entende a importância das torcidas organizadas e

defende a continuidade delas. Em 21 de fevereiro de 2020, um manifesto “sobre a extinção das torcidas organizadas”, assinado por 31 coletivos e outras entidades, questionava a decisão do juiz Augusto Sampaio Argelim, da 5ª Vara da Fazenda Pública da Comarca de Recife, que decretou a extinção de três torcidas organizadas de Pernambuco. Segundo o manifesto, o “3º maior Movimento Social do Brasil são as torcidas organizadas, responsáveis muitas vezes por diversos projetos sociais” e que “são verdadeiramente rejeitados socialmente, cumprindo assim o papel desejado por aqueles que tem interesse em cada vez mais excluir o povão do futebol (Manifesto Público sobre a extinção das Torcidas Organizadas, 2020).

Voltando ao surgimento da Ultras Resistência Coral, embora se considerem a primeira torcida politizada no Brasil, Pinheiro (2020) previne que algumas torcidas e coletivos contribuíram anteriormente com a politização do torcer. O pesquisador cita os casos da Coligay, do Grêmio, surgida nos anos 1970, que nasceu com o intuito de questionar um suposto caráter heterossexual das arquibancadas, e de uma faixa que, nos anos 1980, apareceu na torcida do Cruzeiro com os dizeres “Crumunistas”, mas não se tem informações mais concretas sobre esses torcedores. Gomes (2020) vê a experiência da Coligay, mesmo com limites e contradições, como um movimento de relevância histórica, mas acredita que seja notável como esses movimentos anteriores não tiveram continuidade. Trinta anos depois do fim da Coligay, em 2013, começava uma nova movimentação de torcedores e torcedoras de várias equipes “novamente questionando e propondo a desestabilização da norma de que o futebol é um jogo ‘pra machos’. Essa movimentação se dá por meio de páginas no *site*

de rede social *Facebook* que se apresentavam como torcidas livres e queer” (Pinto, 2017, p. 73).

Parece consensual que, a partir de 2013, tivemos, no Brasil, uma explosão de coletivos de torcedores(a). Para compreendermos esse fenômeno, é necessário ter ciência do que acontecia no cenário político e futebolístico nacional. Criou-se um certo medo em relação às torcidas organizadas, principalmente após a morte do líder e fundador da Mancha Verde, do Palmeiras, em 1988, e por conta da “Batalha campal”, um confronto entre integrantes dessa torcida e da Tricolor Independente, do São Paulo, no gramado do Pacaembu, em 1995. Segundo os autores, a consequência foi que as torcidas foram proibidas de entrar nos estádios com objetos que as identificassem. A partir disso, inicia-se um processo de “criminalização do torcer”, usando de medidas repressivas contra as torcidas organizadas (Teixeira e Hollanda, 2016)

Em 2013, o ano foi conturbado no plano político e, durante a Copa das Confederações, aconteceram as chamadas “Jornadas de Junho”, uma eclosão de manifestações em todo o país, com ideologias bastante heterogêneas. Singer (2013), prefere chamar de “Acontecimentos de Junho”, por considerar que uma jornada questionaria a ordem estabelecida, o que não foi o caso, pois mesmo as propostas de Constituinte e plebiscito para a reforma política caíram no esquecimento. Ele pontua também que, além das múltiplas agendas do movimento, as orientações ideológicas iam desde o ecossocialismo, passando por reformismo e liberalismo, até mesmo a impulsos fascistas. Entre os motivos de descontentamento nesses protestos, estava os gastos direcionados aos estádios e outras obras para a Copa do Mundo de 2014, que seria realizada no Brasil.

Alguns autores apontam que foi a partir de tais manifestações em 2013 que começaram a surgir mais coletivos de torcedores brasileiros, além da Ultras Resistência Coral, que também participou da movimentação. Os integrantes da torcida cearense ocuparam as ruas, inclusive levando faixas com referências ao futebol, como esta, que ficou famosa entre as torcidas do país todo: “Nem guerra entre torcidas, nem paz entre classes”. De acordo com Pinheiro (2020), uma das estratégias desta torcida foi a intensificação do uso das redes sociais, principalmente o *Facebook*, afinal, as mobilizações de junho foram deliberadas justamente na internet. O autor compreende o movimento de 2013 como um recrudescimento da luta antifascista. Já Singer (2013) vê como resultado uma vitória maior do centro, embora reconheça que vertentes à direita e de viés progressista tenham surgido. Apesar de toda agitação social causada, então, no ano do Mundial, os protestos não se repetiram com a mesma intensidade e, em novembro, Dilma Rousseff, do Partido dos Trabalhadores (PT) se reelegeu presidente da República. Ainda assim, muitos movimentos sociais saíram fortalecidos (Teixeira, Hollanda, 2016; Gondim, 2016) e, ainda, vários desafios foram postos para intelectualidade, movimentos sociais, partidos e sindicatos, dentre eles:

entender a força mobilizadora das novas tecnologias de informação e comunicação; a possibilidade de unificação da agenda de lutas inicialmente em protesto ao aumento das tarifas do transporte coletivo e em defesa do passe livre; o perfil da juventude vigorosa e contundente que tomou os espaços públicos; o significado da ostensiva (e em

algumas situações, violenta) recusa das formas clássicas de organização e participação políticas em torno dos movimentos sociais, partidos e sindicatos e, principalmente, a presença de grupos conservadores e de extrema-direita que do mesmo modo sentiram-se legitimados para expor em público suas convicções segregadoras, irracionais e autoritárias (Silva *et al.*, 2014, p. 409).

Mesmo as Jornadas sendo um marco nesse sentido para muitos(as) autores(as), outros(as) enfatizam que as mudanças provocadas nos estádios (e alvos dos protestos de 2013 por conta da corrupção) que, de fato, foram o combustível para que os coletivos e torcidas antifascistas se organizassem de maneira mais efetiva. Ainda assim, pesquisadoras e pesquisadores indicam que muitos coletivos foram criados nos últimos anos e boa parte conheceu essa forma de organização política depois das Jornadas. Apesar das diferentes definições existentes, eles podem ser entendidos como associações fluidas, horizontais e autônomas, de liderança compartilhada e com as decisões sendo tomadas a partir do debate entre todos os membros (Pérez, 2019).

Mesmo com um momento político tenso, no âmbito do esporte as torcidas organizadas encontravam, nos seminários promovidos pelo Ministério do Esporte, espaço para expor ideias. Ao mesmo tempo, no ano de 2014 foram contabilizadas 18 mortes em confrontos. No decorrer de 2016 foram ficando mais claras as diferenças entre as ações do governo Dilma e o que era colocado em prática pelos governos estaduais, pautados pela repressão (Teixeira; Holanda, 2016).

Gomes (2020) concorda que há repressão às torcidas organizadas, principalmente a partir do momento em que a

Polícia Militar se torna um agente relevante no campo, proibindo a entrada de objetos como faixas e bandeiras, trazendo uma relação de autoridade e dominação. O sociólogo defende que é preciso apontar a superficialidade da interpretação de que esses torcedores são os responsáveis exclusivos pela violência no futebol, pensamento compartilhado também por Schwartz e Palhares (2015), para quem, nesse cenário, a palavra violência é associada somente a ação de confronto físico, desconsiderando outras formas de violência como: tratamento dado ao torcedor, horário inadequado de partidas, preços altos dos ingressos, corrupção, má gestão, desorganização, racismo e preconceitos.

Além disso, a violência de torcedores é um pretexto para que se use ferramentas de controle e repressão. Ele relata que um grupo de torcedores do Parma, na Itália, criticava esse tipo de atitude em cartazes que diziam: “hoje os ultras, amanhã para a cidade inteira” (Numerato, 2018).

Nesse contexto de repressão no Brasil, tivemos diversos protestos de torcidas organizadas e coletivos de torcedores e torcedoras, que burlavam mecanismos de segurança para entrar com faixas nos estádios, “numa clara demonstração de insubordinação e capacidade de sobrevivência em meio a asfixia normativa e financeira de gentrificação dos estádios” (Teixeira; Hollanda, 2016, p. 23-24). Essa “gentrificação” diz respeito, principalmente, à Copa de 2014, para a qual 12 estádios brasileiros foram construídos ou reformados, tendo sua arquitetura original alterada. As antigas “gerais” foram extintas, todos ou quase todos os setores tiveram assentos colocados, foram retirados os alambrados e criados espaços “exclusivos” e os ingressos também ficaram mais caros. Esse novo modelo preza pela

disciplinarização e pelo consumo passivo do futebol (Lopes; Cordeiro, 2016).

No segundo semestre de 2016, a crise política se agravava com a posse de Michel Temer, do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), à presidência do país, após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Com isso, era possível ver, nos estádios brasileiros, diversas faixas de protestos denunciando um “golpe político” contra a candidata do Partido dos Trabalhadores. Nessas condições houve uma explosão ainda maior de coletivos de torcedores pelo país, unindo a paixão pelos clubes com a preferência política e, para além das pautas relacionadas à elitização do futebol, passaram a se posicionar contra o *impeachment* e contra as medidas neoliberais adotadas pelo governo de Michel Temer (2016-2018), além de outras contestações, como em relação aos preconceitos de classe, raça, gênero e sexualidade. Ainda em 2016, no mês de outubro, foi fundada uma frente de movimentos e coletivos chamada “Arquibancada Ampla, Geral e Irrestrita” (Agir). Na época, foi lançado um manifesto contra o que eles consideravam ser retrocessos sociais e políticos no Brasil, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, e a favor de bandeiras progressistas no esporte (Teixeira; Hollanda, 2016); Lopes; Hollanda, 2018).

Moraes e Bonfim (2017) dizem que coletivos formados por mulheres, como o Movimento Toda Poderosa Corinthiana, Palmeiras Livre, Galo Queer, QUEERlorado e Palmeiras Antifascista, buscaram trazer à luz, a partir de 2016, assuntos como a luta contra homofobia e misoginia, defendendo o direito das mulheres de ocupar as arquibancadas e utilizando-se das redes sociais para construir esses debates. Embora tais discussões muitas vezes se limitem à internet e às redes sociais, ainda assim,

alguns desses coletivos têm participado ativamente da vida política mais ampla do Brasil e de manifestações de esquerda, como o “Coletivo Democracia Corinthians”. Outros têm se centrado em pautas específicas, como o “Futebol, Mídia e Democracia”, que luta contra o jogo de meio de semana, com início às 22h, em atendimento às exigências da Rede Globo de televisão (Lopes; Hollanda, 2018, p. 219).

Em 2018, esse ativismo foi acentuado com as eleições presidenciais. Esses grupos usaram as redes sociais para mobilizar muitas pessoas contra o então candidato Jair Bolsonaro. Diferentemente das torcidas tradicionais, nas quais há uma rivalidade muito maior, nos coletivos costuma haver participações conjuntas com rivais em manifestações, “afinal, o ideário político sobrepõe-se aqui às rivalidades clubísticas e permite a convivência pacífica e amistosa entre eles (...) o que, certamente contribui para empoderá-los e convertê-los em um desafio mais efetivo aos grupos dominantes” (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226).

É importante ressaltar que o fenômeno das torcidas antifascistas não aconteceu somente no Brasil. Existe uma tentativa de articulação entre torcedores de toda a América Latina, mesmo que somente para espalhar os ideais pela internet (Figura 1). No *Facebook* da Ultras Resistência Coral, é possível encontrar um mapa que mostra como essas torcidas estão distribuídas. De acordo com Pinheiro (2020), existe um compartilhamento de memória coletiva antifascista e muitas das causas defendidas são semelhantes, embora cada torcida tenha suas particularidades.

Figura 1: Torcidas antifascistas na América Latina



Fonte: *Facebook Ultras Resistência Coral*

Entre os coletivos brasileiros, essa articulação acontece com mais facilidade, não somente nas redes, mas também nas ruas e estádios. Em 30 de março de 2019, 50 coletivos assinaram um manifesto chamado “Gol contra: ditadura militar impôs derrota ao Brasil”, postado nas redes sociais, com uma imagem com as cores do respectivo clube de cada um, repudiando o fato de que o presidente da República, Jair Bolsonaro, tenha incentivado as Forças Armadas a comemorar o golpe civil-militar que aconteceu em 31 de março de 1964 no Brasil. O Jornal O Globo publicou que o porta-voz da Presidência confirmou este ato de Bolsonaro, além de dizer que o político não considerava o 31 de março como golpe militar, mas sim uma “recuperação do país” e que, se isso não tivesse acontecido, poderia “ter algum tipo de governo que não

seria bom pra ninguém” (Fonseca, 2019). Na figura 2, podemos observar a arte divulgada pelas torcidas, retirada do perfil de uma delas:

Figura 2: Arte divulgada em repúdio a declarações do presidente da República, Jair Bolsonaro



Fonte: *Facebook* Movimento Toda Poderosa Corinthians

No entendimento dos coletivos, a direita brasileira procura difundir uma “ficção” em torno do período da ditadura, afirmando que “salvariam o Brasil do comunismo”, “só bandidos foram presos”, além da corrupção ter sido extinta e que “houve grande crescimento econômico”. Na nota publicada, eles ressaltam que todos esses argumentos são mentiras, explicando a razão de estarem errados, trazendo números de presos torturados, mortos e desaparecidos, entre muitas outras ações autoritárias e erros do regime militar. E

lançam a pergunta: “e o futebol com isso?”, respondendo com as consequências da ditadura no âmbito esportivo, como usar a Seleção Brasileira para manipular a opinião pública, interferir em escalação da equipe, perseguir e até torturar atletas contrários ao governo. Também acusam os militares de iniciar o processo de criminalização das torcidas de futebol, considerando-as possíveis células subversivas. Portanto, consideram que é necessário:

que os/as brasileiros/as acordem e resgatem a verdadeira história da Ditadura Militar e se conscientizem dos perigos representados pelo fascismo, um inimigo do esporte das multidões. No Brasil, o 31 de março de 1964 iniciou um 7 a 1 contra a democracia e a civilidade. Que seja lembrado como o início de um período de ignorância e barbárie. Que possamos recuperar a verdade, instaurar uma cultura de paz e anular este “gol contra” que o fascista Bolsonaro marcou contra todos/as os/as brasileiros/as (Movimento Toda Poderosa Corinthiana, 2019).

Mas ainda que a união aconteça, como neste caso do manifesto contra o período militar no Brasil, e essa união seja desejada por muitos coletivos e vista como necessária para que a mobilização seja maior, portanto, mais efetiva, conflitos ainda surgem, às vezes por meio de discordância nas redes sociais ou até mesmo nas ruas. Em relatos para a revista digital Elástica, torcedores que participaram das manifestações em 2020 contam que havia um clima um tanto tenso entre corinthianos, palmeirenses e santistas, por conta de embates

anteriores envolvendo organizadas, sendo que alguns chegaram a ser xingados (Grilo; Nina; Iamin, 2020).

Gomes (2020) acredita que a rivalidade exacerbada pode trazer despolitização, agradando à ideologia neoliberal e diluindo as possibilidades radicais de transformação. Por isso, enquanto grupo que sofre com vários processos de dominação, os torcedores não podem prender-se à sua identidade clubística. Mas é possível apontar que, pelo menos em 2020, e consoante a nosso recorte empírico, isso não foi um problema. Embora tenham ocorrido alguns atritos como dissemos anteriormente, isso não atrapalhou os movimentos, protestos e demais ações das torcidas.

Vemos, então, que existe uma tentativa de articulação entre os coletivos e torcidas antifascistas, mas também existem conflitos e que pesquisadores e pesquisadoras enxergam potencial de transformação nesses grupos e os avaliam de maneira positiva, como um contraponto a uma conjuntura esportiva e social de repressão às torcidas, de crescente autoritarismo, de mudança nos cenários políticos, de problemas sociais e de ataques às minorias.

A formação dos coletivos antifascistas em São Paulo

Depois de apresentado o cenário geral, procuramos compreender como as torcidas Bonde do Che, Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista e Santos FC Antifascista, sujeitos da nossa pesquisa, surgiram, movimentaram-se e se posicionaram diante de diversos acontecimentos políticos no Brasil. Essas antifas foram escolhidas porque participaram das manifestações de 2020, um

dos eventos mais importantes do ano para esses grupos, o que os colocou em evidência depois de um período de militância. Também porque estão entre as que possuem mais seguidores nas redes sociais e, ainda, por serem torcidas de clubes rivais, já que, como dissemos acima, alguns pesquisadores acreditam que isso não atrapalha o ativismo e outros entendem que sim.

Como já vimos anteriormente, os movimentos de torcedores começaram a ser identificados no Brasil a partir de 2005, com o surgimento da Ultras Resistência Coral, e se intensificaram a partir de 2014, ano em que a Copa do Mundo foi realizada no Brasil. Alguns pesquisadores colocam como ponto de partida, para que esses grupos crescessem, as Jornadas de Junho de 2013, momento de grande agitação na vida política e social do país. Para Cerreia (2020), a ascensão das torcidas antifascistas se deu em meio a essas disputas e discussões políticas no cotidiano dos brasileiros porque foi algo que atingiu os torcedores(as) enquanto cidadãos, fazendo saltar uma veia politizadora que ultrapassou a linha futebolística.

Depois dos protestos de 2013, que tinham a realização da Copa do Mundo como um dos principais motivos de descontentamento, outros fatores sociais contribuíram para que os torcedores se engajassem. A partir de 2014, com o processo de elitização dos estádios de futebol para a Copa do Mundo, o que contribuiu para aumentar o preço dos ingressos e outras formas de exclusão de torcedores, dobrou o número de coletivos que decidiram se colocar no *Facebook*, para discutir esses e outros problemas, em relação a 2013. Para Gomes (2020), o que ficou conhecido como “Padrão Fifa”, para as construções e reformas de estádios visando ao Mundial, impôs valores de “modernização”, “evolução” e

“desenvolvimento”, ignorando culturas locais e formas de torcer próprias do nosso futebol.

Esse processo precisa ser entendido junto com a lógica neoliberal de construção das cidades (Lopes; Hollanda, 2018), pensamento defendido também por Santos e Helal (2019), que acreditam que isso limitaria diversas formas e práticas de torcer, pois o estádio pode ser entendido como um microcosmo da reprodução social da cidade, os preços dos ingressos, por exemplo, propiciam um processo de exclusão de setores menos favorecidos da sociedade, portanto, quando se olha para o impacto disso na cultura do futebol, “este nuevo modelo de estadio representa una faceta del asalto neoliberal a la ciudad, porque despoja, asalta y excluye, lo que significa un retroceso en el derecho a la ciudadanía” (Santos; Helal, 2019, p. 237).

Uma pesquisa de 2013 apontou que o Brasil tinha o ingresso mais caro do mundo, representando cerca de 5,5% do salário mensal de um empregado (Oliveira, 2013). Segundo Palhares e Schwartz (2015), esse dado permite compreender por que, nos anos de 2012 e 2013, o Brasil teve menos público nos estádios que em países como México, China, Japão e Austrália.

Nesse contexto, em 2014, as torcidas Santos Antifascista e Palmeiras Antifascista foram fundadas.

Figura 3: Escudo Santos FC Antifascista



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Figura 4: Escudo Palmeiras Antifascista



Fonte: *Facebook Palmeiras Antifascista*

Não por acaso, os dois se colocam fortemente contra o “futebol moderno” em suas publicações e ressaltam isso na descrição da página. O Santos FC Antifascista se diz “unidos contra o fascismo, o preconceito e o futebol moderno”. A página¹ contava, até início de janeiro de 2021, com 17.412

¹ A página pode ser acessada pelo link: <https://www.facebook.com/santosantifa>.

curtidas. Em um post quando tinha ainda pouco mais de 2 mil seguidores, eles disseram que:

É com muita satisfação que notamos um crescimento cada vez mais forte, não só entre xs Antifas Santistas, mas em todas as torcidas do Brasil e do mundo, o que mostra que nossa união pode derrubar barreiras geográficas e culturais. Uma organização em unidade e combativa é necessária à medida que o fascismo e a burguesia tentam ganhar as ruas e as arquibancadas de futebol (Santos FC Antifascista, 2015).

Já a Palmeiras Antifascista diz em sua descrição que é “antifascismo contra o futebol moderno e contra a intolerância nas arquibancadas”. A página² contava com 28.292 curtidas até 9 de janeiro de 2020. De acordo com Gomes (2020), a motivação para que esses torcedores se organizassem foi, em uma partida no Pacaembu, terem visto um torcedor vestido com um agasalho de um grupo fascista de torcedores da Lazio, vendo a necessidade de se opor a este tipo de ação nas arquibancadas.

Mas o que seria esse “futebol moderno”, digno de ódio por parte de torcedores organizados e coletivos de esquerda? O símbolo dessa luta é uma bola de couro antiga envolta e estilizada por uma grinalda verde-oliva. Alguns torcedores mais engajados chegam a tatuar o emblema. O termo futebol moderno foi utilizado pela primeira vez em 1999, por um torcedor da Roma, em texto publicado na internet com o título

² A página da Palmeiras Antifascista pode ser acessada pelo link: <https://www.facebook.com/palmeirasantifascista>.

Against modern football manifesto. Embora com algumas contradições teóricas referentes ao que seria o esporte moderno, o conceito designa transformações sociais, culturais e econômicas nos estádios e clubes, causadas pela hipermercantilização do futebol (Lopes; Hollanda, 2018).

Em 2016, outro evento político mobilizou as arquibancadas: a posse de Michel Temer à presidência do país após o *impeachment* de Dilma Rousseff. Teixeira e Hollanda (2016) afirmam que nos estádios brasileiros puderam ser observadas várias faixas de protesto denunciando um “golpe político”. Neste ano, surgiram os grupos Bonde do Che e Coletivo Democracia Corinthiana.

Figura 5: Escudo Bonde do Che



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Figura 6: Escudo CDC



Fonte: *Facebook Coletivo Democracia*

O Coletivo Democracia Corinthiana (CDC)³, com 25.060 curtidas, tem dois *sites*, um deles, embora não seja atualizado há bastante tempo, tem fotos de algumas ações realizadas e uma explicação do que é o coletivo, que se diz um grupo de natureza cultural, educativa e política, destinado a promover valores democráticos, a luta progressista popular por acessos e direitos, sendo inspirado pelo *ethos* corinthiano. Diz ainda ter surgido como resposta à escalada conservadora fascista no Brasil, não tendo ligação com nenhum partido político, mas se apondo àqueles que vão contra os interesses dos trabalhadores e que tenham ações machistas, racistas e homofóbicas. Deixa claro também, como a conjuntura política de 2016 influenciou esses torcedores:

³ A página do Coletivo Democracia Corinthiana pode ser acessada em: <https://www.facebook.com/coletivodemocraciacorinthiana>.

3) O CDC reconhece o termo Golpe de Estado para definir o processo que retirou do poder a presidenta Dilma Rousseff e instalou em seu lugar o usurpador Michel Temer.

4) O CDC valoriza e apoia a luta contra a corrupção, mal que deve ser eliminado do Brasil, mas condena o show midiático promovido por setores do Ministério Público, o aparelhamento do judiciário pelos setores conservadores e a conduta seletiva da Operação Lava Jato, desde sempre complacente com aqueles azuis no espectro político.

5) O CDC adota uma postura crítica e independente em relação a qualquer governo. No caso presente, demanda do governo federal as reformas necessárias na gestão do Estado e uma postura ética na defesa do patrimônio público. Ao mesmo tempo, valoriza os avanços sociais e econômicos registrados desde 2003.

6) O CDC repudia veementemente os ataques aos direitos dos trabalhadores e a supressão de direitos resultante das políticas do governo golpista (Coletivo Democracia Corinthiana).

Além de outras observações, o coletivo termina o texto ressaltando que participa de todos os atos políticos pela democracia e contra o que chamam de golpe, referindo-se ao *impeachment* de Dilma Rousseff e que trabalha realizando eventos educativos que valorizem o exercício de cidadania, em conjunto com coletivos feministas, LGBTs, jovens, sem-terra, estudantes, artistas, professores e intelectuais.

Já o Bonde do Che (BDC) se descreve como “antifascistas da Torcida Independente, do São Paulo Futebol

Clube”. Esse grupo deixa claro que não é uma torcida, mas um grupo formado por torcedores(as) da Independente, maior organizada do São Paulo, e que são antifascistas, embora prefiram dissociar-se do termo. Entre os quatro, são os mais ativos no *Facebook* e, também, contam com o maior público: 35.285 curtidas ⁴. O grupo surgiu como “São Paulo Antifascista”, mudando de nome depois, por acreditar que a base do movimento de torcidas antifascistas é “pequeno-burguesa e alheia ao futebol”. Depois, retomaremos melhor o pensamento exposto por esses torcedores.

Igualmente com posicionamentos políticos bastante claros, o BDC se colocou contra Michel Temer e as políticas liberais que vieram com o governo do mdebista. Eles postaram fotos de faixas nas ruas e nos estádios com a frase “fora Temer”, e, também, escreveram sobre o assunto, quando participaram de uma manifestação de caminhoneiros insatisfeitos com os preços dos combustíveis, em 2018, dizendo que

Não apenas Temer, que não passa de um fantoche descartável do imperialismo estrangeiro e da nossa burguesia globalista: queremos o fim de todas as políticas neoliberais e práticas entreguistas! Pelo fim da precificação burguesa dos combustíveis! Nacionalização dos meios de produção já! Fora Temer! Fora Parente! Fora Ianques (Bonde do Che, 2018).

⁴ As postagens do Bonde do Che estão disponíveis no link: <https://www.facebook.com/independente.bondedoche>.

Na imagem abaixo, vemos uma das fotos compartilhadas pelo Bonde do Che da faixa de “Fora Temer”, na torcida do São Paulo. Assim como eles, vários coletivos se manifestaram contra o ex-presidente Michel Temer e as políticas do governo.

Figura 7: Faixa de “Fora Temer” levada ao estádio pela torcida do São Paulo



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Embora fundados antes, os grupos Santos FC Antifascista e Palmeiras Antifascista continuaram se manifestando nas redes sociais também, inclusive contra o *impeachment* de Dilma Rousseff. Em março de 2016, o coletivo do Palmeiras publicou uma nota explicando por que não aprovava os protestos contra a então presidente, mesmo não apoiando o governo da petista, além de serem contra diversas medidas que, na visão deles, prejudicavam os trabalhadores. Eles salientam que

jamais iremos marchar ao lado de corruptos. Jamais iremos nos alinhar com os burgueses e patrões. Jamais iremos atender ao chamado de partidos como PMDB e PSDB. JAMAIS, NUNCA JAMAIS, estaremos engrossando as fileiras de gente que pede a volta da Ditadura Militar e dos anencéfalos da extrema direita, que perseguem e espancam homossexuais e imigrantes, como os Carecas do ABC. Pois é gente, é hora de pensar. Você vai querer estar em uma manifestação ao lado de todos esses? Sim, pois eles estarão lá (...). Não apoiamos o governo Dilma e somos contra toda essa roubalheira que está vindo a tona... No entanto, mais uma vez, temos de dizer que o dia 13 não nos representa. Somos a favor sim de um Brasil e um mundo novo, porém construído pelos trabalhadores, organizados em comunidades e constituindo um governo que atenda os interesses da maioria do povo! E não será ao lado daqueles que marcharão amanhã (Palmeiras Antifascista, 2016).

Embora todas essas manifestações tenham ocorrido, com cada vez mais um fortalecimento desses grupos, de acordo com Cerreia (2020), as torcidas antifascistas tiveram o ativismo evidenciado em 2018, durante as eleições nacionais, contando com as tecnologias digitais para se mobilizar, e foi o Bolsonarismo, mesmo antes das eleições de 2018, responsável por incitar expressivas discussões sobre fascismo e

antifascismo, assim como aconteceu ao redor do mundo com a ascensão de vários políticos de extrema direita.

Conforme Soares, Simões e Romero (2020), é possível perceber que a retórica do ultraconservadorismo emerge em todo o mundo e a ascensão da direita, principalmente da extrema direita, foi significativa no cenário mundial, protagonizada em disputas entre Donald Trump e Hillary Clinton, nos Estados Unidos; Emmanuel Macron e Marine Le Pen, na França; Angela Merkel e o partido ultra-direitista AfD, na Alemanha; e, no Brasil, representados pelos partidos PMDB, PSDB e o bloco partidário liderado por Jair Bolsonaro e as igrejas evangélicas. Ainda de acordo com os autores, o levante da extrema direita começou a se formar muito antes, com os atentados terroristas de 11 de setembro e a crise financeira de 2008, e foi marcado pelo individualismo e ideias ultraconservadoras. No Brasil, esse cenário político atualmente

está polarizado e altamente inflamado diante da construção de dois grupos pela extrema direita, o dito cidadão de bem em contraposição à esquerda brasileira. Como dito, tais grupos foram construídos por um discurso político da extrema direita, o qual afronta e viola os direitos humanos, especialmente dos grupos minoritários (Soares; Simões; Romero, 2020, p. 195).

Aqui, as manifestações em 2013 ajudaram na compreensão da ascensão do atual presidente Jair Bolsonaro, de maneira mais contundente, nas eleições. Entretanto, mesmo antes disso, havia discursos extremos, ao criar um inimigo comum, não reconhecer seus adversários, além de um

patriotismo exacerbado, que não são formas de ação inovadoras, mas “cópias borradas de outros sistemas políticos, como o americano” (Soares; Simões; Romero, 2020, p. 204). Lima (2019) diz que os discursos de Bolsonaro foram machistas, misóginos, xenofóbicos, homofóbicos, racistas e de incitação à violência e que, sem nenhum escrúpulo, ele se sente autorizado a dizer que “as minorias têm que se curvar às maiorias”, o que leva a crer que essa mensagem representa uma parcela significativa dos brasileiros, que apenas pensa o que ele tem o despudor de dizer.

Essa concordância da população com discursos extremos foi agravada pelo advento das *fake news*, que tentavam (e tentam) desmoralizar a esquerda, apelando para situações morais e religiosas. Isso aconteceu com mais intensidade nas eleições presidenciais, em 2018, com informações falsas sendo espalhadas inclusive pelo próprio Bolsonaro, como foi o caso do que ficou conhecido como “kit gay”. Segundo o veículo jornalístico Congresso em Foco, o projeto “Escola sem Homofobia” estava dentro do programa Brasil sem Homofobia, do governo federal, em 2004, e era voltado para a formação de educadores, não de alunos, como alegava Bolsonaro. Durante a eleição, ele utilizou o livro do suíço Phillipe Chappuis para afirmar que fazia parte do “kit gay”, mas o material nunca fez parte do projeto. Bolsonaro chegou a mostrar o livro em entrevista no Jornal Nacional, na Rede Globo, e a posição dele sobre o assunto foi exaustivamente compartilhada na internet pelo próprio e por seus apoiadores (Mota, 2020).

Existe, ainda, o chamado “gabinete do ódio”, formado por assessores de Bolsonaro, sendo investigado por apoiar uma rede de *blogs* bolsonaristas e perfis nas redes sociais que espalham notícias falsas e ataques contra jornalistas, políticos

e artistas que criticam o presidente. Essa rede de desinformação seria bancada com dinheiro público (Mello, 2020). Além disso, segundo a agência de checagem Aos Fatos (2021), em 828 dias como presidente, Bolsonaro deu 2.783 declarações falsas ou distorcidas.

Mas apesar dos muitos problemas com as *fake news*, o uso da internet também serviu para dar visibilidade a alguns grupos, como os coletivos antifascistas, que participaram de manifestações em 2018 contra Bolsonaro, então candidato pelo Partido Social Liberal (PSL), alegando que ele proferia discursos antidemocráticos e preconceituosos, por isso, “no movimento #EleNão e em comícios de Fernando Haddad, a presença numerosa destes grupos, tal como as faixas e adereços que os identificavam, tiveram destaque durante os atos” (Cerreia, 2020, p. 71). Não é coincidência que 2018 tenha sido, até agora, o ano em que mais surgiram torcidas antifascistas: 16 delas criaram perfis no *Facebook* no ano eleitoral, como mostramos anteriormente. Mesmo depois, esses torcedores continuaram ativos nas redes sociais e tornaram suas ações ainda mais sólidas no ano de 2020.

Segundo Numerato (2018), esse envolvimento de torcedores na política fora dos estádios de futebol é recente, mas em vários países eles têm estado na linha de frente de protestos e manifestações. Para o autor, as torcidas não apenas refletiram mudanças políticas, mas se tornaram atores significativos de transformações políticas mais amplas. Na análise de outros movimentos sociais, Castells (2016) diz que, em geral, a origem dos movimentos é desencadeada por uma faísca de indignação relacionada a eventos específicos ou a ações de governantes.

Pensando no contexto político-social no qual tomaram corpo, principalmente após as Jornadas de Junho em 2013 e a

Copa do Mundo de 2014, em suas reivindicações (contra a mercantilização do futebol, contra as desigualdades sociais e preconceitos) e em como isso pode ser um fator de mudança no esporte e na sociedade, a partir de uma articulação maior entre eles, como foi exposto neste capítulo, pretendemos, no capítulo seguinte tratar desses quatro grupos específicos, já apresentados aqui: Coletivo Democracia Corinthians, Palmeiras Antifascista, Bonde do Che (São Paulo) e Santos FC Antifascista. O nosso objetivo é demonstrar como eles usam as redes sociais, as suas demandas, as organizações internas, as semelhanças, as diferenças, além de evidenciar como eles têm dialogado entre si na internet e a razão de terem sido escolhidos como objeto de análise desta pesquisa, tendo como foco o ano de 2020, considerado por Cerreia (2020), um ano importante na consolidação da atuação política dessas torcidas. Assim, analisamos as publicações na página do *Facebook* desses quatro grupos e, além dos temas defendidos já mencionados como democracia, feminismo, antirracismo e liberdade nas arquibancadas, vemos que, em 2020, houve uma forte expressão de descontentamento com o governo federal, principalmente com o presidente Jair Bolsonaro, algo que já havia ocorrido quando ainda era candidato em 2018.

Caminhos investigativos da pesquisa

As redes sociais, principalmente o *Facebook*, tiveram um papel importante nas Jornadas de Junho, em 2013, para organização e informação das manifestações públicas. Segundo Cerreia (2020), a rede chegou a registrar a participação de 70% dos brasileiros, durante as principais datas

dos protestos. Muitos autores consideraram este o estopim para o surgimento das torcidas LGBTs e antifascistas, que iniciaram a militância na internet, após as Jornadas, tendo as plataformas *on-line* como principais ferramentas de propagação de ideias.

Além disso, segundo a consultoria internacional de levantamento de dados Statista (2020), o Brasil é o quarto país do mundo com maior número de usuários ativos, com 130 milhões de perfis. Por isso, é utilizada por marcas e artistas como ferramenta de divulgação. Isso também aconteceu com os coletivos de torcedores(as), que viram, na plataforma, um modo de promover as suas pautas, espalhar ideias e tentar alcançar um público cada vez maior.

Na rede social, ao criar uma conta, o que pode ser feito de forma gratuita, é possível se conectar com amigos, curtir páginas para receber conteúdos específicos, publicar fotos, vídeos, textos, fazer transmissões ao vivo, procurar emprego, participar de grupos, entre muitas outras atividades, podendo servir como ferramenta simbólica de construção do espaço social no cotidiano dos usuários (Recuero, 2014).

Como explanado por Vimieiro (2014), por diversas razões, pouco havia sido produzido sobre torcedores de futebol e a relação com a internet e novas tecnologias, mesmo que, no caso do extinto Orkut, algumas das comunidades mais ativas fossem relacionadas aos clubes. Isso se deu porque o torcedor quase nunca é visto como produtor de qualquer tipo de conteúdo. Mas esse cenário mudou com a militância política das torcidas na internet. De acordo com Soares e Zago (2018), as torcidas antifascistas têm utilizado as redes sociais para se comunicar, exibindo faixas enaltecendo a presença de mulheres e LGBTs nos estádios, defendendo a importância desses grupos para uma sociedade mais igualitária e divulgando o futebol feminino, além de disseminar

informações de ações das torcidas e outros temas que não costumam aparecer em manchetes nas mídias tradicionais.

Downing (2004) considera como mídia radical esses meios de pequena escala e sob formas diferentes que apresenta visões alternativas à política e perspectivas hegemônicas e que conseguem ser independente da pauta dos poderes constituídos, muitas vezes se opondo a eles. Ademais, mesmo que o universo da internet seja constituído em torno do poder das grandes corporações e possa ser regulado pelos governos, ele é caracterizado pela autonomia dos usuários. Assim, cada pessoa pode produzir seu próprio conteúdo, “não sem dificuldade e não sem censura, mas com um grau muito maior de liberdade em relação a mensagens submetidas ao controle de editorias de economia e de censores do governo” (Castells, 2016, p. 30).

Portanto, o ativismo das torcidas foi acentuado durante as eleições de 2018, tendo, como aponta Cerreia (2020), uma ferramenta com alto poder de mobilização com as tecnologias digitais. Segundo a pesquisadora, em 2018, a internet também foi decisiva em protestos políticos no Brasil. O movimento #EleNão, contra a eleição de Jair Bolsonaro, conseguiu um apelo popular expressivo por conta das redes sociais, inclusive com a colaboração e participação das torcidas antifascistas, que conseguiram utilizar as plataformas digitais de maneira eficaz para as mobilizações. Destacamos, entre essas, Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos Antifascista e Bonde do Che, que foram analisadas nesta pesquisa, e que vêm fazendo das redes sociais fontes de informação, mobilização e educação acerca de temas como desigualdade social, machismo, LGBTfobia, racismo, entre outras pautas.

Tendo em perspectiva a importância das redes sociais para os torcedores sujeitos desta pesquisa, sobretudo o *Facebook*, esta foi a plataforma escolhida para o levantamento de dados para análise. Segundo Polivanov (2013), os primeiros trabalhos que se preocuparam com a interação social na internet tinham um forte viés etnográfico, sendo realizados no início da década de 1990, mas, ainda, segundo a autora, a etnografia é um termo complexo, que pode adquirir concepções diferentes dependendo da área do conhecimento na qual é utilizada. No caso da etnografia voltada para o ambiente virtual, o próprio nome não é consenso entre os pesquisadores: são utilizados termos como netnografia, etnografia virtual, webnografia e ciberantropologia (Fragoso, Recuero e Amaral, 2011). Ainda assim, é importante ressaltar, como apontam as pesquisadoras, que muitos antropólogos e cientistas sociais entendem que uma verdadeira etnografia não poderia acontecer no ciberespaço.

No caso da presente pesquisa, entendemos a importância de, ao falar de torcidas de futebol, frequentar reuniões e estádios, mas vale lembrar que a pandemia de Covid-19 impossibilitou a presença física de forma segura. Porém, para Polivanov (2013), embora não seja possível um estudo exatamente como se faria presencialmente, nos ambientes digitais existem práticas de sociabilidade e conflitos tal como nos ambientes *off-line*. E, sendo o ciberespaço um lugar onde as pessoas fazem diversas atividades, é possível estudar o que elas fazem e os motivos que as movem.

Corrêa e Rozados (2017) entendem que uma das principais decisões a serem tomadas pelo pesquisador em um estudo netnográfico é a seleção da comunidade virtual que será sujeito da pesquisa, levando em consideração que o processo não envolverá critérios como proximidade geográfica ou

origem étnica dos participantes, sendo necessário o uso de critérios diferenciados e, dessa forma, o pesquisador deve procurar a compreensão da realidade a partir dos fenômenos observados e não somente a partir das teorias já existentes.

Outra questão acerca desse tipo de trabalho é sobre a inserção do pesquisador. Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apontam dois tipos: o silencioso e o *insider*. O primeiro seria aquele que observa o grupo social interferindo o mínimo possível; já o segundo é o pesquisador que está inserido e que tem ligações próximas com o objeto de estudo. Para a presente pesquisa, usamos o método do pesquisador silencioso. Curtimos as páginas das torcidas no *Facebook*, mas não interagimos com os membros e nem avisamos que estaríamos observando as publicações.

Também destacamos que os estudos etnográficos virtuais podem oferecer algumas vantagens à pesquisa, tais como: com o arquivamento eletrônico, os dados podem ser acessados sempre que necessário e o pesquisador pode se dedicar mais ao processo de análise do que coleta e transcrição. Além disso, existe um potencial muito grande da etnografia para a comunicação digital, pois o pesquisador passa a ser a principal fonte de dados a partir de sua experiência no meio, e pode contar com uma longa imersão, nem sempre possível presencialmente, o que também representa uma quebra de barreiras territoriais e ampliação do alcance (Corrêa; Rozados, 2017; Braga; Carauta, 2020).

Ainda nas questões metodológicas da pesquisa, levamos em consideração a interdisciplinaridade. Como mostra Bujes (2002), fazer escolhas de ferramentas, refazer passos, não ter compromisso com estratégias ossificadas e com um trajeto fechado, pode ajudar a levar a pesquisa a novos rumos. Isso, claro, sem deixar de lado os critérios necessários

para que haja rigor científico no processo. Isso se faz importante dentro da pesquisa sobre os coletivos, porque a militância mostrou a complexidade das torcidas, não apenas em relação ao jogo, mas nas dimensões da vida, dos valores e dos sentidos construídos (Pinheiro, 2020). Logo, pensar tudo isso de forma separada é, segundo Morin (1990), a visão não complexa das ciências humanas e sociais, que julga que há uma realidade econômica de um lado, uma realidade psicológica de outro, uma realidade demográfica de outro, e assim por diante. Porém, é importante entender que complexidade é diferente de completude (Morin, 1990). O pesquisador ou pesquisadora não precisa investigar o todo, mas deve levar em consideração a existência de um contexto maior que afeta a parte que será analisada.

Na visão de Bauman (2007), nesse mundo pós-moderno, não é mais possível explicar as mudanças, os fenômenos e o que acontece em nossa sociedade por meio de áreas do conhecimento compartimentadas. Por isso, essa é a função da pesquisa interdisciplinar.

Assim, iniciamos a busca por coletivos e torcidas antifascistas, pesquisando clube por clube, verificando manifestos que foram assinados por várias torcidas para colher nomes, observando as sugestões do próprio *Facebook*, que recomenda páginas a partir do seu algoritmo, além de pesquisar as reportagens e as pesquisas científicas sobre essas torcidas, nas quais encontramos 75 grupos. Nesses, estão as torcidas antifascistas, os coletivos de torcedores (feministas ou LGBTQIA+ os demais grupos de torcidas com foco em algum tipo de ativismo no futebol. Como vimos, eles possuem perfis e estratégias políticas diferentes e podem se concentrar em uma pauta de militância específica, embora não seja a única. Segundo Pinto (2017), que em sua dissertação trata

especificamente de coletivos LGBT, apesar dos posicionamentos mais firmes contra a homofobia e a misoginia, também existem postagens sobre outras questões, como a crítica e o combate ao processo de elitização e ao racismo no futebol e na sociedade brasileira.

No caso das quatro torcidas analisadas neste trabalho, encontramos vários tópicos de discussões, desde publicações focadas nas questões de classe, de gênero e de raça e intersecções entre elas, como será melhor discutido no próximo capítulo. Também é necessário reforçar que existem realidades distintas entre capital e interior, portanto, os modos de ação e pautas também podem ser diferentes. Porém, é importante lembrar que muitos deles estão em atividade somente na internet e, segundo a lógica do ciberespaço, muitos movimentos se tornam virais por conta do efeito imitador: essa “viralidade” existe entre países, cidades e instituições. Por exemplo, ver protestos em algum lugar, mesmo em contextos distantes e culturas diferentes, pode inspirar mobilização (Castells, 2016).

Até janeiro de 2021, encontramos 75 coletivos e torcidas antifascistas no Facebook. Além dos perfis das torcidas de cada clube, também existem alguns como “Torcidas antifas unidas-Brasil”, “Torcidas antifas unidas-Nordeste”, “Torcedores pela democracia”, entre outros, que não constam no quadro, pois contabilizamos apenas páginas relacionadas aos clubes.

Quanto a data de criação das páginas, vemos que a mais antiga é de 2011, da Ultras Resistência Coral, mas essa torcida já existia desde 2005. O ano de 2018 foi o período em que mais surgiram coletivos: 16 deles entraram no *Facebook*. No quadro 1, vemos a distribuição de formação por período. Contudo, é fundamental dizer que, embora a criação da página seja um

indício de quando o grupo se formou, não é suficiente para afirmar isso. Fatores como a página já existir antes e ter trocado de nome, ter sido excluída pelo Facebook e criada novamente ou mesmo ter sido feita depois de algum tempo da fundação do grupo podem ter acontecido.

Quadro 1: Criação das páginas das torcidas no *Facebook* por ano

Criação das <i>fan pages</i>	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Número de coletivos	1	6	5	10	15	8	10	16	3	1

Fonte: *Facebook*

Santos FC Antifascista e Palmeiras Antifascista tiveram suas páginas criadas em 2014, enquanto Bonde do Che e Coletivo Democracia Corinthians, em 2016. E, temos o quadro 2, com a distribuição dos coletivos por região.

Quadro 2: Número de torcidas por região do Brasil

Região	Norte	Nordeste	Centro-oeste	Sudeste	Sul
Coletivos	1	14	2	40	18

Fonte: *Facebook*

Também buscamos esses coletivos em outras redes sociais, como *Twitter* (agora *X*) e *Instagram*, mas é interessante notar que mesmo o *Instagram* estando em um crescente de usuários, o *Facebook* ainda é a plataforma em que eles têm maior número de seguidores. Quanto ao número de postagens, esses quatro grupos foram assíduos no conteúdo, não deixando de publicar por muito tempo, embora o Bonde do Che, por exemplo, tenha uma média maior que os outros. No quadro 3, podemos ver o número de publicações de cada

um e a média diária. A coleta dos dados foi feita manualmente, considerando todas as postagens dos grupos no ano de 2020 e todas as imagens foram salvas com ajuda de um aplicativo de captura de tela.

Quadro 3: Periodicidade das postagens no *Facebook* em 2020

Coletivo	Total de postagens	Média diária de publicações
Coletivo Democracia Corinthiana	307	0,83
Bonde do Che	788	2,1
Palmeiras Antifascista	122	0,33
Santos Antifascista	175	0,47
Total	1.392	3,73

Fonte: Dados da pesquisa

Já em relação ao formato, as publicações desses torcedores vão desde imagens desacompanhadas de outro conteúdo, passando por imagens com legendas, vídeos, vídeos com legendas, textos, notícias, *lives*, até eventos do próprio *Facebook*, que é quando a rede social permite que se crie uma espécie de grupo para falar de um acontecimento determinado e por tempo específico, com horários, lembretes e recados para pessoas interessadas em comparecer, seja ele *on-line* ou presencial.

A partir das categorias apresentadas aqui, fizemos a separação em três eixos maiores, inspirados na divisão trazida por Numerato (2018): pautas relacionadas ao futebol, pautas sociais e pautas políticas. Contudo, reforçamos que essa forma de apresentação do conteúdo não é estanque, mas um esforço de sistematização e análise, que poderia ser proposto de diversas outras formas.

Tendo presente tais princípios, definidos a partir de uma abordagem interdisciplinar, fizemos opções metodológicas que implicaram no desenho da pesquisa de campo e na definição do corpus empírico. Nos próximos capítulos, e motivados pelo objetivo de analisar a militância política dos quatro coletivos paulistas, problematizamos as grandes pautas que expressam, em grande parte, as motivações que agregaram as energias das torcidas: aquelas relativas ao campo esportivo, às demandas sociais e às manifestações de rua, impulsionadas a contrapelo de uma política de traços fascistas.



Arquibancada viva: contra o futebol moderno

*O futebol em devir não se
deixa aprisionar numa
identidade, não permite que
se lhe atribua uma essência e
não se encontra destinado a
desempenhar sempre a
mesma função social suposta
pela tese da alienação*

José Paulo Florenzano

Os torcedores de futebol foram alvo de diversos tipos de inquietações em diferentes momentos da história, mas nem sempre foram considerados como sujeitos políticos. Ainda hoje, alguns estereótipos impedem que sejam vistos como possíveis agentes impulsionadores de transformações, tanto na arena futebolística, quanto nos campos político e sociocultural. No entanto, as torcidas antifascistas têm rompido muitas barreiras e levantado temáticas importantes em muitas áreas. Como demonstramos com a coleta de dados desta pesquisa, o leque de assuntos de interesse desses torcedores é bastante amplo.

O “ator-torcedor”, como menciona Pinheiro, distante de preocupações acadêmicas há três ou quatro décadas, hoje é muito mais investigado e isso fez com que se percebesse a complexidade das torcidas de futebol, não apenas em questões relacionadas ao jogo, mas “dos mecanismos e das dimensões da vida, dos valores e dos sentidos construídos” (Pinheiro, 2020, p. 49). Tais dilemas, preceitos e perspectivas ecoam não somente nos estádios, nas ruas ou nas sedes das torcidas, afinal os ambientes *on-line* têm sido fundamentais para demonstrar isso.

Neste capítulo, o objetivo é analisar as publicações no *Facebook* de quatro grupos de torcedores(as) de clubes de São Paulo – Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che (BDC) – mostrando como elas têm reverberado as pautas relacionadas ao futebol. Com isso, pretendemos observar esses movimentos, as suas reivindicações e como tais formas de manifestação política na internet, com novos sujeitos, podem contribuir para um ambiente social e esportivo mais democrático.

Os modos de engajamento de torcedores ativistas são vários, como exposição de cartazes, cantos, boicote de jogos e protestos nas ruas. Mas, para alguns torcedores, certos tópicos são considerados “muito políticos” ou “muito esquerdistas” para um ambiente que consideram apolítico (Numerato, 2018). Essa ideia de espaço neutro, que não deve se ater ao que acontece na política, ainda é muito difundida no meio esportivo, até mesmo pelos veículos de comunicação. Vimieiro e Maia (2017) atribuem à baixa qualidade do jornalismo esportivo parte dessa despolitização de alguns torcedores. E, não raro, vemos discursos como o de Tiago Leifert, ex-apresentador do Globo Esporte, que afirmou, em 2018, que “evento esportivo não é lugar de manifestação política” (Leifert, 2018), e de Caio Ribeiro, ex-jogador e comentarista da mesma emissora, que criticou o posicionamento de Raí, então dirigente do São Paulo, sobre a gestão do governo durante a pandemia (Wagner, 2020).

Mas, como vimos e vamos explorar na sequência, algumas torcidas rechaçam essa ideia, vinculando o amor ao clube e ao futebol como algo essencial para entender suas escolhas políticas. Mais uma vez reforçamos a importância de se compreender esse fenômeno: primeiro para que não se relativize a ideia de esporte somente como ambiente apolítico, alienado, separado de outros fenômenos sociais e, também, porque, segundo Santos e Helal (2019), ainda que tais experiências não saiam vencedoras, poderiam ser um poderoso legado político ao povo brasileiro, para que se recrie o futebol e os clubes, “y cuidémonos de que no vuelva a ser tomado como una presa por un sistema voraz que convierte todo y a todo el mundo en mercancía” (Santos; Helal, 2019, p. 240).

O ativismo de torcedores pode ser compreendido a partir de duas categorias (Numerato, 2018). Uma delas, que

vamos debater mais adiante, está relacionada ao uso do futebol como veículo para abordar questões sociais e políticas mais amplas. A outra, tema deste tópico, está relacionada a aspectos do jogo, como segurança, experiências no estádio, performances das equipes e gestão. Entre essas pautas relacionadas ao esporte, identificamos cinco que foram foco de interesse das torcidas aqui analisadas: o *clube/futebol masculino*, *futebol feminino*, *rivalidade*, *futebol moderno* e *torcida*.

No quadro 4 inserimos um recorte somente com esses assuntos. A porcentagem apresentada aqui refere-se ao número total de publicações, contando todos os assuntos.

Quadro 4: Postagens relacionadas ao futebol

Tema	Bonde do Che	Coletivo Democracia Corinthiana	Palmeiras Antifascista	Santos FC Antifascista	Total das postagens
Clube/futebol masculino	174 / 22%	17 / 5,5%	6 / 4,9%	28 / 16%	225
Futebol feminino	15 / 1,9%	4 / 1,3%	17 / 13,9%	4 / 2,2%	40
Futebol moderno	4 / 0,5%	1 / 0,3%	3 / 2,4%	32 / 18,2%	40
Rivalidade	62 / 7,8%	0 / 0%	1 / 0,8%	1 / 0,5%	64
Torcida	102 / 12,9%	35 / 11,4%	7 / 5,7%	17 / 9,7%	161
Total	357	57	34	82	530

Fonte: Dados da pesquisa

A temática *torcida* é recorrente para os grupos como podemos observar no quadro, porém não vamos nos fixar

nesse assunto. É algo comum entre várias outras torcidas que haja publicações e divulgações sobre trabalhos, escudos, venda de camisetas, comemorações, reuniões, presença em jogos, entre outras situações que dizem respeito a eles ou a outras entidades de torcedores do próprio clube ou com visões semelhantes. Ainda assim, para que o leitor saiba do que se trata, iremos expor alguns exemplos: foram 161 publicações referentes à temática supracitada dentro dos quatro grupos. Nas imagens a seguir, é possível perceber algumas formas de abordagem encontradas.

Figura 8: Escudo da torcida colado em Portugal



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 9: Divulgação de outras redes sociais

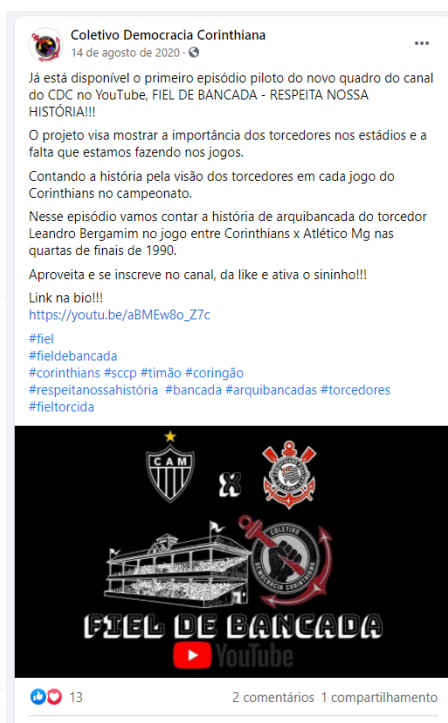


Fonte: *Facebook* Santos FC Antifascista

Na figura 8, vemos a publicação em que a Palmeiras Antifascista mostra uma foto dos arredores do Estádio da Luz, em Portugal, onde tem um “lambe-lambe” com o escudo da torcida. É comum aparecer, entre as publicações, imagens de escudos, frases e outras formas de divulgações desse tipo de arte de rua.

Na figura 9, temos a divulgação do *Instagram* da Santos Antifascista. Também é comum que as torcidas divulguem outras redes sociais e, neste caso, não apenas para ganhar seguidores. Na legenda, os torcedores explicam que estão colocando o mesmo conteúdo nas duas plataformas para que não se perca o que já foi feito, visto que a página no *Facebook* já foi “derrubada” algumas vezes.

Figura 10: Divulgação de criação de conteúdo



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthians

Figura 11: Bandeira da torcida Independente com imagens de Che Guevara



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

As torcidas antifascistas costumam produzir muito conteúdo, seja nas redes sociais, como já relatamos anteriormente, e em diferentes formatos como textos, imagens e vídeos, seja em outras plataformas, como o *YouTube*. Esses conteúdos podem ser sobre a torcida, sobre o clube ou ainda de teor sociopolítico. Na figura 10, o Coletivo Democracia Corinthiana divulga um quadro do canal do *YouTube* chamado “Fiel de Arquibancada – Respeita nossa História” que, de acordo com eles, pretendia discorrer sobre a importância dos torcedores nos estádios, contando histórias de jogos do ponto de vista de quem esteve presente. Há, ainda, outras formas de abordagem do assunto como na figura 11, na qual o Bonde do

Che mostra a nova bandeira da Torcida Independente, da qual eles também fazem parte.

Assim como a *torcida*, o *clube/futebol masculino* não deixa de ser importante, pelo contrário, podemos dizer que é uma parte essencial, assemelhando-se ao que já fazem as torcidas organizadas, ou seja: abordam resultados de jogos, performances dentro e fora de campo, gestão do clube e contratações. Aqui, inserimos também discussões sobre outras modalidades, como basquete, futsal, entre outras, com exceção do futebol feminino que, posteriormente, explicaremos melhor a razão. Ao todo foram 225 publicações sobre o *clube/futebol masculino*, com o Bonde do Che tendo publicado grande parte: 174 publicações.

Primeiro, é importante demarcar o espaço de identidade clubística. Coletivos de torcedores(as), torcidas antifascistas e torcidas organizadas, além de estarem cientes de que os problemas que enfrentam nas arquibancadas estão vinculados aos problemas fora delas, como veremos em algumas postagens adiante, têm uma identificação muito grande com os clubes. Em 11 de janeiro de 2020, o Bonde do Che publicou uma imagem com o escudo do clube e a legenda: “Aqui somos 100% São Paulo Futebol Clube, acima de tudo e de todos, nossa paixão primeira e razão de existir. Foda-se quem não gosta e um lamento pelos que não compreendem”. A seguir, mostramos as publicações feitas no dia de os aniversários dos clubes e como elas evidenciam esse sentimento de pertencimento dos torcedores, que também pode ser notado em publicações sobre outros assuntos. Em geral, as artes e imagens são criadas com cores, escudo ou algo que identifique o clube. “Entende-se que a identidade enquanto um processo dinâmico, se configura como algo em constante construção e reconstrução, sendo composta por diversas

facetas, podendo ser o esporte, no caso o futebol, uma delas” (Linhares, 2019, p. 52). Essa identidade, que pode se manifestar na paixão pelos clubes, também se transforma “em paixões pelas próprias torcidas organizadas, seus símbolos, suas práticas, a sociabilidade que promovem e que organizam em torno do futebol profissional” (Toledo, 1996, p. 12).

Figura 12: Homenagem no aniversário do São Paulo



Fonte: *Facebook Bonde do Che*

Figura 13: Homenagem no aniversário do Corinthians



Fonte: *Facebook CDC*

Figura 14: Homenagem no aniversário do Santos



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Figura 15: Homenagem no aniversário do Palmeiras



Fonte: *Facebook Palmeiras Antifascista*

No dia 25 de janeiro de 2020, aniversário de 90 anos do São Paulo (Figura 12), o BDC publicou uma arte em que mostra o escudo do clube, algumas fotos de equipes do clube e no centro o “90” com um escudo representando a torcida organizada e o grupo: “Independente – Bonde do Che”. Na legenda dizem que nunca escreveram um texto longo para comemorar o aniversário do clube, pois

nos faltam palavras para expressar a grandeza dessa instituição e o que sentimos por ela. Compartilhamos o que as mídias oficiais do clube produzem e só, afinal, o São Paulo não se explica: se ama. Parabéns, São Paulo Futebol Clube, pelos 90 anos de algo tão grande que nem conseguimos definir o que é (Bonde do Che, 2020).

A torcida do Corinthians, em 1º de setembro de 2020, também manifestou seu amor (Figura 13) comemorando os 110 anos do “time do povo” com os dizeres: “Você nasceu contrariando todo um sistema de exclusão. Você é fruto do espírito de luta da classe trabalhadora contra uma elite opressora” (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020). A imagem tem ainda um trecho do hino, o lendário lampião onde teriam se reunido alguns operários no bairro do Bom Retiro para fundar o clube e todos os escudos desde 1910. Na legenda, dizem: “Nossa maior paixão. Nossa razão de ser”.

Os santistas, com uma imagem com duas estrelas, representando os Mundiais do clube, escreveram em 14 de abril do mesmo ano: “Um passado e um presente só de glórias. Obrigado por existir e por ser o motivo de todo nosso riso”. E, ainda, os palmeirenses, em 26 de agosto (Figura 15) usaram

uma montagem com fotos do próprio grupo: “Estamos presentes hoje e sempre”. Na legenda dizem que:

nascemos das mãos de operários, das mãos do povo e para o povo. Lutamos contra a elite paulista, representada na época por Mackenzie e Paulistano, que não nos achavam dignos ao esporte, por nossa origem operária. Atualmente o futebol moderno tenta distanciar clube de seu povo, tal como feito em nossa origem, mas resistiremos. Neste dia desejamos que nossos torcedores lembrem de nosso primeiro presidente, Ezequiel Simone, anarquista. Que lembrem da luta e garra de Raphael Martinelli, revolucionário comunista. E que nossos jogadores tenham a garra e alma de Djalma Santos (Palmeiras Antifascista, 2020).

No caso das quatro torcidas existe, em geral, um forte apelo ao lado social que o clube desempenha desde a fundação, as origens operárias e o fato de que grande parte da torcida seja de origem humilde, o que também faz parte da identificação que muitos têm com o clube.

Mas não existem somente demonstrações de amor, elogios ou críticas às ações dos times costumam aparecer bastante, assim como exaltação ou protestos em relação à atuação da equipe em campo. Em 2 de junho de 2020 o BDC afirma que em termos de posicionamento político, o São Paulo quase nunca os decepciona, cumprindo seu “papel histórico”. No dia 16 do mesmo mês falam novamente sobre o assunto, parabenizando o departamento de comunicação do clube pelas posições tomadas no que diz respeito à pandemia e a campanha

“Vidas Negras Importam”. Segundo os torcedores, “ficarão marcados por terem combatido o bom combate, frente às pressões internas e externas, num dos piores momentos da história do nosso país”.

Em 19 de março de 2020, a Palmeiras Antifascista compartilhou um *link* do Globo Esporte, com a notícia de que o estádio do clube seria sede da vacinação contra a gripe, dizendo que, assim como foi com a gripe espanhola, novamente o clube oferecia suas dependências para ajudar a população.

Já no caso dos santistas foram muitas críticas à gestão do clube. Em 17 de setembro, ao compartilhar *print* de uma reportagem sobre nova central de segurança pública na Vila Belmiro, dispararam: “a pior diretoria da história”. Em 28 de setembro publicaram uma foto de José Carlos Peres, então presidente do Santos, que sofreu *impeachment* em 2020, de ponta-cabeça, com a palavra “caiu” em vermelho. Na legenda apontam para o fato de que Peres seria afastado com o voto de 91,5% dos conselheiros, que seguiriam atentos para que “velhas raposas” não tornassem o processo ainda mais lento e “que sirva de recado para todos aqueles que tentarem usar o clube como promoção pessoal e com incompetência: serão cobrados sem massagem”.

O CDC, em 22 de novembro de 2020, falou de forma concisa sobre as eleições no clube: “O Coletivo Democracia Corinthiana informa que NÃO apoia o candidato da situação nas eleições corinthianas no próximo sábado”.

Em relação ao *futebol feminino*, apesar de fazer parte do clube tanto quanto o masculino, resolvemos colocar em outra categoria, pois existem razões para que seja assim nesta pesquisa. Em primeiro lugar, o futebol praticado por mulheres tem mais atenção das torcidas antifascistas do que das torcidas

tradicionais (Soares e Zago, 2018). Em segundo, as demandas que esses torcedores destacam no masculino e no feminino são diferentes, visto que existem desigualdades gritantes de investimento, divulgação midiática e preconceito. Além disso, uma das pesquisadoras responsáveis por este trabalho é uma mulher que pratica e pesquisa futebol e entende que este é um tema relegado por políticos, torcedores, clubes, mídia, federações, entre outros, e que precisa receber mais olhares. Ademais, chamamos atenção para o progresso da modalidade e para o fato importante de que as torcidas antifascistas tenham abraçado o futebol feminino, mas também para um caminho muito grande que ainda é necessário percorrer para que a categoria tenha o nível que merece.

Franzini (2005) diz que se pensamos no papel que o futebol desempenha na questão da identidade nacional brasileira, então é crucial que seja indagado qual o lugar da mulher nisso. É importante recordar, antes de tudo, que o futebol feminino chegou a ser proibido por lei no Brasil. O Decreto-lei 3.199,

que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava em seu artigo 54 que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Franzini, 2005, p. 322).

Isso também porque se considerava que cabia à mulher “o espaço doméstico da dona de casa obediente, delicada e

dócil” (Moraes; Bonfim, 2017, p. 4). Mas ainda que houvesse o discurso oficial em oposição a prática do futebol por mulheres, muitas continuaram jogando, contrariando convenções morais e sociais estabelecidas (Goellner, 2005). Todavia, obviamente, não foi o suficiente para que a modalidade se desenvolvesse como deveria.

A proibição oficial foi anulada apenas na década de 1980 e só então equipes e departamentos de futebol feminino nos clubes foram surgindo. Segundo Franzini (2005), ainda assim, as dificuldades culturais e materiais não foram extintas. Goellner (2005) traz um claro exemplo disso ao discutir a organização do campeonato paulista feminino em 2001, no qual as atletas precisavam se ater a elementos estéticos para jogar. Mulheres de cabelos raspados e mais de 23 anos eram barradas, pois se buscava um futebol “bonito” e com “feminilidade” (Goellner, 2005, p. 147).

Franzini (2005) provoca a reflexão de que o universo do futebol é caracterizado por ser “um espaço masculino” e a entrada das mulheres altera essa lógica, despertando reações que expressam as relações de gênero presentes numa sociedade machista e sexista.

Contudo, é inegável que nos últimos anos muitos avanços aconteceram, principalmente depois da Copa do Mundo de 2019, que teve a audiência de mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do mundo e foi a mais vista da história (FIFA, 2019). No Brasil, o campeonato nacional feminino passou a ser transmitido na TV aberta, as transmissões dos jogos da seleção garantiram ótimos resultados de audiência e em 2020 veio algo histórico para o futebol do país: depois de muita reivindicação, a CBF igualou salários e premiações para as seleções feminina e masculina (CBF, 2020). Além disso, recentemente, repórteres, comentaristas e narradoras estão

ganhando espaço nas emissoras de TV e rádio, para transmissões de diversas modalidades. A Globo, maior emissora de TV aberta do país, contratou em 2020 a sua primeira narradora (Passos, 2021).

Ainda que tais avanços tenham ocorrido, as dificuldades permanecem impetuosas. Segundo a FIFA (2019), o Brasil tem cerca de 15 mil mulheres jogando de maneira profissional ou amadora, enquanto nos Estados Unidos são 9,5 milhões e mesmo em países vizinhos muito menores, como Argentina e Venezuela, os números ultrapassam o Brasil com 27 e 24 mil, respectivamente. Dados do Ministério do Esporte dizem ainda que a maioria dos meninos brasileiros começa a praticar esporte aos cinco anos, enquanto meninas só têm o primeiro contato aos 11 (Eler, 2019).

Elas também estão fora da mídia: entre atletas, treinadores e árbitros que aparecem em reportagens sobre esportes, apenas 7% são mulheres. Esse número cai para 4% se consideramos quem é o personagem principal das matérias (Passos, 2021), o que acaba servindo de pretexto para que patrocinadores não contratem atletas ou ofereçam valores muito abaixo do que recebem os homens. A brasileira Marta, maior jogadora de futebol da história e eleita 6 vezes melhor do mundo, está sem contrato com patrocinadoras esportivas desde 2018 (Kestelman, 2021).

Entretanto, mesmo em locais onde o futebol feminino é mais desenvolvido, como Europa e Estados Unidos, a discrepância salarial é notável. Um levantamento da revista France Football, divulgado pela Revista Veja (2019), mostrou que Lionel Messi recebia um salário 325 vezes maior que a então jogadora mais bem paga do mundo, a norueguesa Ada Hegerberg, eleita a melhor jogadora do mundo em 2018. Ela

recebia, inclusive, menos que jogadores da Série A do Campeonato Brasileiro. Nos Estados Unidos, cuja seleção masculina é quase irrelevante no cenário do futebol mundial, enquanto a feminina é quatro vezes campeã do mundo e tem quatro medalhas de ouro nas Olimpíadas, as mulheres travam uma batalha judicial para receber o mesmo salário e condições de trabalho dos homens (Laborde, 2019).

Essas desigualdades não passam despercebidas pelas torcidas. Em março de 2020, a Palmeiras Antifascista divulgou uma notícia do *site* do Globo Esporte que revelava que as comissões técnicas do futebol feminino no Brasil tinham apenas 30% de mulheres. Na legenda dizem: “O futebol feminino ainda enfrenta mais duros desafios além das quatro linhas”. A torcida alviverde é destaque quando se trata desse assunto e foi quem mais se manifestou sobre isso, com 17 publicações. O Bonde do Che vem logo após com 15, enquanto CDC e Santos FC Antifascista têm 4 cada um.

Para Moraes e Bonfim (2017), a internet e as redes sociais contribuíram para que houvessem atos e campanhas contra o machismo nos últimos anos, dando espaço também para o futebol praticado por mulheres, servindo de ferramenta de divulgação.

Figura 16: Membros da Palmeiras Antifascista em treino da equipe feminina



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 17: Página dos torcedores santistas comemora novo horário do Brasileiro



Fonte: *Facebook* Santos Antifascista

Figura 18: BDC comemora vitória sobre o Santos



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Figura 19: Corinthians comemoram o título da Libertadores feminina



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthians

Na figura 17, a Santos FC Antifascista critica o calendário do Campeonato Brasileiro feminino, no qual muitos jogos eram realizados às 11 horas da manhã, prejudicando as atletas e a qualidade das partidas. Em muitas regiões do Brasil, dependendo da época do ano, o sol e o calor nesse horário tornam desgastante um jogo de futebol. Além disso, falaram de outros assuntos: em 6 de outubro de 2020, por exemplo, compartilharam uma notícia de que Marta, que já foi jogadora do clube, iria ganhar uma estátua ao lado da de Pelé no Museu da Seleção Brasileira. Para esses torcedores,

A cobrança e a luta pela mudança de postura da CBF para com o futebol feminino ainda será longa e uma estátua não apaga os anos de descaso com a categoria, mas nos traz esperança. É gratificante saber que o Santos, de alguma forma, faz parte dessa evolução. Temos satisfação de dedicar um espaço dentro do nosso Memorial das Conquistas para o futebol feminino, algo que não existia nem no Museu do Futebol. Elas também são o Santos. O pioneirismo do Peixe é inspirador. Somos amantes do futebol arte, das crias da Vila, das revoluções no futebol (Santos FC Antifascista, 2020).

Destacamos algo bastante relevante nesse texto: a mudança provocada no esporte com as conquistas alcançadas pelas mulheres carrega uma carga muito positiva para a torcida, é uma “revolução” da qual são “amantes”. A seguir vemos que alguns movimentos enxergam tais transformações como algo negativo e como parte do chamado “futebol moderno”.

Já a torcida do Palmeiras publicou uma foto na qual alguns membros (com rostos borrados) aparecem no estádio Allianz Parque para dar suporte ao time feminino em um treino. Em mãos, estão com uma bandeira com o rosto da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, uma bandeira com o símbolo da torcida e outra com símbolo da Palmeiras Livre, outro coletivo do Palmeiras, também presente no estádio. Além de marcar presença em treinos e jogos, os palmeirenses realizam um trabalho de divulgação dos horários das partidas, onde assistir, resultados, contratações da equipe, entre outras situações. Essa visibilidade aparece com menos frequência nos outros três grupos estudados.

O CDC fez publicações comemorando os três títulos do Corinthians no ano – o campeonato paulista, o Brasileirão e a Libertadores – sempre reforçando que o time feminino é “símbolo da luta contra o machismo e a misoginia”. Na postagem que mostramos na figura 19, dizem que “elas dão o exemplo de como honrar o Sport Club Corinthians Paulista, sua história e sua imensa torcida”. Em outra, no dia 26 de agosto, destacam positivamente uma ação da equipe, que se ajoelhou em campo antes de um jogo contra a Ferroviária pelo Campeonato Brasileiro, com os punhos erguidos, em alusão ao movimento *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam).

Em 8 de novembro (Figura 18), o Bonde do Che comemora a vitória da equipe sobre o Santos e a reestruturação do time com boa campanha na série A1, mesmo tendo acabado de subir da série A2. Também alfineta a jogadora Cristiane, que rescindiu o contrato com o São Paulo em 2019 e em 2020 estava jogando na equipe santista. Vitórias em jogos também foram celebradas pelo grupo em outras ocasiões. E, em 26 de abril, Dia do Goleiro, homenageou as três goleiras da equipe feminina.

Esse acolhimento das torcidas antifascistas é significativo visto que uma parte das mulheres ainda não se reconhece no jogo e outra parte enfrenta dificuldades para se assegurar dentro dos gramados, assim, para elas, “o país do futebol assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio” (Franzini, 2005, p. 325). E a ocupação desses espaços, antes dominados apenas por homens,

fazem do dia a dia do futebol algo ainda mais tangível, as rodas de conversas nos bares nas quartas à noite, os churrascos de domingo e, porque não, as quadras das torcidas organizadas que produzem um efeito indispensável para muitos/as torcedores/as antes e depois dos jogos (Moraes; Bonfim, 2017, p. 5).

E muito mais que ocupar, é necessário ressignificar, sendo primordial a afirmação de que este espaço é também das mulheres e que pode ser um ambiente de sociabilidade e de exercício de liberdades (Goellner, 2005).

Outro aspecto do esporte que teve atenção das torcidas foi o *futebol moderno*, assunto no qual inserimos temas relacionados à criminalização do torcer, preço de ingressos, árbitro de vídeo, em inglês *Video Assistant Referee* (VAR), arquitetura dos estádios, entre outros. Somando os quatro grupos aqui analisados, foram 40 publicações sobre o assunto, embora a Santos FC Antifascista tenha feito a maioria – 32 postagens. Essa atenção ao tema vem do fato de os grupos sociais menos influentes estarem cada vez mais perdendo acesso aos espaços esportivos (Giulianotti, 2010).

A cidade capitalista é um espaço de confrontos e as estratégias de resistência são diversas, passando, inclusive, pela apropriação de espaços para lazer e sociabilidade, algo que aconteceu também no futebol, inicialmente formada em instituições de controle e que conquistou a periferia, fecundando “uma nascente cultura operária” e que vem passando por transformações impostas por uma nova ordem vertical, de tendência global. No Brasil, tal processo foi acelerado pela organização da Copa do Mundo em 2014 (Jesus, 2021). São essas transformações, de cunho neoliberal, que as torcidas, em geral, chamam de “futebol moderno” (Goñda, 2013).

A insatisfação dos torcedores com tais mudanças vem acontecendo desde o pós-guerra, quando um modelo do esporte voltado para o mercado começava a predominar na Inglaterra e começou a ganhar maior atenção dos estudos sociológicos a partir da década de 1990 (Vimieiro *et al.*, 2019).

Porém, o conceito “futebol moderno” para as torcidas não tem o mesmo sentido atribuído pela Sociologia do Esporte. Nessa subárea, “tal categoria serve, ao menos nas influentes análises da Escola de Leicester, para denominar o processo que transformou os jogos populares medievais com bola nas formas atuais de futebol” (Lopes, 2018, p. 5). E, ainda, alguns pesquisadores, como Richard Giulianotti, utilizam o termo “futebol pós-moderno”.

Segundo Lopes (2018), as redes sociais foram fundamentais para que o movimento se propagasse e existem diversas páginas no *Facebook*, *blogs* e *sites* sobre o tema. Entre elas, estão as torcidas antifascistas, para quem o assunto não ficou ausente e em alguns casos tem sido pauta principal da militância embora, como veremos adiante, talvez de forma

mais crítica e politizada que as torcidas organizadas e movimentos contra o futebol moderno em geral.

No dia 5 de julho de 2020 o CDC, que tem uma publicação sobre isso, fez um texto com o título “A exclusão do povo preto e periférico nas arquibancadas”, no qual ressalta que o Corinthians sempre teve uma torcida diferente, composta pelo povo trabalhador e que “joga junto e ganha jogo”, mas que o “time do povo” sofre hoje com a elitização e:

Esse povo que separava sua bandeira e seu ingresso para poder ver o Coringão jogar, animando e colorindo o estádio está cada vez mais excluído, e sabemos que exclusão e violência andam lado a lado. Queremos um futebol mais popular assim como queremos mais justiça social e o fim do genocídio do povo preto e pobre. Queremos preços populares e o fim da elitização do futebol! Queremos as arquibancadas mais pretas e animadas! Queremos bandeiras, papel picado e instrumentos! Queremos a festa popular!” (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

Podemos notar que o coletivo tem a percepção de que a exclusão no futebol está associada com as injustiças sociais, o que, de fato, acontece. Como vimos na primeira parte do trabalho, Lopes e Hollanda (2018) consideram que é muito difícil pensar na “arenização” dos estádios sem pensar na lógica neoliberal de construção das cidades. Toledo (2002) também considera que o futebol reúne muitas das dimensões das sociedades contemporâneas, como as identidades e as desigualdades.

O preço dos ingressos e a exclusão das massas das arquibancadas também foi alvo de preocupação da Palmeiras Antifascista. No dia 28 de fevereiro de 2020, compartilharam a publicação de uma página chamada “Ocupa Palestra”, contendo a imagem de uma criança sozinha com a camisa do Palmeiras sentada em uma arquibancada de concreto e uma legenda com o título “O ingresso mais caro do estádio é o assento vazio” e criticaram que os jogos da equipe aconteçam sem estádio cheio, atribuindo isso ao fato de que o clube não procurou baixar o preço dos ingressos ou do plano de sócio-torcedor. O post questiona: “a quem interessa jogarmos para menos de 20 mil palmeirenses? (...) É bonito ver Palmeiras para todos nas campanhas publicitárias, mas mais ainda é ver na prática” (Ocupa Palestra, 2020).

Uma ideia parecida foi publicada pelos santistas. Em 10 de junho de 2020, puseram uma foto em que aparecem torcedores na arquibancada e na legenda afirmam que o número de sócio-torcedores do time, mesmo com o campeonato parado por conta da pandemia, havia aumentado. Segundo a página, isso se dava porque a mensalidade havia sido reduzida para novas adesões e

Somente grupelhos formados por velhos oligarcas que jamais pisaram verdadeiramente numa arquibancada são capazes de ignorar o perfil da torcida santista e entender o que a afasta dos estádios. Entre inúmeros motivos, os valores abusivos dos ingressos e dos planos de sócio são alguns dos principais responsáveis por essa desconexão. Não aceitamos a tentativa de nos impor um clube sob os moldes do futebol moderno (Santos FC Antifascista, 2020).

A reclamação não é sem fundamento, como vimos anteriormente, afinal, em 2013, os torcedores brasileiros pagavam o ingresso mais caro do mundo. Números divulgados em 2019 por uma editoria de esportes do jornal O Estado de S. Paulo dá conta de que Corinthians, Palmeiras, São Paulo e Santos estavam entre os 10 times do Brasil com a entrada mais cara do futebol nacional. Em 2017, o próprio Corinthians divulgou uma pesquisa que revelava que a maior parte do público da Arena Corinthians era das classes média e alta. A gentrificação e o aumento no preço dos ingressos têm sido tópicos importantes para torcedores ativistas porque isso tem excluído principalmente jovens, estudantes e trabalhadores dos estádios (Numerato, 2018).

Outra matéria de reclamação dos coletivos antifascistas foi a privatização do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu. De acordo com eles, essa ação também contribuiria para esse afastamento das classes mais baixas. Em 28 de abril de 2020, aniversário de 80 do estádio, a Palmeiras Antifascista publicou algumas fotos com dados sobre a venda no estádio para a iniciativa privada. Em uma delas destaca que a parcela da receita gasta pela prefeitura para manter o estádio era de 0,02% e ainda que: “infelizmente neste ano, o estádio foi concedido a iniciativa privada e corremos o risco de perdermos o local de ingresso mais popular da cidade”.

Em outro assunto envolvendo situações consideradas parte do futebol moderno, a torcida tricolor compartilhou uma foto no dia 17 de setembro de uma bandeira com o mascote do São Paulo chutando a suástica nazista e com os escritos “Independente Antifascista”. Na legenda eles explicam que a bandeira foi colocada no Morumbi para o jogo contra o River

Plate pela Libertadores, mas foi censurada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e pela Polícia Militar e não ficou no estádio durante a partida:

É como sempre dissemos: se isolar em grupelho de meia dúzia de esquerdistas, longe das organizadas e das massas torcedoras, é passatempo pequeno-burguês. É preciso disputar espaços, conscientizar, propagar ideias. Nós não tivemos participação alguma na confecção da bandeira abaixo, mas a semente já estava plantada. A consciência de classe e a disposição pra luta são como um vírus (Bonde do Che, 2020).

Tal disputa de espaços e ideias citada pelos são-paulinos, foi realizada também pela torcida santista. Em 24 de maio de 2020 eles fizeram protestos contra a volta do futebol na pandemia e reforçaram a necessidade de gerar debate sobre a militância.

Figura 20: Torcida santista em protesto pela volta do futebol na pandemia



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Figura 21: Santos FC Antifascista explica o que é futebol moderno



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Figura 22: Torcedores levam adesivos ao estádio



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Figura 23: Torcedores explicam o posicionamento sobre futebol moderno



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

Na figura 20 vemos os torcedores na Vila Belmiro e no Pacaembu segurando cartazes que dizem “sem torcida, sem futebol”, “CBF + Globo futebol da morte” e “bilhões em lucro – salvem vidas e clubes”. Na legenda argumentam que seria “inadmissível” considerar a retomada das competições com a escalada de mortes por Covid-19, saturação da saúde pública e caos econômico. Também debatem o fato de que mesmo não tendo torcida no estádio, isso não impediria reuniões, aglomeração em bares e residências, o que, de fato, aconteceu em diversos momentos. Segundo a torcida, esse estímulo

do ponto de vista da saúde coletiva, é totalmente nocivo e escancara a ganância da burguesia. Ainda no âmbito da torcida, jogar sem público contribui para a desconexão entre torcedor e time, fortalecendo o futebol superficial e meramente de consumo. É um golpe contra a cultura de arquibancada, um avanço do futebol moderno contra as

raízes que nutrem a nossa luta. A questão é simples: se não há condição para a realização de uma partida como ela deve ser, então não se deve realizar a partida. Além disso, um jogo de futebol movimenta centenas de profissionais dentro e fora de campo, sem contar as famílias indiretamente envolvidas, colocando em risco a saúde de um grande contingente de pessoas. Demagogia pura (Santos FC Antifascista, 2020).

Eles ainda criticaram duramente Globo, CBF e Governo Federal, que estariam

vendendo o discurso que somente o retorno a qualquer custo poderá livrar os clubes da derrocada quando, na verdade, a obrigação de garantir a sobrevivência estrutural do futebol passa necessariamente por esses parasitas que saqueiam nosso esporte. Usam a mesma linha de raciocínio do Governo Federal, que joga nas costas da classe trabalhadora a responsabilidade de sobreviver em meio ao caos, negando ao povo um suporte que é atribuição do Estado (Santos FC Antifascista, 2020).

Depois, no dia 26 de maio, compartilharam uma notícia sobre o protesto com a legenda “toda ação tomada por aqueles que lutam por um futebol popular e democrático deve ser guiada com o intuito de gerar debates positivos e construtivos nas fileiras das arquibancadas. Sem teoria, não há prática” (Santos FC Antifascista, 2020).

Como vimos, a Santos Antifascista foi a que mais se manifestou em assuntos relacionados ao futebol moderno. Mas além da militância, eles costumam explicar aos seguidores como entendem o conceito. Na figura 21, “santistas antifascistas contra o futebol moderno”, afirmam na legenda que isso seria um conjunto de restrições socioculturais e econômicas para moldar a forma de torcer e excluir a massa popular dos estádios. “Futebol moderno é a elitização, perpetuação de estereótipos racistas, opressão contra a classe trabalhadora e ampliação do controle burguês sobre os nossos pensamentos” (Santos FC Antifascista, 2020).

Vimieiro *et al.* (2019) observam que em alguns posts de movimentos contra o futebol moderno a discussão pode vir desconectada de questões políticas e sociais que estariam por trás das mudanças na atmosfera dos estádios e nos preços dos ingressos, o que não observamos nos grupos analisados. Além dos exemplos já mostrados, em 13 de fevereiro (Figura 23), a Santos Antifascista publicou a foto mostrada acima com a legenda: “para ser contra o futebol moderno é preciso ser contra o capitalismo”. Eles dizem que o intuito da postagem é “abrir os olhos da massa torcedora” para erros e contradições que

muitos acabam cometendo por não entenderem a principal raiz da extrema mercantilização do nosso esporte e, por consequência, a nossa exclusão: o domínio capitalista. Sem esse entendimento inicial vários torcedores acabam criticando corretamente a transformação elitista do futebol ao passo que defendem erradamente políticas neoliberais e alinhadas ao capitalismo nas suas vidas fora dos estádios. É preciso

enxergar que essas questões estão diretamente ligadas. Essas questões são responsáveis diretas pela segregação nas arquibancadas, pelas proibições absurdas que perseguem a cultura torcedora e pela desmobilização da organização popular nos estádios (Santos Antifascista, 2020).

Em outros posts sobre futebol moderno, os torcedores santistas também questionam o VAR, que consideram “a destruição do futebol”, jogos em dias e horários que dificultam com que os trabalhadores possam assistir, entre outras situações. Ainda correspondente ao mesmo tema, a criminalização das torcidas organizadas tem sido pauta constante entre as torcidas antifascistas no Brasil. Como contextualizamos antes, desde a chamada “Batalha Campal” em 1995, foi iniciado um processo de repressão maior contra organizadas.

Em 2010, segundo Guilhaon (2014), foram inseridos no Estatuto do Torcedor dispositivos específicos sobre torcidas organizadas, que se afastavam da tentativa de punição individual a quem causasse qualquer transtorno para uma punição coletiva das entidades, algo que, na análise do pesquisador, é inconstitucional e destituído de base jurídica e legal, além de existirem por conta de uma pressão sobre sediar a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. O próprio Estatuto do Torcedor contou com a presença de vários representantes da sociedade civil no processo de discussões para elaboração, como juristas, economistas, dirigentes e profissionais da área esportiva, mas nenhum representante de torcidas organizadas. Assim, “o Estado, punindo indiscriminadamente todo associado de uma organizada, foge de seu dever de investigar, processar e punir com ética e zelo

públicos” (Guilhon, 2017, p. 96). Ainda como consequência da realização da Copa do Mundo no Brasil, estádios foram reformados ou construídos em certos padrões que, como já destacamos, geraram ainda mais insatisfação das torcidas.

Em 28 de agosto de 2020, o Bonde do Che discutiu a criminalização das torcidas a partir do evento citado como “Batalha Campal” do Pacaembu. Eles recompartilharam uma publicação feita em 2019, com fotos e um texto sobre o acontecimento. De acordo com o grupo, “cada vez mais distantes temporalmente do fato, fica fácil enxergarmos a grande armadilha que o governo armou, ao custo de vidas, com o intuito único de criminalizar e extinguir as organizadas” (Bonde do Che, 2020).

As proibições e insatisfações não pararam em 2014. Em 6 de março de 2020, os torcedores do peixe publicaram uma notícia com o título “Fim da festa! Santos obedece Conmebol e proíbe Corredor de Fogo e Bandeirão”. Isso causou indignação na torcida, que fez duras críticas, inclusive ao clube, por aceitar a restrição imposta, e colocou como necessária uma articulação entre todas as torcidas para tentar reverter as “diretrizes criminosas”.

Torcedores sempre questionaram a própria criminalização e resistiram a essa perspectiva de que são “potenciais encenqueiros”. Em fóruns, costumam usar a frase: “se você tratar torcedores como animais, eles vão agir como animais” (Numerato, 2018, p. 14). Entendemos, na esteira dessas discussões, que não se deve falar em violência no futebol com explicações simplistas. Gallegos (2017) defende que é necessário evitar leituras reducionistas ou denúncias apocalípticas, e abordar o problema com postura crítica, indo além do nível empírico-descritivo dos fatos. Porém, a realidade é justamente a contrária: a temática tem sido

discutida em discursos jornalísticos e políticos com interpretações de tom estigmatizador e “su acción es reducida a la aparición imprevisible de agentes que deben ser excluidos – del estadio e de la sociedad” (Alabarces, 1998, p. 10).

Assim como todos os outros reveses do futebol discutidos neste trabalho, a violência não pode deixar de ser examinada junto ao contexto social. Para Alabarces (1998), o problema remete à persistência de uma prática de formas mais complexas e menos reconhecíveis da política repressiva de ditaduras, que mostra o agravamento de uma forma máxima de violência social que é a exclusão, a expulsão do mercado de trabalho, a privação de saúde e de educação. Portanto, simplificar a solução com a opressão indica “el racismo y la discriminación de un discurso periodístico, que refugia su falta de respuestas en el lugar común” (Alabarces, 1998, p. 10). Visão compartilhada também por Pinheiro (2020), para quem deve ser levado em consideração a complexidade desses agrupamentos, de cultura juvenil e sociabilidades construídas no espaço urbano.

Ainda sobre as temáticas da violência e exclusão de torcedores, Toledo (2014, p. 318) diz que

Esse recuo do espaço de expressão, da experimentação torcedora coletivizada, perda do espaço da rua, da sociabilidade e das boas histórias vividas com pessoas como o Carlinhos, tudo em troca de um racionalismo seguro, asséptico e individualista que se quer imputar à emoção torcedora e a todos os excessos inevitáveis decorrentes da experiência coletiva de torcer cumpre, isto sim, uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores. Se não em relação aos direitos assegurados juridicamente, num mercado consumidor de espetáculos esportivos, do qual mais ou menos todos somos levados

a usufruir, ao menos em relação à redução do espaço lúdico existencial que formatou e que ainda segue fabricando pessoas torcedoras e seus nomes espetaculares, os xamãs extravagantes e os torcedores de rua por todos os cantos das cidades brasileiras.

O processo de criminalização e transformação dos estádios de futebol em “espaço seletivo”, embora cada vez mais acelerado, não acontecerá sem resistência e questionamentos, pelo menos por uma parte dos sujeitos envolvidos, como alguns exemplos que aqui mencionamos. Guilhon (2017, p. 98-99) indaga se as disposições legais, a nova configuração dos estádios e preço das entradas vão conseguir mudar o comportamento dos torcedores, ou, “reformulando a questão proposta jocosamente pelo ex-jogador Garrincha, será preciso perguntar: o senhor já combinou com os torcedores?”.

É importante frisar, no entanto, que os movimentos contra essa transformação no esporte enxergam o conceito de formas bastante distintas. Como explica Vimieiro (2016), não se pode ignorar que as respostas de torcedores a tais processos e mudanças podem ter relação com velhas tradições opressivas como xenofobia, machismo, sexismo e nacionalismo. Em análises de páginas de movimentos contra o futebol moderno, Vimieiro *et al.* (2019) identificaram que as “tradições” foram interpretadas por alguns grupos durante a eleição presidencial de 2018 tanto tendo ligação com o candidato Fernando Haddad, mais progressista e que se oporia à mercantilização da vida, como com o candidato Jair Bolsonaro, que defende tradição como algo conservador, assim, mesmo em meio aos MCFM (Movimentos contra o Futebol Moderno), pode haver

a incorporação de discursos antidemocráticos. Conforme Vimieiro *et al* (2019, p. 4):

as críticas ao futebol moderno podem tanto ser um movimento na direção da desnaturalização do modelo “moderno” de futebol como única possibilidade – o que configuraria um tipo de politização por parte dos torcedores – quanto a defesa do tradicional como único modo de vivência – o que configuraria o que é chamado de despolitização. Essa perspectiva, acreditamos, ultrapassa o dicotomismo das perspectivas da Incorporação/Resistência e consegue problematizar a emergência de discursos anti-democráticos em meio a movimentos como os MCFM, além de complexificar o entendimento que o “tradicional” pode ter em movimentos de resistência ao neoliberalismo.

Lopes e Hollanda (2018) também evidenciam esse fato em páginas do *Facebook* dedicadas às torcidas organizadas, nas quais os autores enxergam reações violentas em posts contra a homofobia e o machismo e comentários que sugerem que o enfrentamento ao futebol moderno seria também se contrapor ao chamado “politicamente correto”.

Ressaltamos, porém, que não parece ser o caso das quatro torcidas que são sujeitos desta pesquisa. Nas publicações que tratavam do tema dentro do recorte temporal escolhido, não identificamos qualquer espécie de reclamação por grupos considerados minoritários estarem ocupando espaço no esporte. Pelo contrário, veremos no próximo tópico que essas torcidas apoiam a inclusão e a diversidade, mesmo

que de maneira menos intensa em relação ao número de postagens de outros temas.

Mas antes de passar às pautas sociais, é válido discutir ainda a questão da rivalidade clubística. Se o clube é tão importante, como foi demonstrado pelas postagens dos torcedores sobre o tema e os quatro são fortes rivais no cenário do futebol nacional, que lugar a rivalidade ocupa na militância social e política? O antagonismo com outros clubes foi considerado de alguma forma em 2020 por três dos quatro grupos: Palmeiras Antifascista e Santos FC Antifascista fizeram apenas uma publicação cada um e Bonde do Che exteriorizou isso 62 vezes. A maioria das postagens é em tom de brincadeira, mas algumas trazem questões mais críticas.

Nos Jogos Olímpicos existem, em geral, baixos níveis de rivalidade, por conta de as atuações serem individuais. Mas nas partidas de futebol a coletividade dos times representa identidades geográficas e culturais, o que gera oposições binárias e “da mesma maneira, os clubes de futebol estabelecem identidades culturais por meio da rivalidade e da oposição. As mais puras rivalidades crescem entre clãs municipais” (Giulianotti, 2010, p. 26).

Tal rivalidade, segundo escreveram Lopes e Hollanda (2018) não atrapalharia a militância, visto que o ideário político se sobrepõe às rivalidades clubísticas, possibilitando a convivência. De fato, percebemos a aproximação de torcidas, indo a manifestações juntas, escrevendo manifestos coletivos, entre outras situações, mas em outros casos, isso foi empecilho também. No penúltimo tópico, ao discutir pautas políticas e falar dos protestos de 2020, mostraremos como a rivalidade acabou causando inquietação, dúvidas e falta de confiança nos grupos sobre a participação, tanto que mesmo aqueles que foram relatam que passaram por alguns conflitos e

xingamentos envolvendo torcedores rivais (Grilo; Nina; Iamin, 2020).

Gomes (2020) enxerga a possibilidade de despolitização com níveis elevados de rivalidade. A “armadilha identitária”, segundo ele, é uma das principais forças reacionárias que impedem o crescimento da militância de torcidas. Em sua pesquisa, entrevistou a Palmeiras Antifascista e a Palmeiras Livre. A primeira afirmou que o clubismo era um entrave com algumas torcidas; já a segunda citou especificamente o Bonde do Che como esse obstáculo. Por isso, o pesquisador acredita que o BDC comete um erro ao tentar se distanciar das torcidas antifascistas, de dizer que a militância apenas a internet não é real e fazer postagens direcionadas especificamente ao Palmeiras, sua história e torcida.

De fato, grande parte das publicações do BDC nesse sentido é voltada ao Palmeiras, em várias delas, por exemplo, fazem a ligação negativa entre o clube e Bolsonaro – que é palmeirense e já foi até convidado a comemorar título com os jogadores em campo. Segundo o Jornal do Comércio (2018), depois de ter acompanhado o jogo em camarote, ele distribuiu as medalhas de campeão brasileiro aos jogadores, ergueu o troféu durante a festa e foi ovacionado pela maioria do público.

O Bonde do Che em nenhum momento nega essa rivalidade. Em postagem de 16 de setembro de 9 de junho de 2020 ironiza com fotos de atletas do FC St. Pauli chutando a bandeira do Hamburgo, equipe rival: “aparentemente o St. Pauli não aprendeu nada com as experientes torcidas antifas brasileiras: o correto seria dar um longo beijo na bandeira do rival e depois tirar uma foto juntos, ‘em nome do antifascismo’” e terminam dizendo que são “clubistas até os ossos e bandeira de rival, para nós, é mictório”. O clube alemão

e sua torcida são famosos por se posicionar contra o racismo, fascismo e qualquer tipo de discriminação, por isso têm a simpatia de muitos torcedores de esquerda (Wenzel, 2021).

O BDC faz outras críticas, como na figura 24, em que sugere que dizer que “clubismo é uma forma de microfascismo” seria ser “fresco”.

Figura 24: Charge compartilhada pelos tricolores



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Figura 25: Notícia e comentário do BDC sobre ajuda a corinthiano



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Mas até onde essa rivalidade importa para os tricolores? Em 9 de maio, compartilharam uma notícia de que uma torcida do São Paulo havia auxiliado um corinthiano a reencontrar a família depois de 12 anos. Na legenda parabenizam a organizada e escrevem que “perpassar os aspectos nocivos do clubismo não é ficar pagando simpatia pra rival, é ajudar quem precisa sem olhar a cor da camisa”.

Apesar de reclamar dessa questão, a Palmeiras Antifascista também tem alguns problemas quando o assunto é rivalidade. Ao rebaterem críticas sobre o posicionamento de

não se misturar com a torcida do Corinthians em protesto, fizeram o seguinte comentário:

Aos que chegaram agora no corre e colocaram filtro antifa no perfil, um aviso: nós, como coletivo, torcida, grupo ou seja qual for a denominação, sempre estivemos na caminhada junto a outros coletivos de esquerda. Estamos há mais de seis anos nessa cena, quem tá ligado sabe qual a nossa caminhada não só ideológica, mas também em termos de cultura de arquibancada. Quem se diz "decepcionado" ou algo assim, desconhece o futebol brasileiro e as fitas e tretas que o circundam. Esse papo de "vamos nos unir", etc, pode soar bonito no *Facebook*, mas a realidade é bem diferente. Por isso reiteramos: sabemos as caminhadas que nos unem e as que nos diferenciam de outros clubes. A luta contra o fascismo é todo o nosso foco, mas nunca abandonando a realidade, as peculiaridades das organizadas e as fitas de décadas e décadas que rolam no futebol. Aos antifascistas de ocasião, nosso profundo desprezo; aos que querem somar na luta e brigar contra os nazis, respeitando e entendendo o contexto de quem há décadas representa a classe trabalhadora no futebol (organizadas), nossa solidariedade (Palmeiras Antifascista, 2020).

Muitos aspectos levantados pelos palmeirenses são aqueles criticados por Gomes (2020) no BDC, conforme supracitado. Todavia, mesmo as torcidas considerando isso como mais importante ou não, as organizações conjuntas têm

acontecido. Em 2020, talvez não tenha sido um grande exemplo, mas em novas manifestações em 2021, as quatro torcidas fizeram chamamento em suas páginas para que os seguidores participassem.

Uma organização coletiva, aos olhos de Lopes (2018), é, no contexto do futebol, a mais capaz de gerar desafios aos grupos dominantes, pois chama mais atenção, gera engajamento e pode ganhar o apoio da sociedade e até mesmo dos elaboradores de políticas públicas. O autor traz o exemplo da manutenção das “gerais” nos estádios alemães, que foi possível somente com a mobilização de grupos de torcedores ultras. Sem tal trabalho grupal, “destituímos esse conceito de força analítica e política, o que é conveniente para a reprodução da ordem social dominante” (Lopes, 2018, p. 195).

Isso não quer dizer deixar a rivalidade clubística de lado, fingir que ela não existe ou não é importante dentro da cultura do futebol, mas saber quando é necessário passar por cima disso, o que, “certamente contribui para empoderá-los e convertê-los em um desafio mais efetivo aos grupos dominantes” (Lopes; Hollanda, 2018, p. 226).



Torcida que acolhe: futebol sem preconceitos

É preciso desnaturalizar as formas de preconceito, a partir do entendimento de que os gritos e outras manifestações de cunho homofóbico colaboram para reafirmar um caráter negativo à homossexualidade e um lugar de inferioridade para aqueles que destoam das normas de gênero e da heterossexualidade. Para isso, entendendo o estádio de futebol como espaço institucionalizado e de vivência pedagógica, necessitamos de políticas inclusivas aos torcedores, e aí não só aos gays, mas também, aos mais pobres, às mulheres, aos idosos, às crianças, e a todos aqueles e aquelas que têm sido prejudicados nas suas respectivas permanências nos estádios e desejam estar lá dentro.

José Aelson da Silva Júnior

O ativismo de torcedores existe nos aspectos futebolísticos, do qual tratamos no capítulo anterior, e o ativismo por meio do futebol, que usa o esporte como meio para abordar questões políticas e sociais mais amplas (Numerato, 2018). Agora, neste capítulo, daremos atenção às pautas sociais, nas quais inserimos os assuntos relacionados às ações solidárias, ao antirracismo, à causa indígena e às causas feministas/LGBTQIA+, com a intenção de compreender a relevância dessas pautas para os coletivos e como eles as abordam. Todavia, é importante recordar que essa divisão entre os três tipos de pautas se deu para auxiliar na apresentação do conteúdo pois, de certa forma, todas são, em maior ou menor grau, pautas políticas. No quadro 5, utilizamos os números já mostrados no capítulo anterior, de publicações das torcidas no *Facebook* em 2020, mas com o recorte apenas dos assuntos que serão discutidos neste tópico.

Quadro 5: Pautas sociais apresentadas pelos torcedores

Tema	Bonde do Che	Coletivo Democracia Corinthiana	Palmeiras Antifascista	Santos FC Antifascista	Total
Ações solidárias	58 / 7,3%	19 / 6,1%	9 / 7,3%	5 / 2,8%	91
Antirracismo	41 / 5,2%	9 / 2,9%	10 / 8,1%	21 / 12%	81
Causa indígena	5 / 0,6%	2 / 0,6%	11 / 9%	0 / 0%	18
Causas feministas/LGBTQIA+	12 / 1,5%	8 / 2,6%	11 / 9%	2 / 1,4%	33
Total	116	38	41	28	223

Fonte: Dados da pesquisa

Alguns torcedores enxergam o futebol como algo que pode ser utilizado para gerar solidariedade e fomentar iniciativas de educação e desenvolvimento e também para contestar estereótipos relacionados às minorias. Desta forma,

o ativismo não se limita ao esporte mas é visto como um veículo para transformações sociais maiores, enfrentando, muitas vezes, racismo, machismo, homofobia e xenofobia, que são reproduzidos na cultura do futebol (Numerato, 2018).

Por isso, os coletivos e antifas acabam tendo sua torcida questionada e sendo inferiorizados por aqueles que se consideram reais torcedores. Não são raras “críticas de que suas ações visam ‘misturar política com futebol’ ou, até mesmo, que se tratam de páginas criadas por torcedores rivais com o propósito de ridicularizar o time em questão” (Pinto, 2017, p. 87).

Porém, questões relacionadas a ajuda humanitária para alguns grupos costumam ter uma boa recepção por parte da maioria da torcida e é disso que vamos falar primeiro. As *ações solidárias* aqui colocadas referem-se a publicações com o intuito de divulgar projetos ou atividades pontuais com o objetivo de arrecadar alimentos, dinheiro ou outro tipo de ajuda para comunidades e famílias em situação de vulnerabilidade social, sendo essas ações de iniciativa da própria torcida ou de outros grupos e entidades que eles pretendem auxiliar com a divulgação. Ao todo, os quatro grupos publicaram 91 vezes sobre isso, sendo o Bonde do Che, com 58 postagens, o mais ativo sobre o tema. Nas imagens a seguir vemos alguns exemplos de *ações solidárias* realizadas ou apoiadas pelas torcidas.

Figura 26: Rifa do BDC



Fonte: Facebook Bonde do Che

Figura 27: Campanha apoiada pelo CDC



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthiana

Figura 28: Rifa Palmeiras Antifascista



Fonte: Facebook Palmeiras Antifascista

Figura 29: Torcida do peixe compartilha convocação



Fonte: Facebook Santos FC Antifascista

Na figura 26, publicada no dia 3 de setembro, o Bonde do Che anuncia uma rifa que visava arrecadar dinheiro para a compra de 100 cestas básicas. Na legenda, eles afirmam que

Quem nos conhece sabe que não paramos desde que a pandemia começou, sempre tentando ajudar quem precisa, às vezes

por nossa conta, muitas vezes em parcerias (Consulado de Cuba em SP, MST e outros conhecem nossa atuação), mas o tempo passou, as medidas de isolamento não foram respeitadas, e não há qualquer previsão de volta à normalidade. A crise do coronavírus se mantém e a crise econômica se agrava. Não temos mais braço para continuar o nosso trabalho sem a ajuda de vocês. Frente a isso, um dos nossos integrantes decidiu se desfazer de um de seus bens mais preciosos: um Agasalho Bordado Che, atualmente fora de catálogo na loja oficial da Torcida Independente, absolutamente zerado, que servirá como premiação desta nossa Rifa Solidária (Bonde do Che, 2020).

O BDC ainda divulgou várias outras ações para arrecadação e distribuição de alimentos, rifas solidárias e ainda outros assuntos como no dia 20 de setembro em que participaram do festival “Todos com Jorginho” que pretendia arrecadar fundos para uma criança que nasceu com paralisia cerebral e precisava de cuidados especiais, sempre ressaltando que o “direito de ser Independente nos dá o dever de ser solidários”.

A questão do aumento das vulnerabilidades sociais na pandemia de Covid-19 também foi uma preocupação para o CDC (Figura 27). Além de outras ações, como doação de sangue, eles apoiaram uma campanha da torcida organizada Camisa 12 para arrecadar dinheiro para a compra de cestas básicas. Na imagem, dizem ser uma “união em combate à fome e a Covid-19”.

A pandemia também impactou as comunidades indígenas, para além das ações consideradas insensatas por parte do governo brasileiro e que agravaram a situação desses povos, da quais trataremos mais adiante. Na figura 28, de 22 de maio, vemos a promoção de uma rifa pela torcida palmeirense a fim de conseguir recursos para compra de cobertores, roupas, alimentos e produtos de higiene. Em 30 de agosto também postaram sobre uma arrecadação de cobertores e roupas, com fotos dos itens sendo entregues em comunidades indígenas.

Tal dedicação das torcidas em relação às pessoas prejudicadas pela pandemia não surge sem motivo. O novo coronavírus escancarou as desigualdades sociais no Brasil. De acordo com relatório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), a pandemia provocou um aumento sem precedentes no nível de pobreza e extrema pobreza na América Latina, e uma piora nos índices de desigualdade e desemprego, com o total de pessoas pobres chegando a 209 milhões até o final de 2020, 22 milhões a mais que no ano anterior (CEPAL, 2021). No Brasil, onde a pobreza vinha crescendo desde 2015, a estimativa era de que em 2021, com a redução do auxílio emergencial – benefício aprovado pelo Congresso Nacional para garantir renda mínima aos brasileiros em situação de vulnerabilidade social durante a pandemia de Covid-19 – o país teria 61,1 milhões de pessoas vivendo na pobreza e 19,3 milhões na extrema pobreza. Isso significa 9,1 e 5,4 milhões a mais que em 2019, respectivamente (Carrança, 2021).

Outras situações, como o exemplo da Santos Antifascista (Figura 29), também apareceram. Em 5 de março, eles compartilharam uma publicação da Torcida Jovem que pedia doações e ajuda ao Corpo de Bombeiros para retirada de

escombros após um deslizamento na comunidade Morro do São Bento, em Santos. Também compartilharam, em 24 de março, um *link* de uma plataforma de financiamento coletivo com uma campanha do “Movimento Mães da Leste”, que buscava ajuda para que mães que tiveram seus filhos assassinados por agentes do Estado continuassem “em luta por justiça”. Os torcedores pediram: “compartilhe, ajude, fale sobre o tema, reflita sobre o genocídio promovido pelo Estado. Se puder, doe. O momento é complicado a todos, mas o Estado segue implacável contra os nossos” (Santos Antifascista, 2020).

É importante dizer que as *ações solidárias* não são exclusivas das antifas, há muito tempo as torcidas organizadas realizam esse tipo de trabalho, tanto que, como observamos, existem até parcerias entre elas. Outro assunto que não é novidade no futebol é o *antirracismo*. Mesmo sendo o ambiente esportivo extremamente racista, assim como a sociedade brasileira, as organizadas e clubes têm se posicionado sobre o assunto com mais frequência.

Para Giulianotti (2010), o racismo no futebol parece ser culturalmente universal, envolvendo tratamento abusivo e discriminatório. Em 2019, foram 67 denúncias no Brasil e apenas 10% dos envolvidos tiveram algum tipo de punição (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2020).

Em 2020, principalmente, o racismo foi assunto comentado no mundo todo por conta do caso George Floyd, assassinado pela polícia dos Estados Unidos. Os protestos de torcedores organizados e antifascistas em 2020, além de se manifestarem a favor da democracia, também se posicionaram contra o racismo. No Brasil, no mesmo ano citado, um homem negro foi espancado até a morte em um supermercado de Porto Alegre (G1, 2020).

Nas redes sociais, as torcidas antifas não se abstiveram de participar dessas discussões. Ao todo, foram 81 publicações das quatro torcidas em 2020 envolvendo o tema. Quem mais falou sobre o assunto foi o Bonde do Che, com 41 publicações.

Figura 30: Desenho compartilhado após protestos contra o racismo nos EUA



Fonte: Facebook Bonde do Che

Figura 31: Apoio do CDC a jogador da base estudando sobre racismo



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians

Figura 32: Torcedores apoiam a campanha “Vidas negras importam”



Fonte: Facebook Palmeiras Antifascista

Figura 33: Santistas comentam caso de racismo



Fonte: Facebook Santos FC Antifascista

Em 8 de junho, o Bonde do Che publicou um desenho (Figura 30), onde se vê escrito “Torcida Independente” e “fogo nos racistas” em referência ao prédio de uma delegacia em Minneapolis (EUA), incendiado por manifestantes revoltados com a morte de George Floyd. Além disso, em 5 de junho, os são-paulinos compartilharam uma publicação da Máfia Azul, torcida do Cruzeiro, que dizia que “racismo é ignorância” e incentivava a denúncia e apoio às vítimas. Também compartilharam uma notícia em que o vice-presidente da República Hamilton Mourão comenta sobre o caso do homem negro assassinado em um supermercado dizendo não haver racismo no Brasil. Na legenda, o BDC diz: “Bonde do Bozo (referência ao presidente Jair Bolsonaro) é só os coisão”, com as *hashtags* “vidas negras importam” e “justiça por Beto”. Ainda mostram apoio a uma ação do clube, em 22 de novembro, em que homenageavam personalidades brasileiras negras, como Zumbi dos Palmares, Milton Santos, Lima Barreto, Carolina Maria de Jesus, Elza Soares, entre outros.

Já o Coletivo Democracia Corinthiana (Figura 31) mostrou apoio ao jogador da base do Corinthians Gustavo Bertulino, de 14 anos, que em 2020 postou uma foto no *Instagram*, na qual aparece o livro “Pequeno Manual Antirracista” da filósofa Djamila Ribeiro, com uma frase de Angela Davis na legenda: “Não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. O coletivo escreve: “A base vem forte”. No dia 13 de agosto, também escreveram sobre um jovem negro assassinado pela polícia militar na capital paulista. Na legenda, dizem que “o genocídio do povo preto tem que acabar”. No dia 13 de setembro, participaram de um debate sobre futebol e racismo, do qual também participaram

os grupos Quilombo Invisível, Corinthians Antifascista e Palmeiras Antifascista.

O genocídio do povo preto também foi tema de discussão na Palmeiras Antifascista. Na montagem (Figura 32), dizem “vidas negras importam”, com a imagem de João Pedro, adolescente de 14 anos morto durante uma operação policial no dia 18 de maio de 2020, no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo. Na legenda, a página diz que manifesta luto pela vida interrompida a partir de ações do estado com o pretexto de guerra às drogas e que:

O povo preto é o principal alvo da bala da polícia. Todo ano, cerca de 45 mil pessoas negras são assassinadas no Brasil. Seja pelas vidas exterminadas a tiros, pelo feminicídio das mulheres negras ou pelo abandono dos serviços públicos de saúde, que agora se agravam na pandemia, em que uma pessoa negra tem 5 vezes mais chances de morrer que uma pessoa branca. O assassinato de João Pedro nos revolta e não será em vão. Vingaremos toda essa dor de seus familiares e continuaremos em luta permanente afirmando que as vidas negras importam! (Palmeiras Antifascista, 2020).

Os palmeirenses também publicaram sobre o caso George Floyd, em 28 de maio, na legenda da foto da delegacia de Minneapolis em chamas, com dizeres de que a polícia é racista, tem o intuito de proteger brancos e os seus patrimônios; portanto é necessário ser antirracistas, “combatendo nas ruas, lutando para que mais nenhum João

Pedro, João Victor, George Floyd, David Nascimento, entre tantos outros volte a morrer nas mãos de policiais”.

Já a torcida do Santos (Figura 33) se mostra revoltada com um comentarista de rádio que afirmou em transmissão que o atacante da equipe santista “é burro e está na senzala”. De acordo com os torcedores, “não são pedidos de desculpas que mudam o estrago diário e secular que os racistas causaram ao nosso povo”. Também comentaram o caso do homem assassinado em um supermercado, compartilhando a notícia de que manifestantes atearam fogo em uma das lojas do Carrefour. Afirmam que “a única forma de superar esse sistema genocida é com organização ideológica e atitude. Por todos os meios necessários” e que “não existe capitalismo sem racismo”.

Os santistas ainda compartilharam uma notícia do UOL (2020), em 18 de agosto, sobre o técnico Roger Machado, que lançava um projeto para publicar 50 livros de autores negros e indígenas. Na legenda, transcrevem parte da entrevista:

Quando minhas filhas eram pequenas, eu procurava livros para elas, de literatura infanto-juvenil, com autores e personagens negros, e tinha dificuldade de encontrar. Essa inquietação cresceu quando li o livro da Chimamanda Adichie que fala do perigo da história única, como é prejudicial ao país quando a história é contada só por um lado, o lado de quem detém os meios de produção do conhecimento.

Roger Machado tem sido umas das vozes ativas no mundo do futebol para denunciar e combater o racismo. Em

uma entrevista em 2019, reproduzida no Portal Terra (2019), ele diz que é preciso questionar e refletir,

Se não há preconceito no Brasil, por que os negros têm o nível de escolaridade menor que o dos brancos? Por que a população carcerária, 70% dela é negra? Por que quem morre são os jovens negros no Brasil? Por que os menores salários, entre negros e brancos, são para os negros? Entre as mulheres negras e brancas, são para as negras? Por que que, entre as mulheres, quem mais morre são as mulheres negras? (...) Para mim, nós vivemos um preconceito estrutural, institucionalizado. (...) Porque a responsabilidade é de todos nós, mas a culpa desse atraso, depois de 388 anos de escravidão, é do Estado, porque é através dele que as políticas públicas, que nos últimos 15 anos foram instruídas, que resgataram a autoestima dessas populações, que ao longo de muitos anos tiveram negadas essas assistências básicas, elas estão sendo retiradas nesse momento. Na verdade, esses casos que vêm aumentando agora, de aumento de feminicídio, homofobia, os casos diretos de preconceito racial, é o sintoma. Porque a estrutura social, ela é racista. Ela sempre foi racista (...) A gente precisa falar sobre isso. Precisamos sair da fase da negação. Nós negamos. "Ah, não fala sobre isso". Porque não existe racismo no Brasil, em cima do mito da democracia racial. Negar e silenciar é confirmar o racismo. Minha posição como negro na elite do futebol, é para confirmar isso. O maior preconceito que eu senti não foi de injúria. Eu sinto

que há racismo quando eu vou no restaurante e só tem eu de negro. Na faculdade que eu fiz, só tinha eu de negro. Isso é a prova para mim. Mas, mesmo assim, rapidamente, quando a gente fala isso, ainda tentam dizer: "Não há racismo, está vendo? Você está aqui". Não, eu sou a prova de que há racismo porque eu estou aqui.

Com essa fala, o técnico se refere ao fato de que, na Série A do Campeonato Brasileiro, na época, havia apenas dois treinadores negros (Pires, 2019). O racismo estrutural, citado por ele, é uma forma sistemática de discriminação que leva a desvantagens ou a privilégios conforme o grupo racial, estando na configuração da sociedade e nem sempre sendo consciente. Como refletiu Roger Machado, é realmente necessário falar sobre isso, assim como fazem as torcidas aqui citadas pois, no Brasil, a raça ainda define quem está em situações privilegiadas ou não, sendo fator de exclusão social de um grupo já ignorado durante a história do país (Almeida, 2018; Bersani, 2018).

Ainda na temática do *antirracismo*, também incluímos questões relacionadas aos refugiados e imigrantes, assunto presente nas torcidas antifascistas em geral – muitas carregam faixas e fazem publicações com a frase “Refugiados são bem-vindos” – e que ainda gera controvérsias nas torcidas, por ser considerada uma discussão “polêmica”. Isso porque, os refugiados e imigrantes seriam, na visão da sociedade, a personificação do colapso da ordem, a lembrança da própria vulnerabilidade de cada cidadão, principalmente com a flexibilização e precarização do mercado de trabalho. E, com a recente migração em massa, aumentam também a xenofobia,

o racismo e o nacionalismo, levando, em muitos países, a um sucesso eleitoral de partidos e movimentos com esse teor (Bauman, 2017).

O Brasil, nos últimos anos, recebeu milhares de imigrantes e refugiados, a princípio do Haiti e, depois, com a crise política e econômica na Venezuela, muitos cruzaram a fronteira para tentar uma vida melhor no país. De acordo com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (2020), o número de imigrantes com carteira assinada cresceu em 168% em 10 anos no Brasil. Cerca de 43 mil estrangeiros vivem com a condição de refúgio, sendo 90% da Venezuela (Vidigal, 2020). Neste contexto, é importante lembrar que o presidente Jair Bolsonaro, eleito em 2018, disse em 2015, quando era deputado federal, que os refugiados que chegavam ao Brasil eram a “escória do mundo” (Azevedo, 2015). Em 2019, revogou a adesão do Brasil ao Pacto Global para Migração Segura, Ordenada e Regular, com o argumento de “preservar valores nacionais” (Gonçalves, 2019) e, ainda no ano citado, disse que via com bons olhos a construção de um muro na fronteira entre Estados Unidos e México, proposto por Donald Trump, então presidente dos EUA, afinal, arremata Bolsonaro, “a maioria dos imigrantes não têm boas intenções” (Resende, 2019).

Portanto, não é surpresa que o assunto tenha surgido na agenda das torcidas. Em 26 de dezembro, a Santos FC Antifascista publicou uma notícia sobre venezuelanos em abrigo de Roraima que haviam recebido recado de Soteldo, venezuelano e então jogador do clube, e uniformes do Santos. Na legenda, escrevem que imigrantes são bem-vindos, com uma bandeira da Venezuela, uma bandeira do Brasil e o *emoji* de aperto de mãos entre as bandeiras, sinalizando a união.

No dia 20 de junho, Dia Mundial do Refugiado, a Palmeiras Antifascista fez uma postagem com fotos da Copa dos Refugiados 2018. Na legenda, trazem números sobre deslocamentos forçados de pessoas pelo mundo e afirmam que o discurso nacionalista, impulsionado pelo fortalecimento da ideologia fascista, culpa os refugiados pela crise mundial, “enquanto esconde a real responsabilidade do neoliberalismo sobre as perdas de direitos”. Segundo eles, a Palmeiras Antifascista

tem sua identidade forjada pelo amor a um clube originário de imigrantes operários, que sofreu constantes afrontamentos xenófobos ao longo de sua história, bem como na luta permanente pelo fim das injustiças sociais causadas pelas diversas formas de opressão do Estado burguês, solidariza-se com todxs refugiadxs e deslocadxs. Através da entrega de comida e material de limpeza apoiamos refugiados em estado de vulnerabilidade financeira na cidade de São Paulo. Temos, também, marcado presença nas arquibancadas da Copa dos Refugiados desde 2017 criando amizade com a ONG África do Coração, que a organiza, e ampliando as discussões em direção a uma maior visibilidade do tema de deslocamento populacional (Palmeiras Antifascista, 2020).

No dia 25 de junho, o Bonde do Che também lembrou o Dia do Refugiado e o Dia do Imigrante, com foto de faixa sobre o tema que, de acordo com eles, levam para as

arquibancadas há anos. Na legenda dizem que “todos são bem-vindos”.

Outro assunto muito discutido no Brasil recentemente é a *causa indígena*. Muito por conta, também, da postura de Jair Bolsonaro em relação aos povos indígenas. Ele é o primeiro presidente brasileiro em 35 anos a não demarcar nenhuma terra indígena ou reserva ecológica (Gortázar, 2021) e defende que essas terras sejam abertas para atividades como mineração e agronegócio (Fellet, 2020). O presidente, assim como ruralistas, tem defendido o “marco temporal”, que prevê a reivindicação de terras pela população indígena apenas se estas foram ocupadas antes da promulgação da Constituição de 1988, não considerando aqueles que foram expulsos dos locais (G1, 2021). Em 2021, indígenas de várias regiões do país protestaram contra essa medida.

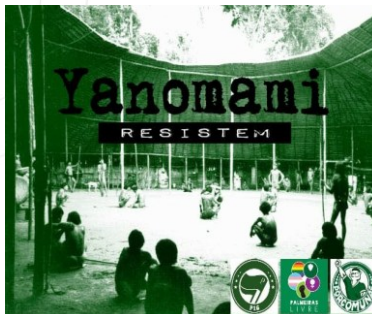
Entre as torcidas, quem mais falou sobre o tema foi a Palmeiras Antifascista, com 11 publicações. Ao falar sobre *ações solidárias* mostramos um pouco do engajamento desses torcedores na causa. O BDC fez 5 postagens e CDC fez 2. A Santos FC Antifascista não publicou sobre a *causa indígena* no *Facebook* em 2020.

Figura 34: Torcida do Palmeiras
leva faixa ao estádio



Fonte: *Facebook Palmeiras Antifascista*

Figura 35: Torcida do Palmeiras
escreve sobre os Yanomamis



Fonte: *Facebook Palmeiras Antifascista*

Figura 36: Foto publicada pelo
BDC



Fonte: *Facebook Bonde do Che*

Figura 37: Montagem da torcida
do Corinthians



Fonte: *Facebook Coletivo Democracia Corinthians*

Em 11 de março (Figura 34), a torcida palmeirense publicou foto de membros, com os rostos borrados, em um jogo do Palmeiras, carregando a faixa “Palmeiras Jaraguá é Guarani”, a fim de chamar atenção para o debate e mostrar solidariedade à resistência indígena Guarani na comunidade do Jaraguá. De acordo com a Palmeiras Antifascista (2020),

Depois do corte de centenas de árvores nativas realizados pela empresa Tenda, o povo Guarani Mbya decidiu ocupar o local, que fica ao lado da aldeia mais antiga da Terra Indígena, visando evitar a derrubada de mais árvores e proteger uma das pouquíssimas áreas restantes de Mata Atlântica em São Paulo. O objetivo da empresa Tenda, financiada pelo Banco Itaú, é a derrubada de cerca de 4 mil árvores com o objetivo de construir um condomínio no local. A ação da empresa não possui licenciamento ambiental registrado na Companhia Ambiental do Estado de São Paulo (Cetesb) ou no Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). (...) O objetivo dos Guarani é fazer um Parque Ecológico na área, levando o conhecimento técnico de permacultura e plantio para a população. Desde ontem (10) os Guarani desocuparam o local para que não houvesse ação de reintegração de posse, fazendo acampamento em frente ao local, visando impedir qualquer ação por parte da empresa Tenda. Estes pedem apoio e presença de mais pessoas no local. A Palmeiras Antifascista se solidariza à luta da comunidade indígena, o Antifascismo se faz nas ruas e estamos presentes. Quem puder contribuir será muito bem-vindo. Jaraguá é Guarani!

Em 21 de abril (Figura 35), falaram sobre a história e resistência do povo Yanomami, em texto conjunto com Palmeiras Livre e Porcomunas, entre outras postagens sobre *causa indígena*.

O Bonde do Che, em 20 de abril, publicou uma foto de um indígena com o escudo do São Paulo Futebol Clube desenhado no peito (Figura 36). Na legenda trazem um texto de 2017 da jornalista e escritora Rosana Bond, com o título “‘Dia do Índio’: povos nativos valem menos que vacas?” e no qual se discute a resistência aos “conquistadores” no passado e no presente, além do valor desses povos aos olhos do homem branco, principalmente do agronegócio que, segundo o texto, tem mais terra para as vacas do que receberam os indígenas para viver. O texto ainda fala sobre o suicídio desses povos, muito maior que a média da população brasileira em geral. Depois, a torcida comenta: “nada mudou, exceto para pior”.

Já o CDC (Figura 37) publicou uma montagem com fotos de jogadores de origem indígena e pessoas de comunidades indígenas, no dia 9 de agosto, Dia Internacional dos Povos Indígenas. Na legenda, dizem que o país havia ultrapassado 100 mil mortes por Covid-19 e, proporcionalmente, o dobro de indígenas estavam morrendo. Antes, no dia 3 de janeiro, haviam publicado a foto de um índio ferido no rosto com o texto: “regime bolsonarista: esta virou a rotina dos irmãos indígenas”.

Até março de 2021, mais de mil indígenas haviam morrido em razão da pandemia e 163 povos já haviam sido afetados (Biasetto, 2021). O impacto disso vai além das vidas e da perda das famílias e comunidades. Líderes indígenas mostravam preocupação porque a morte de anciãos estava ameaçando a língua materna de extinção (Langlois, 2020).

Uma questão já comentada no primeiro capítulo, mas que continua a causar impacto em diversos outros setores da sociedade é a das *fake news*. No contexto dessas populações não é diferente. Além de informações falsas sobre a vacinação recebida por aplicativos de mensagens, as falas de Jair

Bolsonaro contra a vacina também afetaram negativamente (Oliveira, 2021). Pastores que “trabalham” próximos aos indígenas também reforçaram narrativas antivacina, com mensagens de que o imunizante seria “coisa do demônio” ou que alteraria o DNA (Mandelli, 2021), fazendo com que muitos recusassem a vacina e ficassem mais vulneráveis ao vírus.

Para além da pandemia, vale lembrar que a taxa de assassinatos de indígenas aumentou mais de 20% em dez anos. Entre 2009 e 2019, mais de 2 mil deles foram mortos (Acayaba e Arcoverde, 2021). Isto é, temos um problema conjuntural que marca a sociedade brasileira.

Outro assunto que destacamos entre as discussões das torcidas foram as *causas feministas/LGBTQIA+*. No futebol, segundo dados do Observatório da Discriminação Racial (2020), em 2019, além dos casos de racismo, foram 28 ocorrências relacionadas à homofobia e 8 ao machismo. Ao todo, as quatro torcidas se manifestaram 33 vezes sobre esses assuntos, sendo 12 publicações do Bonde do Che, 8 do Coletivo Democracia Corinthiana, 11 da Palmeiras Antifascista e 2 da Santos FC Antifascista.

De acordo com Pedroso (2019), a misoginia e os padrões machistas de socialização geram atos violentos, que vão desde desqualificações até assassinatos, principalmente para a população trans. Ademais, o Brasil é o país que mais mata LGBTs no mundo, portanto, é necessário discutir a dignidade e os direitos humanos dessas pessoas.

Historicamente, o ambiente do futebol é marcado por discursos e práticas que pregam a heterossexualidade e a masculinidade como próprias do esporte, excluindo e afastando aqueles que não se encaixam nesse padrão, com o discurso de que é necessário ser “homem de verdade” para

estar nesse meio (Alabarces, 2014). Muitas pessoas expõem sem pudor, principalmente na internet, incômodo e preconceito, dizendo que o futebol seria exclusivamente para homens e que ações voltadas às mulheres e à comunidade LGBT seriam “mimimi do politicamente correto” tentando acabar com o “verdadeiro futebol” (Pinto, 2017). Essas pessoas ignoram que o esporte era praticado quase somente pelas elites de descendência europeia e é perpassado “por lutas pelo direito de jogar bola e de torcer, pelo direito de ser reconhecido como jogador e torcedor de futebol” (Pinto, 2017, p. 18). Essa tentativa de exclusão,

Pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do “inabitável” é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (Butler, 2000, p. 112).

Embora os clubes tenham ensaiado recentemente uma certa mudança em relação a assuntos de gênero e sexualidade, a resistência para que mulheres e população LGBTQIA+ não usufruam desse “status de sujeito”, nas palavras de Butler, ainda está muito presente.

Um dos momentos mais marcantes do futebol masculino no Brasil sobre esta temática foi uma ação do Vasco

da Gama para o Dia Internacional do Orgulho LGBT, em 2021. A equipe jogou com uniforme no qual havia uma faixa frontal com as cores do arco-íris (representando a bandeira LGBT) e German Cano, atacante argentino do clube, ao fazer um gol, arrancou a bandeira de escanteio, também com as cores do arco-íris e a ergueu na comemoração. Ao falar sobre o assunto, em entrevista ao programa esportivo Bem Amigos, do canal SporTv, ele disse que o primeiro pensamento ao fazer o gol foi em levantar essa bandeira porque

hoje está acontecendo muita coisa ruim (...). As pessoas são todas iguais e é preciso respeitar, é preciso ter igualdade de condições para todo mundo, independentemente do que goste ou que não goste (...). E depois, em sua vida pessoal, cada um pode fazer o que quiser sem nenhum problema, sem morte, sem feminicídio, sem violência, esse monte de coisa que acontece no dia a dia. E eu comemorei assim para que seja algo bonito para a humanidade.

O jogador disse ainda que acha que o gesto foi um marco e foi importante para muita gente, porque recebeu muitas mensagens de apoio. Entretanto, dentro do próprio Vasco, houve quem não gostou da homenagem realizada pelo clube. No dia do jogo, o zagueiro e capitão da equipe, Leandro Castán, publicou no *Instagram* uma passagem bíblica dizendo: “sejam férteis, multipliquem-se e encham a terra”. Depois, em entrevista, reforçou o pensamento homofóbico, usando a religião para se justificar e dizendo que não teve sua “opinião” respeitada e que foi “obrigado” a usar a camisa com referência ao movimento LGBTQIA+ (Isto é, 2021).

Mesmo no futebol feminino – ambiente de tolerância e de respeito muito maiores às diferenças – acontecem casos de homofobia. Em uma publicação sobre o ator Paulo Gustavo, homossexual e umbandista, vítima da Covid-19 em maio de 2021, a atacante Chú, do Palmeiras, comentou que ele iria “para o inferno”. Mas, diferentemente do que acontece no futebol masculino, dezenas de jogadoras se manifestaram nas redes sociais contra a fala preconceituosa da atleta. As jogadoras do Corinthians feminino fizeram gestos de corações com as mãos antes do início do jogo seguinte, contra o Palmeiras de Chú, para representar a liberdade do amor. No *Twitter*, o perfil da equipe publicou foto do momento dizendo “seja amor, seja como for, #timedetodos” (UOL, 2021).

No meio torcedor, como vimos, gênero e sexualidade ainda são grandes tabus. Muitas torcidas entoam cantos homofóbicos e machistas, atacam os adversários utilizando termos pejorativos e proíbem as mulheres de tocar instrumentos ou carregar bandeiras (Lopes, 2018).

Braga e Carauta (2020), em pesquisa sobre masculinidade em grupos de futebol no *WhatsApp*, constataram que são reproduzidas lógicas simbólicas de manutenção de uma “masculinidade idealizada”, a fim de garantir, mesmo que simbolicamente, *status* e poder hegemônicos. Por outro lado, a maioria das torcidas antifascistas e coletivos de torcedores(as), rejeitam totalmente ideias machistas e homofóbicas, como mostram Moraes e Bonfim (2017), Lopes e Hollanda (2018), Pinheiro (2020), Gomes (2020), Cerreia (2020), entre outros pesquisadores e pesquisadoras.

Para Pinheiro (2020), um dos principais pontos a ser compreendido nas torcidas antifascistas é o fato de não normalizarem a associação do futebol a uma cultura machista

e violenta, pois isso contribui para debates menos críticos e de normalização da cisheteronormatividade,

Risco este acentuado particularmente pelas tendências do campo político recente do Brasil, cuja proliferação do autoritarismo, do conservadorismo, da censura e do cerceamento das liberdades perpassa o futebol e atingiu as formas de expressão dos torcedores e os espaços do futebol. O recrudescimento do debate político nas torcidas entre o final do século XX e o início do XXI possibilita problematizar a instituição, a reprodução e a massificação das torcidas antifascistas enquanto alternativa urgente para que a cultura machista e violenta do esporte não seja naturalizada, instituindo a pauta democrática contra a homofobia, o racismo e a violência contra a mulher (Pinheiro, 2020, p. 35-36).

Isso porque ao banalizar o esporte como espaço masculino, certos comportamentos passam a ser esperados e até mesmo permitidos. Portanto, é necessário dar visibilidade ao assunto e “um lugar aos sujeitos ainda negligenciados na cena do futebol, sobretudo mulheres e homossexuais” (Silva Júnior, 2018, p. 37).

Figura 38: Torcida do São Paulo compartilha publicação do time



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Figura 39: Publicação do CDC no Dia Internacional do Orgulho LGBT



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthians

Figura 40: Campanha #FutebolsemLGBTfobia



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 41: Torcida do Santos quer “arquibancadas livres”



Fonte: *Facebook* Santos FC Antifascista

Em 17 de maio (Dia Internacional contra a Homofobia), o BDC compartilhou uma publicação do São Paulo Futebol Clube (Figura 38) com o escudo do clube, a palavra “respeito” e, abaixo do nome da data, as cores da

bandeira LGBT. A legenda dizia que o clube repudia a homofobia em todas as suas formas de manifestação e que o amor jamais deve ser motivo para ódio. Sobre isso, os torcedores escreveram: “Devemos respeitar a todos. Parabéns, São Paulo FC”. Em 20 de Novembro, ao homenagear personalidades negras do clube pelo Dia da Consciência Negra, lembraram do jogador Richarlyson, que “enfrentou racismo e homofobia ao longo de toda sua carreira, mesmo nunca tendo declarado-se abertamente homossexual” (Bonde do Che, 2020).

Já citamos Richarlyson anteriormente como alvo de homofobia por parte de torcidas. Observando tudo que ele sofreu, algum jogador teria coragem de dizer publicamente que é homossexual? Até hoje não identificamos uma manifestação nesse sentido no Brasil, apesar de o próprio Richarlyson, depois de já aposentado do futebol, ter se declarado bissexual. Segundo Silva Júnior (2018), quando boatos sobre homossexualidade no futebol vem à tona não chegam a aquecer o debate ou promover espaço para discussões sobre preconceito nesse universo porque os profissionais continuam “no armário”, pelo risco de terem suas carreiras interrompidas, por medo da falta de oportunidades, além da exposição de intimidade e indisposição com torcedores.

O CDC compartilhou em 28 de junho, Dia do Orgulho LGBT (Figura 39), uma postagem dizendo “tire a LGBTfobia de campo”, com a legenda: “pelo direito de existir, de amar e de torcer” e explica a origem da data. Em campanha parecida, a Palmeiras Antifascista pede “Futebol sem LGBTfobia” (Figura 40) e diz que “o Palmeiras nasceu das diferenças e por elas vai continuar existindo”.

A Palmeiras Antifascista também compartilhou, em 31 de janeiro, uma publicação da Palmeiras Livre, com fotos de

pessoas de vários clubes colocando a camisa 24, em apoio à campanha “Pede a 24”, lançada pela revista Corner para que jogadores passassem a usar a camisa 24 – número associado a homossexuais de forma pejorativa – contra a homofobia (Lobo, 2020). Pode parecer algo superficial, mas não no futebol brasileiro. É raro um jogador que escolhe jogar com essa camisa para não sofrer insinuações de que seria gay. No início de janeiro de 2020, ao ser contratado pelo Corinthians, o colombiano Víctor Cantillo, que usava a camisa 24, recebeu a camisa 8 da equipe e o diretor de futebol Duílio Monteiro Alves disse “24 aqui não” (Terra, 2020). Em 2021, a Seleção Brasileira foi a única da Copa América a não usar esse número e uma ONG entrou com uma ação na Justiça para que a camisa fosse utilizada, solicitando uma multa de 460 mil reais, para serem destinados a projetos sociais, caso o pedido não fosse atendido (Kampff, 2021), mas a Justiça arquivou o caso e descartou a aplicação da multa (Laurentiis; Almeida, 2021).

A torcida do Santos se manifestou no dia 17 de maio, publicando uma montagem com torcedores acendendo sinalizadores, a bandeira LGBT e abaixo faixas em preto e branco para representar as cores do clube. Na legenda escreveram: “arquibancadas livres”.

Para Silva Júnior (2018), é primordial falar sobre homofobia no futebol e dar visibilidade a diversas formas de preconceito, para que estigmas sejam destruídos pelo discurso de respeito às diferenças. Na situação das mulheres, não é diferente. Embora alterações no papel social da mulher tenham sido observadas nas últimas décadas, bem como mudanças políticas, sociais e econômicas, a desigualdade de gênero ainda é enorme e isso se reflete, também, nas arquibancadas (Oliveira, 2021). Ao pensar o futebol como identidade cultural de forma ampla

e parte da formação cultural e social do brasileiro/a no século XX, caberia a nós perguntamos sobre a “pouca participação das mulheres”. Ocorre que as problemáticas deste espaço são semelhantes àsquelas enfrentadas pelas mulheres no cotidiano social (Moraes; Bonfim, 2017, p. 4).

Do início da participação feminina nos estádios até hoje, a mulher é vista como forma de divulgar o evento. Mulheres com determinado padrão de beleza são chamadas para desfilar com o uniforme novo, divulgar a marca, mas raramente são valorizadas como atletas e torcedoras “que realmente se interessam, que não são alienadas, ou ainda, que não se interessem pelos jogadores de futebol” (Oliveira, 2021, p. 283). No meio torcedor, como explicam Braga e Carauta (2018), há ainda a questão de que a “jocosidade de gênero” é traço principal da sociabilidade, tratando a mulher como objeto sexual, à disposição do homem “hétero branco”.

Figura 42: São-paulinos se manifestam sobre caso Mariana Ferrer



Fonte: *Facebook* Bonde do Che

Figura 43: CDC se solidariza com jornalista ameaçada



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthians

Figura 44: Palmeirenses pela legalização do aborto



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 45: Publicação sobre mulheres



Fonte: *Facebook* Santos FC Antifascista

A torcida do São Paulo se manifestou (Figura 42), compartilhando uma ilustração da Torcida Independente, sobre o caso Mariana Ferrer, de grande repercussão no Brasil inteiro. Muitos clubes e torcidas publicaram sobre esse assunto depois de uma reportagem do *site The Intercept*, que causou revolta. Na matéria a jornalista Schirlei Alves conta que o advogado de defesa humilhou Mariana Ferrer na audiência e mostrou fotos sensuais da jovem para questionar a acusação e

estupro e que o promotor alegou que não era possível ao empresário André Aranha saber que ela não estava em condições de consentir, portanto, não havia a “intenção de estuprar”. Nas alegações finais não foi citada a expressão “estupro culposo”, que sequer existe na lei, mas foi utilizada pelo *site* para resumir o caso e explicar ao público.

Além da imagem, o BDC também compartilhou, em 9 de novembro, foto de André Aranha dizendo: “justiça no bolso do playboy. Promotor omissivo, advogado de defesa humilhando a vítima e juiz aplaudindo. Este é o Brasil dos ricos”. E ainda, *print* de um *tweet* do clube que repudiava a violência de gênero, afirmava que toda relação sexual sem consentimento é estupro e que falar em estupro não intencional seria desrespeitar as vítimas e abrir perigoso precedente.

Além deste assunto, também publicaram, em 24 de fevereiro, uma imagem com a frase: “Ela é namorada, esposa, irmã, filha de alguém”. Eles riscam “namorada, esposa, irmã filha de” para a frase ficar “Ela é alguém”, em referência ao fato de que se deve respeitar a mulher por ela ser um ser humano e não respeitar “o homem a quem ela pertence”. Na legenda dizem: “neste Carnaval, e em todos os dias, lembrem-se” e a *hashtag* #CarnavalSemAssédio.

No dia 17 de outubro, o CDC se solidariza com a jornalista Marília Ruiz (Figura 43), que estava sofrendo ameaças depois de se posicionar contra a contratação do jogador Robinho pelo Santos, acusado de estupro coletivo na Itália (e condenado em última instância, no início de 2022, a nove anos de prisão)⁵. Em 18 de dezembro, em outro caso de

⁵ Na transcrição dos grampos que levaram o jogador a ser condenado ele comenta que a mulher não sabia o que estava acontecendo, que estava completamente bêbada e fora de si e que, mesmo assim, todos praticaram

assédio de grande repercussão – no qual a deputada estadual do PSOL-SP, em plena sessão, foi vítima de importunação sexual por parte de Fernando Cury, do Cidadania, que passou a mão pelo corpo da deputada – o CDC publicou texto da ex-presidenta Dilma Rousseff sobre o caso, no qual ela afirma que o acontecimento é

uma revoltante repetição do que acontece na sociedade brasileira, todos os dias, o tempo todo, com milhões de mulheres, que são alvos de todo o tipo de abuso e violência de natureza sexual, física, emocional e psicológica. No caso da deputada Isa Penna, fica evidente a sordidez ao juntar, num mesmo gesto, a violência sexual e a violência política, afrontando uma deputada eleita que milita pelas causas em defesa dos direitos das mulheres. O atentado contra Isa Penna é um ato explícito de abuso sexual. É ainda uma ação torpe de desprezo à democracia. É um insulto contra todas as parlamentares e contra todas as mulheres brasileiras. O autor do abuso deve responder criminalmente, na justiça, e perder o mandato pelo crime cometido. Basta de violência contra a mulher. Basta de machismo e misoginia. Basta de impunidade para os abusadores e da omissão covarde dos que se acumpliciam com a violência contra a mulher.

O deputado Fernando Cury teve o mandato suspenso, mas de acordo com relato da própria colega que sofreu assédio,

sexo com a jovem. Robinho diz: “estou rindo, porque não estou nem aí” (Ferraz, 2020).

ele continuava mantendo suas atividades políticas, aparentemente tranquilo com a situação. Segundo reportagem de Talita Souza (2021), do Correio Braziliense, ele continuou agindo naturalmente nas redes sociais, publicando fotos com a esposa e os filhos, mas que a Justiça de São Paulo não o encontrava para notifica-lo da denúncia que sofreu, o que atrasou o processo.

A torcida do Palmeiras, além de publicar sobre o caso Mariana Ferrer, dados sobre desigualdade entre homens e mulheres, feminicídio, entre outras situações, falou de um assunto muito polêmico na sociedade brasileira, que teve as discussões acentuadas pelo conservadorismo do novo governo e que nenhuma das outras três torcidas levantaram: a legalização do aborto. A figura 44, do dia 28 de setembro, foi acompanhada do seguinte texto:

Hoje é dia de luta pela Legalização do Aborto na América Latina e Caribe. Na América Latina, a OMS estima que são 4 milhões de abortos por ano, sendo que 95% são clandestinos. No Brasil 800.000 mulheres fazem aborto clandestino anualmente. A maioria dessas mulheres são negras e pobres que não possuem acesso a um médico e infraestrutura necessária ao fazer este procedimento, como ocorre com mulheres de classe mais alta. Nos somamos à campanha pela legalização, segurança e gratuidade do aborto para garantir que mulheres pobres parem de morrer e tenham direito a decidir sobre seus corpos (Palmeiras Antifascista, 2020).

Mesmo quando se fala em situações em que o aborto já é legal no Brasil, há uma enormidade de problemas enfrentados. Em 2020, uma menina de 10 anos, que foi violentada pelo tio, realizou o procedimento, enquanto extremistas de direita e fanáticos religiosos gritavam na porta do hospital contra o que consideravam ser um “assassinato”. Quem divulgou as informações sobre a criança e onde ela realizaria o aborto foi a extremista Sara Giromini, até então ligada ao governo Bolsonaro (Alves, 2020). Posteriormente, descobriu-se que a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, agiu para tentar impedir o procedimento, tentando subornar responsáveis pelo caso com promessas de “melhorias” para a região, para que a menina realizasse o parto, mesmo havendo risco para ela e para o feto (Vila-Nova, 2020).

Outro assunto relevante levantado pela Palmeiras Antifascista no Dia da Mulher foi a desigualdade entre mulheres negras e brancas. Eles publicaram o *link* de uma reportagem do G1 mostrando, de acordo com dados do IBGE, que mulheres brancas ganham 70% a mais que negras, que também têm menos acesso a direitos básicos como saneamento. Na legenda, a torcida diz: “As mulheres ganham menos, mas as mulheres negras ganham menos ainda. Não basta ser feminista, tem que ser antirracista”.

Já a torcida santista (Figura 45) publicou uma ilustração com o escudo do clube no dia 3 de maio, com um texto que buscava “ampliar discussões de extrema importância no futebol”, “pelas mulheres torcedoras” e “contra os machistas e assediadores das arquibancadas”. Segundo a publicação, é preciso considerar que quando se trata das mulheres, os desafios são ainda maiores do que aqueles enfrentados por torcedores em geral, pois além da violência

policial, dos ingressos caros e de todos os outros problemas, elas ainda precisam lidar com assédio, intimidação e outras atitudes que precisam ser combatidas. O futebol, dizem, não é uma bolha isolada e as lutas precisam chegar aos estádios, pois

Exemplos de machismo e sexismo não faltam. Ainda hoje, por exemplo, existem em quase todas as torcidas do país proibições arcaicas acerca da nossa presença em determinados jogos/estádios. Homens querem decidir até os jogos que podemos ou não participar. Nós não precisamos de babá! Somos mulheres torcedoras livres e conscientes. Ter que ignorar o assédio ou se afastar da nossa amada arquibancada não devem ser as nossas únicas opções. Ocupar os espaços não só com a nossa presença, mas também com a desconstrução desses preconceitos, tem sido a principal bandeira das mulheres nas últimas décadas. É de extrema importância que essas barreiras sejam derrubadas de forma definitiva, e isso apenas será possível com a conscientização e atitude em conjunto com todas e todos envolvidos no futebol. Essa luta não deve ser isolada como algo exclusivo de mulheres, gerando uma queda de braço inútil aos interesses para alcançarmos arquibancadas democráticas e populares. Essa luta é de toda torcida brasileira! Lugar de mulher é na arquibancada! (Santos FC Antifascista, 2020).

A torcida também não se calou sobre a tentativa de contratação de Robinho pelo Santos que, além de tudo, é ídolo

no clube. Apesar disso, não colocamos essas publicações na categoria *causas feministas/LGBTQIA+*, porque não tratavam exatamente de misoginia, violência ou solidariedade às mulheres. Em uma delas, no dia 16 de outubro, acompanhada de reportagem do G1 com a transcrições de conversas do jogador sobre o caso, criticaram o clube pela contratação – que, depois, foi cancelada – dizendo que a “história presente” de Robinho no Santos jamais será a mesma. Antes disso, no dia 10, haviam dito que não eram “fãs de canalha”, diziam ter orgulho de ser contra o acordo entre clube e jogador, e que, por fim, 2020 era um ano vergonhoso para o time do Santos.

Tais reflexões de torcedores e torcedoras sobre os alicerces de todas essas formas de preconceito e violência no futebol, segundo Silva Júnior (2018), é muito importante, pois não se deve banalizar práticas preconceituosas e excludentes no contexto esportivo como se fosse algo normal ou descolado da realidade social. Ainda assim, apontamos algumas contradições. Por exemplo, o escudo do Bonde do Che (capítulo 1, figura 5), utilizado também pela Torcida Independente, traz o mascote da equipe apresentando muitos músculos (força física) e expressão facial de raiva (que pode simbolizar violência), mostrando certo ideal de masculinidade, que já mencionamos anteriormente, cujo objetivo parece ser o de “impor respeito”. Ressaltamos, porém, que nas publicações no recorte temporal analisado, em nenhum momento a torcida se utiliza de qualquer discurso excludente em relação às mulheres ou população LGBTQIA+, como foi mostrado em alguns exemplos.

De qualquer forma, como apontado por Downing (2002), a resistência precisa trazer diálogos por sexo, raça, etnia, nacionalidade, idade, categorias profissionais, entre outros setores, para que possa ser efetiva. A democracia e os

movimentos políticos contra-normativos não podem ser discutidas separadamente, principalmente no Brasil, pois o próprio bolsonarismo reforça uma hierarquia patriarcal, heterossexual, branca e cristã na figura do “Homem de Bem” e

o bolsonarismo representa diversas concepções antidemocráticas. Até o presente, o movimento se organiza politicamente em torno de um conjunto de negações e de recusas: é francamente contrário à diversidade populacional brasileira; é contra o reconhecimento do papel das mulheres, das populações negra e LGBTI, bem como dos povos tradicionais e originários na vida nacional, sendo, portanto, contrário ao reconhecimento e atribuição de direitos e dignidade a esses grupos sociais; é radicalmente contrário a toda forma de crítica, de ciência e de reflexão; despreza a igualdade de direitos, as políticas de proteção e incentivo às condições de vida das populações sujeitas a processos de vulneração, bem como é contrário à ideia mesma de pluralidade (Duarte; César, 2021, p. 80).

Ainda segundo os autores, essa guinada conservadora ganhou força por causa de movimentos reativos às políticas de enfrentamento do preconceito instituídas pelos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), pensamento evidenciado em outra pesquisa com observação de um grupo de futebol no WhatsApp, formado por homens de classes média e média alta, no qual as publicações machistas e homofóbicas, em geral,

estavam articuladas a uma posição conservadora e de direita, de repúdio ao PT, tendo expressões de masculinidade hegemônica “atravessadas por práticas e lógicas que circulam entre as classes altas de um país com profundas desigualdades sociais como o Brasil” (Braga; Carauta, 2018, p. 187) e, portanto, não faz sentido

considerar a ênfase atribuída aos corpos, gêneros e sexualidades pelo bolsonarismo como mera cortina de fumaça visando a encobrir outros e mais verdadeiros interesses políticos e econômicos do movimento. Essa concepção equivocada impede de entender o impacto e a eficácia de seu apelo conservador, o qual apresenta forte poder aglutinador e opera de maneira a unificar um movimento político ultraconservador, mas cujos apoiadores possuem perfis sociais, culturais e econômicos bastante variados, carecendo de clara e imediata identidade entre si (Duarte; César, 2021, p. 82).

Diante de tais desafios, os autores consideram que os movimentos sociais seguem cada vez mais ativos e movimentos negros, feministas e LGBT estão cada vez mais dando atenção a epistemologias decoloniais, ressignificando a cultura indígena e intensificando novas pautas ecológicas. Isso não quer dizer que se deva ou possa deixar as pautas políticas e econômicas de lado, como, a propósito, discutiremos na sequência, quando a ênfase das postagens foca na relação pouco amistosa das torcidas com Bolsonaro e o bolsonarismo. Também não significa que os assuntos apontados sejam menos políticos.



No campo da política: as torcidas vão às ruas

O que reconhecemos no futebol? A Liga dos Campeões. Transferências cada vez mais caras. Vaias da torcida. A violência. Grandes empresas. Tem razão em dizer que isso é parte do jogo. Mas vou falar de outra coisa. Vou falar dos valores reais. Dos seres humanos. Vou falar do meu futebol. O que eu joguei. O jogo que eu amo. Solidariedade, fraternidade e liberdade. Vou falar do meu futebol e por que precisamos dele mais do que nunca no mundo. Afinal, ainda podemos mudar esse mundo de hoje.

**Eric Cantona em
“Rebeldes do Futebol”**

Em geral, o ativismo de torcidas é mais tolerado pela sociedade e por torcedores comuns quando se trata de questões futebolísticas e algumas pautas sociais específicas, gerando, inclusive, colaboração mútua (Gomes, 2020; Numerato, 2018). Conforme tratamos anteriormente, a militância no futebol pode ser dividida entre aquela realizada no âmbito esportivo e aquela de dimensão social e política. Neste capítulo, iremos abordar as pautas de cunho político discutidas pelos quatro coletivos, sendo elas: apoio ou participação em protestos, críticas ao governo federal, eleições municipais, personagens de esquerda, violência policial, história e Covid-19.

Ao todo, foram 507 publicações sobre os assuntos citados. No Quadro 6 é possível ver a distribuição por torcida e tema. Não iremos trazer as discussões na ordem mostrada no quadro para que os assuntos venham em uma sequência de raciocínio mais coerente.

Quadro 6: Postagens das torcidas relacionadas à política

Tema	Bonde do Che	Coletivo Democracia Corinthiana	Palmeiras Anti-fascista	Santos FC Antifascista	Total das postagens
Apoio ou participação em protestos	28 / 3,5%	27 / 8,7%	4 / 3,2%	6 / 3,4%	65
Covid-19	46 / 5,8%	20 / 6,5%	4 / 3,2%	9 / 5,1%	79
Críticas ao governo federal	106 / 13,4%	35 / 11,4%	3 / 2,4%	8 / 4,5%	152
Eleições municipais	1 / 0,1%	22 / 7,1%	0 / 0%	1 / 0,5%	24
História	25 / 3,1%	19 / 6,1%	19 / 15,5%	10 / 5,7%	66
Personagens de esquerda	45 / 5,7%	29 / 9,4%	6 / 4,9%	10 / 5,7%	90
Violência policial	9 / 1,1%	10 / 3,2%	1 / 0,8%	4 / 2,2%	24
Total	260	162	37	48	507

Fonte: Dados da pesquisa

Como já mostrado nesta pesquisa, a *violência policial* e repressão contra torcedores é motivo de preocupação por parte não só das torcidas antifascistas, mas também de torcidas tradicionais. Porém, o foco, nessa categoria de análise, não é a atuação das forças de segurança do Estado somente nos estádios e sim em outros âmbitos da vida social, o que também foi discutido nas publicações dos quatro grupos paulistas. Foram 24 publicações sobre *violência policial* em 2020.

Segundo dados da Rede Observatório da Segurança no Rio de Janeiro, a cada 33 minutos uma pessoa sofre algum tipo de violência policial no Brasil (Jovem Pan News, 2021). Em 2020, o número de mortos pela polícia bateu recorde, foram 6.416 pessoas assassinadas no país (Acayaba; Reis, 2021). Essa forma de violência atinge de forma muito mais intensa as populações preta e periférica – mais de 78% das vítimas eram negras. Em algumas cidades, como Salvador, 100% das pessoas atingidas eram negras.

Sendo o aumento desse tipo de ocorrência apenas uma coincidência ou não, o fato é que o governo brasileiro deixa muito clara a sua posição quanto às ações violentas da polícia. Mesmo antes de ser eleito, Jair Bolsonaro sempre disse abertamente seu posicionamento, defendendo que “violência se combate com violência e não com bandeira de Direitos Humanos”, “que essa Polícia Militar do Brasil tinha que matar é mais” (Araújo, 2015) e “policial que não mata não é policial” (Gonçalves, 2019). Em 2019, já eleito, defendeu que seria “um absurdo” condenar policiais por excessos (Mazui, 2019). No mesmo ano, o governo federal excluiu do relatório anual dos direitos humanos os indicadores sobre a violência policial praticada no país (Pagnan, 2020).

Nos protestos de torcedores organizados e antifascistas, em maio e junho de 2020, houve repressão da PM. Em 31 de maio, o CDC compartilhou uma charge de um policial com os braços ao redor de um homem, segurando um bastão com a palavra “fascismo” e conduzindo-o calmamente enquanto diz: “Venha, tesouro, não se misture com essa gentinha”. Na legenda, o coletivo escreveu: “O trabalho da PM de São Paulo: proteger nazistas e fascistas, e agredir democratas”. O Bonde do Che, no início de junho, compartilhou uma notícia da Revista Veja que dizia que a manifestação contra Bolsonaro em São Paulo havia terminado “em confronto” (Veja, 2020). Na legenda, os são-paulinos disseram que “não adianta ficar distribuindo flores para a PM como fizeram ontem no Largo da Batata. Se o aparelho repressor da burguesia não quer você é porque você não está batendo de frente com o problema” (Bonde do Che, 2020).

Outras situações também mobilizaram os torcedores nas redes, como em 3 de março, em que a Palmeiras Antifascista compartilhou um vídeo do Sindicato dos Agentes

de Segurança Penitenciária de São Paulo em que Polícia Militar aparece agredindo manifestantes na Assembleia Legislativa. Eles comentaram: “A PM de São Paulo mais uma vez demonstrou sua ferocidade contra os trabalhadores”. A Santos FC Antifascista compartilhou, em fevereiro, a notícia de que a Corregedoria da Polícia Militar havia isentado os PMs de uma ação que matou 9 jovens em Paraisópolis. Na legenda escreveram: “Corporação da ditadura. Tribunal militar fascista. Infelizmente, nenhuma novidade...” (Santos FC Antifascista, 2020).

Para Martins (2017), as polícias são despreparadas e extremamente violentas, principalmente no trato com movimentos sociais e moradores de periferias. O autor defende que tal atitude visa servir de instrumento de repressão burguesa e que isso pode ser observado muito claramente desde a época da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985).

Nos assuntos sobre *história*, reunimos postagens que se relacionam com fatos históricos, como questões ligadas ao Brasil, explicação de datas como o “Dia do Refugiado”, “Dia do Trabalhador” e de tragédias que ocorreram no país e pelo mundo, além de outras. Sobre essa temática, identificamos 66 postagens publicadas pelos torcedores.

Figura 46: BDC: “nazismo de cura com surra”



Fonte: Facebook Bonde do Che

Figura 47: Transmissão de *live* pelo CDC



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthiana

Figura 48: Palmeiras Antifascista fala sobre antifascismo no futebol



Fonte: Facebook Palmeiras Antifascista

Figura 49: Santistas falam sobre a chamada “Revolução de 32”



Fonte: Facebook Santos FC Antifascista

Em 27 de janeiro, o BDC publicou uma imagem que fazia alusão aos 75 anos da libertação de Auschwitz, campo de concentração no sul da Polônia, utilizado pelos nazistas para extermínio em massa de pessoas consideradas escória da humanidade. Também publicaram sobre a Revolução dos Cravos, em Portugal, e sobre o fim da Segunda Guerra Mundial, entre vários outros assuntos.

O CDC, único entre os quatro grupos a se dedicar às *lives*, no dia 8 de novembro, fez uma transmissão ao vivo sobre a Revolução Russa, em parceria com outras plataformas

digitais. Também discutiram a “Revolução de 32”, que consideraram “coisa de *white power*” e “símbolo da barbárie fascista”.

A Palmeiras Antifascista, novamente em conjunto com os coletivos palmeirenses Porcomunas e Palmeiras Livre, utilizou a *história* para discutir o antifascismo no futebol, no dia 9 de junho. Na figura 48, eles utilizam a famosa foto do ex-jogador Eric Cantona acertando um chute em um torcedor que gritava ofensas xenofóbicas, em uma partida do Manchester United. Mais tarde, soube-se que o homem era filiado a um partido considerado fascista e tinha histórico violento, por isso Cantona virou símbolo da luta antifascista. No texto, os palmeirenses falam da apropriação do esporte por Benito Mussolini para difundir ideias fascistas na Itália e de como as arquibancadas reagiram a isso, sendo necessário compreender que o futebol:

não está em uma bolha à parte da sociedade, imune ao que acontece nela. Estar ciente disso é entender a arquibancada como um espaço também a ser disputado, urgentemente. Antifascistas da bola: organizem-se. O futebol é também uma ferramenta de transformação social.

No fim da postagem ainda recomendam um documentário sobre o Colo-Colo, clube chileno que tenta afastar o passado obscuro de ligação com a ditadura de Augusto Pinochet (1973-1990)⁶. Também falaram sobre o Dia

⁶ Em 2020, a torcida do Colo-Colo repudiou a possível contratação do técnico brasileiro Luiz Felipe Scolari, o Felipão, que em 1998 em entrevista

do Trabalhador, no primeiro de maio; sobre o que consideraram uma “falsa abolição da escravidão”, no dia 13 de maio, e vários textos de uma série que chamaram “antifascismo e história”, no qual trataram, por exemplo, de organizações antifascistas na Itália e na Espanha, entre outros assuntos.

A torcida santista também trouxe seu ponto de vista sobre a “Revolução de 32” (Figura 49) e sobre a libertação de Auschwitz. No primeiro caso, afirmam que não houve revolução no dia 9 de julho e que os ricos usaram o povo como “bucha de canhão” e que não defendem nem Vargas, nem a burguesia paulistana, mas que entendem como um contragolpe a favor dos interesses da elite: “Não se pode concordar com um movimento oligárquico e ruralista, conservador e elitista. Ainda que ele, aparentemente, seja contra um governo igualmente tirano” (Santos FC Antifascista, 2020). Para alguns pesquisadores essa discussão é cabível, pois

A Revolução de 1932 foi impulsionada sobretudo pela oligarquia paulista e pela classe média, demonstrando, para além de uma insatisfação, até mesmo um ressentimento. Com isso, não se pretende negar a tentativa de se perpetuar no poder, reprimindo as liberdades democráticas, por parte de Vargas, o que se traduz na governança por decretos, sem a perspectiva real de uma nova Constituição. Não à toa, a Guerra Civil de São Paulo recebe a alcunha de constitucionalista, no entanto algumas ponderações sobre interesses e privilégios na sociedade brasileira são bem-vindos na

a uma rádio, fez elogios a Pinochet e considerou que ele fez “muitas coisas boas”.

observação de fatos históricos da estatura da Revolução de 1932 (Grasso; Nascimento; Nascimento, 2020, p. 157).

Na categoria *história* pusemos, ainda, questões relacionadas à ditadura civil-militar no Brasil. Discussões sobre o tema foram reacendidas em 2014, por ocasião do cinquentenário do golpe, e a partir da ascensão no cenário político e eleição de Jair Bolsonaro. O então presidente já defendeu muitas vezes publicamente, antes e depois de ser eleito, o golpe de 1964 e figuras como Carlos Alberto Brilhante Ustra, notório torturador do período (Campos, 2019). Isso não foi esquecido pelas torcidas. No primeiro capítulo (Figura 2) já mostramos um exemplo de como o assunto foi tratado em 2019. Em 2020, muitas publicações tiveram o mesmo caráter.

Figura 50: Palmeirenses repudiam a ditadura



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 51: Corinthianos pela democracia



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthians

Entre outras publicações, a Palmeiras Antifascista republicou imagem e texto que já haviam sido compartilhadas

em 2019 e que mostramos no capítulo 1. Foi uma campanha com vários outros coletivos e torcidas antifascistas (Figura 50) em repúdio ao incentivo do presidente Jair Bolsonaro para que as Forças Armadas comemorassem o golpe de 1964. Usando a mesma imagem, mas com as cores do Corinthians, o CDC compartilhou a publicação mais uma vez com texto diferente. Eles disseram que o 31 de março foi a data de “um crime hediondo contra o Brasil”. Assim como o texto da Palmeiras Antifascista, procuraram esclarecer ideias equivocadas de que a ditadura teria feito bem ao país, que o bem-estar era geral, que não havia corrupção e que só “bandidos” eram presos, além de tecer duras críticas ao presidente Jair Bolsonaro:

O grande ídolo do meliante Bolsonaro é justamente o Coronel Brilhante Ustra, um psicopata torturador, promotor de estupros coletivos e cujo maior prazer era inserir ratos nos órgãos genitais das presas. Na década de 1970, uma terrível epidemia de meningite espalhou-se dos quartéis para a sociedade. O que fez o governo para combatê-la? Proibiu a imprensa de divulgar as informações sobre a doença. Muita gente morreu vítima dessa premeditada negligência dos governantes. Bolsonaro, Villas Bôas e Augusto Heleno são figuras saudosas desse banditismo oficial e estrutural. Todos os dias, tentam reimplantá-lo em nosso país, para sofrimento e desgraça do povo brasileiro. Nós, do Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), repudiamos veementemente qualquer celebração de apologia ao golpe sujo de 1964. E lembramos que inúmeros corinthianos se somam entre os presos,

torturados e assassinados pelo infame regime militar. Estas companheiras e companheiros, sim, neste dia de pesar, merecem nosso efusivo aplauso e sincero agradecimento. Caíram honrando as tradições de 1910, por democracia, liberdade e solidariedade (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

Numa linha parecida com o assunto *história*, os coletivos também trataram de *personagens de esquerda*, homenageando, rememorando, lembrando datas de aniversário e falecimento de políticos, ativistas, artistas e outras pessoas com quem possuem identificação ideológica. Ao todo, as quatro páginas fizeram 90 publicações desse tipo, sendo 45 delas do Bonde do Che.

Figura 52: Homenagem a Che Guevara



Fonte: Facebook Bonde do Che

Figura 53: Homenagem a Paulo Freire



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthiana

Figura 54: Homenagem a Rosa Luxemburgo



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 55: Homenagem a Karl Marx



Fonte: *Facebook* Santos FC Antifascista

Interessante notar na figura 52 algo que já foi discutido sobre rivalidade. O BDC lembra de Ernesto “Che” Guevara no dia 9 de outubro, data da morte do revolucionário. Abaixo insere o escudo do Palmeiras, com um símbolo de proibição. Além do argentino, os torcedores do São Paulo homenagearam Raphael Martinelli, líder sindical e um dos fundadores da Ação Libertadora Nacional, ao lado de Carlos Marighella; Thomas Sankara, líder da revolução de 1983 em Burkina Faso; e falaram, ainda, de figuras mais polêmicas dentro da própria esquerda como Josef Stalin.

A torcida corinthiana homenageou o abolicionista Luiz Gama, a cantora Elza Soares, o filósofo anarquista Mikhail Bakunin e uma figura que vem sendo muito atacada no Brasil contemporâneo pelos movimentos de direita e bolsonaristas: o educador Paulo Freire.

A Palmeiras Antifascista também lembrou Raphael Martinelli, Che Guevara e Bakunin, além da vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018 e da revolucionária

Rosa Luxemburgo (Figura 54), sobre quem comentaram feitos e ideias e que:

nossos direitos vêm sendo violados constantemente por reformas, trabalhista, previdenciária, etc., isso porque não houve mudança estrutural, apesar da luta por esses direitos, a consciência de classe não foi enraizada, fazendo com que as conquistas democráticas fossem eliminadas ao bel prazer da burguesia. Rosa Luxemburgo foi assassinada no dia 15/01/1919 por membros de milícias paramilitares, as Freikorps, precursoras das milícias nazistas, mas seu legado continua vivo e mais do que nunca precisa ser alicerce da luta revolucionária! (Palmeiras Antifascista, 2020).

A Santos FC Antifascista também escreveu sobre Che Guevara, além do filósofo Karl Marx (Figura 55), o ativista do movimento negro Malcolm X, o revolucionário russo Vladimir Lênin e figuras do hip hop como Emicida, Mano Brown e KL Jay.

O repúdio à figura de Jair Bolsonaro foi o que fez com que as torcidas marcassem presença nas eleições presidenciais, em 2018 (Cerreia, 2020). Mas algumas foram ativas também nas *eleições municipais* de 2020, próxima categoria a ser discutida. É o caso do Coletivo Democracia Corinthiana, que fez 22 publicações sobre esse tema no período eleitoral e também participou de atos nas ruas. Bonde do Che e Santos FC Antifascista fizeram uma publicação cada e a Palmeiras Antifascista não se manifestou.

Figura 56: CDC nas eleições



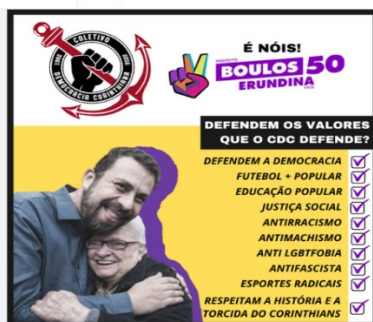
Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians

Figura 57: CDC nas eleições



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians

Figura 58: CDC nas eleições



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians

Figura 59: CDC nas eleições



Fonte: Facebook Coletivo Democracia Corinthians

As eleições municipais ocorreram em 15 de novembro, com um segundo turno em 29 de novembro em 57 municípios, entre eles São Paulo, onde disputaram no segundo turno os candidatos Guilherme Boulos, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e Bruno Covas, candidato do Partido da

Social Democracia Brasileira (PSDB), buscando reeleição e que veio a falecer em 2021 em decorrência de um câncer.

As torcidas do Santos e do São Paulo, embora não tenham declarado apoio a nenhum candidato, criticaram Covas nas postagens que fizeram, já no período de campanha do segundo turno. No dia 16 de novembro a Santos FC Antifascista publicou fotos de servidores públicos feridos após sofrerem agressões de policiais em manifestações em 2019 e uma foto do então prefeito Bruno Covas na qual aparece enviando beijos aos manifestantes, de forma debochada. Na legenda, disseram que Covas falava em vencer o radicalismo nas eleições, mas mandava “beijos sádicos” aos professores enquanto tomavam tiro dos “cães fardados do Estado”. A página faz referência ao fato de o candidato do PSDB ter associado várias vezes o concorrente Guilherme Boulos ao radicalismo (Istoé, 2020). Terminam dizendo: “Pra esse tipo de canalha serviçal da burguesia, radicalismo só é válido quando está sendo aplicado contra o povo” (Santos FC Antifascista, 2020). Boulos chegou a rebater as acusações: “Radicalismo, para mim, é a cidade mais rica do país ter gente que revire o lixo pra comer” (Miazzo, 2020).

O Bonde do Che publicou imagens, no dia 18 de novembro, em que Bruno Covas aparece ao lado de Jair Bolsonaro e João Doria, com membros da organizada Mancha Verde, do Palmeiras e em uma faixa da escola de samba da mesma torcida. Na legenda afirmam: “impressionante como esse tal de Bruno Covas só fecha com coisa errada” (Bonde do Che, 2020).

Antes do primeiro turno, o CDC discutiu situações sobre as eleições, como a importância do “voto antirracista”. E fez campanha para que se votasse em candidatos e candidatas de esquerda (Figura 56). Por isso, fez *lives* com

candidatos que consideravam ter uma agenda progressista, como Orlando Silva do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Vera Lúcia do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) (Figura 57). Guilherme Boulos do PSOL e Jilmar Tatto do Partidos dos Trabalhadores (PT) também foram convidados, mas o coletivo explicou em postagens que os dois não tiveram espaço nas agendas para participar.

No segundo turno, o CDC declarou apoio a Boulos. Na figura 58, eles destacam que ele e a candidata a vice-prefeita Luiza Erundina, também do PSOL, defendem os mesmos valores do coletivo, como democracia, futebol mais popular, justiça social, antirracismo e respeitam a história e a torcida do Corinthians. Fizeram outras postagens destacando vários motivos para votar em Boulos e também falaram de candidatos que foram para o segundo turno em outras cidades. No dia 24 de novembro, em uma imagem com as fotos de Boulos, Marília Arraes do PT, candidata a prefeita em Recife e Manuela D'Ávila do PCdoB, que concorria em Porto Alegre, o coletivo escreve: “coração, juventude e fé” e na legenda: “depende de nós”.

Também houve uma campanha conjunta chamada “Torcedores e torcedoras com Boulos e Erundina”, da qual outros coletivos e torcidas participaram. Na figura 59, divulgada no dia 22 de novembro, é possível ver faixas de torcedores de Corinthians, Palmeiras, Fluminense e Flamengo. Na legenda, o CDC diz que estiveram juntos no Pacaembu,

Local de tantas alegrias, conquistas, histórias, e muito vínculo afetivo para quem ama o futebol. Várias torcidas, cores, paixões, e principalmente uma causa em comum: a luta por uma sociedade mais justa. O papo é reto. É a

luta de classes que está em jogo. É entre quem defende os interesses da burguesia x quem defende o interesse da classe trabalhadora. Iremos vencer. VOTE 50. VOTE 50 (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

No manifesto da campanha, assinado por 43 coletivos e entidades, e diversas pessoas individualmente, dizem que valores como justiça, igualdade, solidariedade e respeito presentes no esporte servem como inspiração para a democracia e que enxergam na candidatura de Guilherme Boulos essas expressões, por isso,

Juntas e juntos na seleção da democracia, desejamos tabelar com Boulos e Erundina na construção de um modelo inclusivo para o esporte, que agregue todas as gentes da nossa São Paulo, independentemente de gênero, etnia, orientação sexual, credo religioso ou condição sócio-econômica. Como Guilherme Boulos, acreditamos que o esporte existe para criar consciência cidadã, saúde e felicidade. Nossa cidade tem condições de constituir um modelo popular de práticas físicas que combinem lazer, condicionamento e atividades competitivas. Nessa estratégia do bom jogo, pleiteamos a revalorização do futebol de várzea, o apoio ao futebol feminino, a recuperação dos centros esportivos municipais e a criação de programas gratuitos que alcancem toda a população. Como o esporte é uma referência na difusão de hábitos e costumes, todas as intervenções da

Prefeitura devem se pautar pelo combate ao racismo, ao machismo e à homofobia, bem como pela atenção especial aos jovens das periferias. Por fim, é lógico que pretendemos revogar a criminoso privatização do Pacaembu, construído pelos cidadãos-contribuintes e entregue a preço de banana aos tubarões do mercado. O estádio da municipalidade é, sim, autossustentável.

Após a vitória de Bruno Covas, o CDC ainda fez uma *live* no dia 30 de novembro sobre as eleições municipais, com diálogos de como foram as mobilizações da esquerda durante a campanha eleitoral. O título era: “a luta continua”.

Como dissemos, essa mobilização em período eleitoral não é novidade entre os torcedores. Desde 2018, as torcidas antifascistas e coletivos de torcedores e torcedoras têm participado ativamente do processo, principalmente, mostrando de forma bastante contundente o descontentamento com a figura de Jair Bolsonaro. Em 2020, além de protestos nas ruas, os quais discutiremos mais adiante, foram 152 publicações em que criticaram o presidente, membros do governo ou ações de apoiadores. O BDC foi quem mais publicou sobre o assunto: 106 vezes.

A aprovação do governo Bolsonaro despencou, chegando a 19% em 2021, o nível mais baixo desde o início do mandato (Oliveira, 2021), sobretudo durante a pandemia. Além dos discursos de ódio já citados, a pandemia escancarou o negacionismo científico do governo, que espalhou desinformação sobre remédios sem eficácia comprovada, questionou as vacinas contra Covid-19 e incentivou as pessoas a desobedecer às medidas sanitárias. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado atribuiu 9 crimes a Jair

Bolsonaro: crime de epidemia com resultado de morte, infração a medidas sanitárias preventivas, emprego irregular de verba pública, incitação ao crime, falsificação de documentos particulares, charlatanismo, prevaricação, crime contra a humanidade e crime de responsabilidade (G1, 2021). Ademais, até o início de janeiro de 2022, 136 pedidos de *impeachment* aguardavam análise na Câmara dos Deputados (Agência Pública, 2021).

Figura 60: Faixa do Bonde do Che



Fonte: Facebook Bonde do Che

Figura 61: São-paulinos ironizam ministro



Fonte: Facebook Bonde do Che

O Bonde do Che publicou mais de uma vez a imagem de um símbolo de proibição na figura do presidente e a frase “Foda-se Bolsonaro”. Além disso, eles transformaram essa ilustração em faixas, que chegaram a levar em protestos, mas as críticas ao político foram muito além. No dia 13 de maio, compartilharam a notícia de que Bolsonaro havia anunciado um projeto de lei para proibir a “ideologia de gênero”. Sobre isso comentaram com ironia: “Fiquem tranquilos quanto à pandemia letal do coronavírus, que no Brasil já atingiu a média

de 900 mortes por dia, e o iminente colapso social e econômico, o presidente tem um plano de ação”.

No dia 7 de agosto, publicaram outra notícia em que o presidente dizia que o Brasil iria chegar a 100 mil mortos, mas “tocar a vida”. No início de janeiro de 2022, o país passou os 22 milhões de casos e 619 mil mortos (Valente, 2022). O BDC disse que Bolsonaro

Agiu de forma criminoso desde o início da pandemia, espalhando desinformação e mentiras quanto à gravidade do vírus, a importância das medidas de isolamento social e a eficácia de tratamentos em fase de testes. Graças a esse genocida do próprio povo, milhões minimizaram a doença, não se preveniram e morreram. Único estadista do mundo que não tomou uma única medida de combate ao coronavírus e ainda jogou contra. Tem sangue de cada um desses 100 mil caídos nas mãos do presidente (Bonde do Che, 2020).

Ainda sobre questões relacionadas à condução da pandemia pelo governo, postaram o *link* de uma notícia em que Bolsonaro afirmava que apenas uma “minoria barulhenta” aguardava o pagamento do auxílio emergencial e comentaram:

Você, que é da periferia, trabalhador informal, e está aguardando o auxílio emergencial pra colocar comida na mesa da sua família, é assim que o Bolsonaro te vê: como "minoria barulhenta", que enche o saco com "futilidades". Bolsonaro tem lado, governa pros ricos, pros militares e

pro alto escalão do funcionalismo público, é absurdo que tenha apoiadores entre nós, trabalhadores pobres. Vamos acordar, periferia. O inimigo nem disfarça mais (Bonde do Che, 2020).

Os ministros do governo também não foram poupados de críticas por parte do grupo, como o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro e o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta. Na figura 61 ironizaram o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub, que em uma rede social escreveu a palavra “impressionante” de forma incorreta. Na legenda, escreveram: “Parece até um conto de Kafka”, em alusão ao fato de que o ministro, em outra ocasião, se referiu ao escritor Franz Kafka como “Kafka”. Sobre Eduardo Pazuello, também ex-ministro da Saúde, compartilharam uma notícia sobre a nomeação dele ao cargo e criticaram o fato de não ter qualquer formação médica ou na área da saúde: “É isso que Bolsonaro nos oferece em meio à maior crise pandêmica deste século: mais um militar” (Bonde do Che, 2020).

Em outra notícia, na qual o ex-goleiro do Palmeiras Marcos postou uma foto de um tapete com desenho de revólver e a frase “se veio aqui falar mal do Bolsonaro desculpa, mas veio no lugar errado”, eles discutem a dificuldade de tentar passar uma mensagem aos setores do futebol tendo um alcance tão pequeno, quando pessoas como Marcos, ídolos do esporte e com espaço na grande mídia “jogam contra”. E alertam que Marcos é branco e rico, portanto, o armamentismo bolsonarista não o atingirá, mas vai

atingir você, que tem que andar a pé nas vielas das quebradas pela madrugada, que tem que protestar pelos seus direitos nas

ruas. Marcos também não foi atingido pela reforma da Previdência, nem pela flexibilização dos direitos trabalhistas e deve estar em casa agora, protegido do Covid-19. Não vá na do porco, estamos de lados diferentes da arma: ele com os que puxam o gatilho, nós na mira (Bonde do Che, 2020).

Também discutiram o bolsonarismo entre torcedores, em uma notícia sobre Bolsonaro sancionar uma lei que aumentaria a punição para torcidas organizadas. Disseram: “Organizado bolsonarista é sem visão”. E explicaram:

Aqui não somos de ficar impondo o que cada um deve fazer, fazemos o nosso e já era. Pouca ideia, muito ban, mas raramente apontamos o dedo ou adjetivamos qualquer um. Só que hoje, dia 17 de junho de 2020, não dá mais pra passar pano: torcedor organizado que defende Bolsonaro é mongolão sim. É alienado sim. Não tem visão de quem é, do espaço que ocupa e nem da realidade em que vive. Bolsonaro faz média nas arquibancadas, mas uma das primeiras coisas que fez quando assumiu a presidência foi foder as organizadas. Criminalizou nossa paixão. Leia o *link* aí abaixo (Bonde do Che, 2020).

Com Bolsonaro “fazer média com as arquibancadas” referiram-se ao fato de o presidente sempre aparecer em público com camisas de vários times, de ir aos estádios, de se encontrar com dirigentes, de participar de comemorações de título, como foi com o Palmeiras em 2018.

O historiador e cientista social Flavio de Campos, em entrevista à BBC Brasil, disse que a maneira como o presidente usa o futebol é oportunista e demagógica. Por exemplo, quando Bolsonaro levou o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro a um jogo do Flamengo, o ex-juiz passava por um momento complicado, pois o site *The Intercept* Brasil trouxe a público vazamentos com conversas entre membros da Operação Lava Jato que sugeriam que ele havia sido parcial no julgamento do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ou que a Medida Provisória, lançada em 2020 sobre os direitos de transmissão de jogos, foi uma retaliação à Rede Globo que pagava por esses direitos e vinha criticando Bolsonaro em algumas ocasiões. Para Campos, o presidente não tem um projeto para o futebol brasileiro ou para esporte e lazer no país, e as medidas “estão sendo tomadas no improviso, de maneira atabalhoada e ao sabor dos interesses imediatos” (BBC News, 2020).

O Bonde do Che, na mesma postagem, também criticou aqueles torcedores que dizem apoiar Bolsonaro, mas não concordam com tudo que ele faz. Apontam muitos erros do governo e ressaltam que “não há projeto político nenhum”, apenas ‘projeto de poder’ e que não há aspectos positivos a serem apoiados. E, ainda, que a PM nunca matou tanto e tão à vontade e,

a coisa é casca-grossa mesmo... você só deveria se perguntar pra quem. Te respondemos: pra você, trouxa. Bolsonaro tá aí pra arrebentar mesmo: com todos nós. E esperem voltar o futebol, com essas polícias bolsonaristas insubordinadas à solta, sem coleira, pra ver quantos assassinatos iguais ao do César, da Torcida Dragões Da Real, teremos. É o

boi aplaudindo o açougueiro (Bonde do Che, 2020).

Embora tenha sido quem mais postou críticas ao governo federal, o BDC não foi o único grupo a se indignar com Bolsonaro em vários aspectos.

Figura 62: CDC fala sobre inflação



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthiana

Figura 63: CDC contra a taxação dos livros



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthiana

O Coletivo Democracia Corinthiana, no dia 8 de dezembro, falou sobre a inflação, um problema enorme para o Brasil em 2020 e 2021 (Figura 62). Segundo o grupo, “um governo fascista dizima pela violência, pela doença e pela fome! Fora, Bolsonaro”. Em 2021, o Brasil chegou a ficar entre os três países com a pior inflação do mundo. Apesar do problema não estar presente somente aqui, o cenário foi agravado pelo câmbio desvalorizado e pela insegurança fiscal, atingindo, principalmente, a população mais vulnerável (Julião, 2021).

Na figura 63, de 13 de agosto, O CDC criticou uma possível taxaço de livros no país, dizendo que o governo odeia a cultura. Na legenda, incentivaram os seguidores a postar fotos com livros usando a *hashtag* “defenda o livro”. No fim de julho de 2020, o Ministro da Economia Paulo Guedes enviou uma proposta de Reforma Tributária ao Congresso, que previa o retorno da cobrança tributária sob livros. Essa cobrança não existia desde 2004 e poderia, segundo especialistas, trazer um enfraquecimento do mercado editorial brasileiro, que vem sofrendo graves dificuldades nos últimos anos (Cerioni, 2020). A Receita Federal também defendeu a taxaço de livros, com o argumento de que “pobres não leem” (Barbosa, 2021). Na avalia  o da historiadora Marisa Midori Deaecto, em entrevista    DW Brasil (2021), essa cobrança    “imoral e anticonstitucional”.

Assim como o Bonde do Che, O CDC também criticou a condu  o da pandemia por parte do presidente. Em 6 de junho postaram uma n  t  cia do UOL sobre o governo estar maquiando números para esconder os casos e mortes por coronavírus, e escreveram: “Incapaz de combater a epidemia, miliciano do planalto resolve maquiar estatísticas”. Em pondera  es ainda mais duras, em uma montagem de duas fotos em que compararam Bolsonaro a Hitler, disseram: “nazista, psicopata, ladrão e assassino”.

Os membros do governo também não foram poupados. No dia 2 de maio, opinaram sobre o discurso do ex-ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, que disse em reunião ministerial que deveriam aproveitar o “momento de tranquilidade”, em que a imprensa estava focada em cobrir a pandemia para “ir passando a boiada”, em analogia a mudanças sobre leis do meio ambiente (G1, 2020). O coletivo disse: “Salles: aproveitar a tragédia da Covid-19 para permitir

a destruição ambiental”. Em junho de 2021, Salles pediu demissão após ser alvos de mandados de busca e apreensão por suspeita de fazer parte de um esquema internacional de exportação ilegal de madeira (Vilela, 2021).

Em janeiro de 2020, o ex-secretário da Cultura Roberto Alvim apareceu, em um vídeo, com o propósito de anunciar o Prêmio Nacional das Artes, ao som de Richard Wagner, compositor favorito de Hitler e citando o Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, Joseph Goebbels (El País, 2020; Poder 360, 2021). É importante ressaltar que Roberto Alvim foi demitido depois desse episódio. A postagem do CDC sobre o assunto, em 18 de janeiro, comparava duas imagens: uma com Alvim sentado em seu escritório com a foto de Bolsonaro ao fundo, e outra de Goebbels, na mesma posição, com a foto de Hitler ao fundo. Na legenda, um texto com o título “A naturalização do horror no Brasil”. Primeiro chamaram Alvim de inculto e desonesto, embora tivesse um intuito claro ao citar um discurso nazista, que é o de naturalizar o horror, pois, citando Umberto Eco, dizem que o fascismo tem essa característica de “inocular o veneno do horror em pequenas doses”, até que já não seja um choque, então,

a ideia nefasta já está integrada à normalidade. Engenharias de eugenia a partir de pares infanto-juvenis selecionados, testes supostamente científicos (e brutais) em humanos, "soluções finais" por aniquilamento dos "desviantes" (judeus, ciganos, homossexuais, deficientes, comunistas, anarquistas, entre outros). Tudo isso foi introjetado no povo alemão pela estratégia da paciência contaminante, que antes normaliza para, depois, normatizar. Nesta

década, o Brasil tem sido exposto todos os dias, um tantinho por vez, à radioatividade mortal do absurdo. É a sacralização do assassino estuprador e torturador Ustra. É a construção de um *ethos* inventado que qualifica o quilombola e o índio como vagabundos aproveitadores. É a santificação dos elementos que praticam o *lawfare* com o pretexto de combater a corrupção (...). A rigor, já vivemos a insanidade naturalizada. Se vivo, Martin Esslin se entregaria à decepção. O Teatro do Absurdo já não se limita aos palcos. É encenado todos os dias, nas ruas, nas praças, nos bares, nos palácios, nas camas, nos teclados. E já são poucos os surpresos, enquanto os indignados estão condenados à extinção (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

Nem mesmo ídolos do Corinthians escaparam da desaprovação por externarem apoio a Jair Bolsonaro. Em julho de 2020, o ex-jogador Marcelinho Carioca se encontrou com o presidente e deu a ele uma camisa do clube⁷. Em nota, o CDC se disse indignado com o que classificou como “desrespeito à história do Corinthians” e que Bolsonaro seria um “genocida anticorinthiano”. Para eles, a camisa

representa a luta dos operários, a defesa da Democracia e a voz do povo sofrido e só deve ser vestida por aqueles que se

⁷ O ato foi alvo de diversas reclamações por parte de torcedores na internet e de outros ídolos do clube como Walter Casagrande, além de gerar constrangimento para a diretoria do Corinthians e o patrocinador, banco BMG. O Corinthians disse na época não ter qualquer relação com o encontro. O Banco desligou o ex-jogador, que era embaixador da marca, de sua função (Castro, 2020).

identificam com essa tradição popular. Quem retira direitos dos trabalhadores, promove o ódio, o preconceito, o desrespeito à humanidade, destrói o meio ambiente e abandona nosso povo em meio a maior tragédia humanitária de nossa história não pode, por motivo algum, vestir essa camisa que no mundo todo é reconhecida como um símbolo histórico da luta pela democracia em nosso país (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

Também cobraram o Corinthians para que Marcelinho não mais participasse de nenhuma ação do clube.

Figura 64: Palmeirenses falam sobre fascismo



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 65: Manifesto contra Bolsonaro



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Em mais um texto em parceria com Palmeiras Livre e Porcomunas, a Palmeiras Antifascista publicou, no dia 5 de junho, um texto para responder à questão: “Ser antibolsonaro é ser antifascista?” Primeiro, a torcida trouxe uma definição de fascismo e disseram que, ao traçar um paralelo com os dias

atuais, o bolsonarismo seria um exemplo de fascismo no século XXI, pois tenta anular os movimentos de esquerda, criar leis de proteção ao patronato, reprimir as liberdades individuais e as minorias, tem apoio de grupos paramilitares e milícias e prega o autoritarismo. Além disso, relembrou discursos que consideraram absurdos para comprovar os argumentos, como o presidente ter dito “e daí?” sobre as mortes causadas pela Covid-19; que ia “fuzilar a petralhada”, para falar dos opositores; e ter se referido a negros quilombolas que “pesavam arrobas”, o que, segundo o texto dos palmeirenses, fazia alusão a animais. Porém, ressaltaram citando Silvio Almeida que, apesar do bolsonarismo poder ser comparado ao fascismo, ser antifascista não é ser somente contra a violência dos fascistas, mas ser contra a economia do fascismo, o direito do fascismo, a cultura do fascismo e que o contrário do conceito é “poder popular”, sendo necessária informação, organização e luta.

No dia 29 de março, compartilharam um manifesto de coletivos de torcedores e torcedoras chamado “Pela sobrevivência do país” (Figura 65), que pedia a saída de Bolsonaro e do vice-presidente Hamilton Mourão, principalmente por conta da forma como o governo lidou com a pandemia. Para eles, a crise na saúde pública derrubou qualquer dúvida sobre a permanência do governo, que já não estava enfrentando corretamente, segundo os grupos, as crises na economia, além de negar assistência social. Para enfrentar o cenário de crise da pandemia, eles afirmaram que “as formas de organização da classe trabalhadora e do povo pobre precisam estar fortalecidas” e, para isso, seria necessário

- estatização do sistema privado de saúde, a sobrevivência do povo não pode ser lucro de empresas;
- taxação das grandes fortunas;
- revogar imediatamente a PEC do teto dos gastos;
- revogar imediatamente a reforma trabalhista;
- que o trabalhador com carteira assinada tenha o direito a quarentena sem prejuízo financeiro;
- que o trabalhador informal seja cadastrado e tenha os mesmos direitos do trabalhador com carteira assinada, para que assim possam ter condições de ficar em quarentena em casa;
- a suspensão das contas e cobranças em geral, tais como luz, água, gás, telefone...;
- que as escolas da rede pública continuem oferecendo alimentação para todos os estudantes;
- que os trabalhadores da saúde tenham acesso a materiais de trabalho e transporte limpos para combater a pandemia;
- que os trabalhadores autônomos/MEI tenham compensação financeira enquanto durar a quarentena;
- que as pessoas que estão em situação social de risco (tais como trabalhadores em situação de rua) possam ser recebidas em abrigos adequados que garantam a quarentena;
- Auditoria e suspensão do pagamento dos juros e encargos da dívida pública para financiar o enfrentamento à crise;
- Fora Bolsonaro, Mourão e todo o seu Governo! Pela constituição de um gabinete de transição que se dissolva com o chamamento de novas eleições gerais com o fim da crise de saúde pública.

Além da Palmeiras Antifascista, o Coletivo Democracia Corinthians também assinou o texto, assim como outras 37 torcidas.

Já a Santos FC Antifascista, no dia 3 de maio postou uma foto em que apoiadores de Jair Bolsonaro aparecem em protestos em Porto Alegre. Segundo os torcedores, eles pediam intervenção militar e fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF), mas foram surpreendidos por um grupo antifascista, que levava uma faixa com dizeres “Renuncia, Bolsonaro. Chega de mortes”. Ainda segundo a página, houve briga e os manifestantes se dispersaram. Eles escreveram: “Fascista se combate nas ruas”.

No dia 28 de dezembro os santistas também criticaram o fato do clube se aproximar de Bolsonaro. Na Vila Belmiro, o presidente participou de um jogo beneficente chamado “Natal sem Fome”. Para o grupo, “estender o tapete vermelho, mais uma vez, para esse cretino oportunista é uma afronta para a nossa camisa” e que a participação do político em um evento contra a fome “no ano em que a cesta básica da população brasileira teve a maior inflação de todos os tempos só mostra como ele é um demagogo mau-caráter. Vergonha” (Santos FC Antifascista, 2020).

Como pudemos verificar, a maior parte das publicações que envolviam a pandemia de *Covid-19* foram para criticar o governo e já as discutimos acima na categoria dedicada a essas críticas. Mas destacamos que também houve postagens de teor educacional e de conscientização, como recomendações de prevenção e higiene, que colocamos em outra categoria.

Figura 66: “Coronavírus não é brincadeira”



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Figura 67: Palmeiras Antifascista lamenta mortes por Covid



Fonte: *Facebook* Palmeiras Antifascista

Na figura 66, de 18 de maio, a Palmeiras Antifascista fez recomendações quanto aos cuidados necessários para evitar a Covid-19, como lavar as mãos e evitar aglomerações e, por fim, ironiza: “Caso veja um fascista, queime-o”. Na legenda dizem: “O capitalismo é cruel, continuamos pegando trens lotados, trabalhando ao invés de estarmos em isolamento social. O lucro está acima das vidas para o patrão”. No dia 11 do mês seguinte, lamentaram as mortes por Covid ocorridas no país, comparando com o público presente na final da Copa do Brasil de 2015 (Figura 67). A foto foi acompanhada de um texto em que dizem que esse número representa pessoas com sonhos, planos e histórias, que deixam um vazio na vida de seus entes queridos e questionam: “Quantos estádios a indiferença, o descaso e a negligência das autoridades irão lotar? Em que momento a perda de mais de mil vidas, a cada dia, deixou de nos comover?” (Palmeiras Antifascista, 2020).

O CDC, no dia 25 de março, publicou um vídeo de uma campanha canadense sobre mortes nas estradas que questionava “quantas mortes você acha aceitável?” e quando

respondiam um número qualquer, pessoas da família apareciam para representar a quantidade. No dia 27 de março, publicou uma notícia sobre um jovem economista que se opôs à quarentena e morreu com coronavírus. Também em março, postaram uma imagem com “protocolos para sair de casa”, que incluíam evitar o transporte público, manter distância das pessoas, não tocar o rosto sem higienizar as mãos, entre outros.

No mesmo mês, a Santos FC Antifascista publicou a notícia de que a Vila Belmiro seria ponto de vacinação *drive thru* contra a gripe. Na legenda incentivam as pessoas a se vacinarem: “Lembrando que essa vacina não combate o novo coronavírus, mas irá evitar a confusão de sintomas por conta de uma gripe ‘comum’”.

O Bonde do Che, por sua vez, em várias ocasiões compartilhou os boletins com os números de casos e mortes por Covid-19 publicados pelo perfil do São Paulo Futebol Clube. No dia 24 de abril, escreveram: “Acompanhe a crise do coronavírus via São Paulo FC: dados reais, risco real, prevenção real. Na contramão do Ministério da Saúde bolsonarista que institucionalizou a subnotificação”. No dia 29 de abril, ressaltaram: “O São Paulo FC permanece na contramão do bolsonarismo, seguindo as orientações das autoridades em saúde pública e recomendando o distanciamento social”. No dia 11 de maio, disseram: “Confie na ciência, respeitem os mortos, não subestime o vírus. O isolamento social ainda é a medida mais eficaz de prevenção” (Bonde do Che, 2020). Embora tal incentivo do grupo ao isolamento social fosse muito importante, é necessário destacar que, em certo momento, houve uma desconexão das palavras com os atos: em novembro, publicaram alguns vídeos nos quais a torcida aparece em aglomerações em apoio ao São Paulo.

Essa dúvida sobre aglomerar ou não, tomou conta das redes sociais nos protestos de maio e junho de 2020. Alguns consideravam justa a aglomeração pois o momento de crise pedia uma ação como essa, outros achavam que ainda não era o momento e que isso poderia causar mais casos e mortes por Covid-19. Mas o fato é que muitos foram às ruas seguindo alguns protocolos de segurança para protestar contra o racismo e pela democracia, contra Jair Bolsonaro e seus discursos antidemocráticos, além da maneira como o governo vinha tratando a pandemia. Castells (2016) diz que, embora muitos movimentos se iniciem na internet, eles passam a ser identificados como tal quando tomam o espaço físico e persistem nas manifestações de rua.

Ressaltamos que esses não foram os únicos movimentos que os torcedores apoiaram e participaram em 2020, já que houve publicações defendendo a greve dos funcionários dos Correios por reajuste salarial e contra a privatização da empresa, participação em protestos de entidades de direitos humanos e mães dos jovens que morreram em Paraisópolis, em 2019, após uma ação da polícia e sobre o “breque dos apps”, a greve de entregadores de aplicativos por melhores condições de trabalho. Contudo, diante de todo o contexto e repercussão, as manifestações contra o governo foram as mais significativas. Assim,

Estes protestos chamaram a atenção da mídia e reanimaram debates sobre a frente contra o Bolsonarismo. A atuação dos torcedores antifascistas nestes protestos fez com que, novamente, se especulasse sobre a politização dentro da arena futebolística. A discussões ficaram ainda mais acaloradas quando se tem as torcidas

organizadas como parte integrante nestes manifestos (Cerreia, 2020, p. 109).

Tais disputas em meio às limitações da pandemia foram estimuladas, entre outros motivos, pelo próprio cenário pandêmico, visto a alta taxa de contaminação e as mortes no país. Isso acontecendo durante um governo que sequer tinha um Ministro da Saúde na época e que não dava respostas satisfatórias para a crise sanitária (Pinheiro, 2021). Cerreia (2020) relata que corinthianos da torcida organizada Gaviões da Fiel e de movimentos antifascistas do clube ocuparam a Avenida Paulista, em São Paulo, para impedir uma manifestação bolsonarista.

Figura 68: Manifestação de torcedores Corinthians na Avenida Paulista



Fonte: *Facebook* Coletivo Democracia Corinthiana

Após a manifestação, o CDC colocou a foto desses torcedores em suas redes sociais, declarando que o coletivo

parabeniza e aplaude os corajosos companheiros de nossa torcida que

bravamente defenderam a democracia e a vida da nossa população tão ameaçada pela irresponsabilidade do poder público e da parcela insana da população que ousa a afrontar profissionais de saúde e descumprir as medidas necessárias para evitar os danos dessa pandemia que já tirou a vida de mais de 10 mil brasileiros. Que outras torcidas sigam esse exemplo e também façam sua parte, pois garantir a democracia é garantir o direito das torcidas existirem. E contem com o nosso Coletivo para futuras ações em defesa da Democracia e da vida de nosso povo (Coletivo Democracia Corinthiana, 2020).

Depois desse episódio, porém, palmeirenses direitistas também se reuniram na Avenida Paulista e postaram a foto nas redes sociais chamando os corinthianos para o confronto. Eles escreveram: “Deus, Pátria, Família e Amigos! Odiamos gambá⁸, estamos esperando vocês” (Farinelli, 2020). No mesmo dia, o Bonde do Che se manifestou sobre isso dizendo ser “mais um episódio triste desses tempos difíceis”.

Foi a partir desse episódio que, no dia 31 de maio, com um número muito maior de adeptos, as torcidas protagonizaram um novo ato, chamando ainda mais atenção e, na ocasião,

a presença dos grupos antifascistas foi determinante. Vários destes coletivos utilizaram as redes sociais para convocar seus membros que, prontamente, se posicionaram contra o fascismo nas ruas.

⁸ Apelido pejorativo e de origem preconceituosa usado para se referir a torcedores corinthianos.

As antifas passaram, mais uma vez, a fazer parte da discussão sobre a linha de frente contra o Bolsonarismo. Tanto o ato do dia 9 como o do dia 31 de maio revelaram o vigor da ação política dentro das torcidas de futebol, que rapidamente assumiram uma posição necessária no que tange as estratégias de mobilização (Cerreia, 2020, p. 109).

Alguns grupos, porém, ficaram relutantes sobre ir às ruas em plena pandemia. No dia 11 de maio, o Bonde do Che disse que não iriam julgar as iniciativas alheias, mas se pronunciariam sobre os protestos, pois estavam sendo cobrados a participarem. Para o grupo, aglomerar-se, naquele momento, era dar argumentos a Bolsonaro para se isentar de responsabilidades, pois a “população tá toda na rua fazendo ato de direita e de esquerda, mas trabalhar não pode?”. Disseram também admirar a coragem, mas que defenderiam, como fora no início da pandemia, o isolamento social, e, dessa forma, continuariam a respeitar tal posição. Segundo eles, para o Bonde, formado por 33 pessoas, seria muito fácil mobilizar cerca de 50 pessoas para irem às ruas, mas também seria irresponsável e incoerente. Também ressaltaram que não são contra ações conjuntas com outras torcidas por causas em comum e que não menosprezam as torcidas rivais, mas “o momento, sem precedentes nesta geração, é de agir com inteligência. A realidade se impõe” (Bonde do Che, 2020).

Figura 69: Participação do BDC em protesto



Fonte: *Facebook Bonde do Che*

Figura 70: Participação do CDC em protesto



Fonte: *Facebook CDC*

Figura 71: Participação de palmeirenses em protesto



Fonte: *Facebook Palmeiras Antifascista*

Figura 72: Participação de santistas em protesto



Fonte: *Facebook Santos FC Antifascista*

No dia 31 de maio, o Bonde do Che postou uma foto em que integrantes aparecem com uma faixa “Fora Bozo” (Figura 69) e um texto com o título “dissemos que não íamos, mas fomos”, explicando todo o contexto sobre retrospectiva dos protestos e sobre a decisão de ir, dizendo estarem cientes de que o ato foi puxado por uma torcida rival que “foi ameaçada pelos rivais bolsonaristas e estaria em peso,

decidimos por colar à paisana e não levar a faixa, já que o nosso alvo eram os bolsonaristas e não marcar presença nem criar picuinhas desnecessárias”. Afirmaram também que 27 integrantes participaram e que houve feridos no grupo (como dissemos anteriormente, a polícia reprimiu os protestos).

Também no dia 31 de maio, santistas publicaram a figura 72 com o texto “Santistas contra a extrema direita”. Segundo eles, foram “para a pista dar um recado direto aos fascistas: não permitiremos que tragam essa merda para as nossas arquibancadas e nem para as nossas ruas” e que consideram o ato dos rivais e antifascistas, em geral, no mesmo dia, “uma luta correta contra os que clamam por ditadura e colocam em risco a nossa já tão atacada liberdade” (Santos FC Antifascista, 2020).

No dia 3 de junho, a Palmeiras Antifascista (Figura 71) publicou um comunicado sobre o ato do dia 31 de maio, dizendo que não houve grito de guerra ou foto com os rivais, que não falam em nome do Palmeiras e também que

Nós organizamos o nosso ato e cada clube organizou o seu. As únicas coincidências eram o local (Paulista), a pauta da manifestação e o objetivo de impedir que atos neofascistas pró-Bolsonaro corram tranquilamente. Eles lideraram o protesto deles, da forma deles. Nós, o nosso e da nossa forma. E mesmo estando em menor número, formamos o nosso bloco, separado, e fomos embora juntos (Palmeiras Antifascista, 2020).

As manifestações seguiram acontecendo em junho. No dia 6, o CDC publicou uma imagem com várias

recomendações para quem ia participar dos atos pela democracia no dia 7, como usar máscara o tempo todo, cobrindo nariz e boca, manter distância de outros manifestantes, não comparecer se estiver com qualquer sintoma de Covid-19 e não revidar provocações de bolsonaristas ou da PM. No dia 7, publicaram foto da faixa “Democracia Corinthiana” nas manifestações (Figura 70).

Após os protestos, as discussões no *Facebook* dos grupos sobre isso continuaram, principalmente sobre os balanços e repercussões. No dia 9 de junho, o Bonde do Che disse que a recente popularização do termo “antifascista” fez com que muitos integrantes da torcida os procurassem “querendo somar” e que passaram a ter um grupo grande como jamais tiveram. No dia 14 de junho, o grupo aponta que os resultados de tudo que aconteceu, que chamam de “as conquistas do bolsonarismo” (por causa do ato dos palmeirenses de direita) são:

- Nosso rival resgatou os tempos de sua Democracia e colocou um movimento pesado nas ruas;
- A porcada unificou seus grupos de esquerda e hoje (domingo, 14/06) colocou um novo movimento nas ruas;
- Antifa do Santos agora tem um time de pista;
- Brotaram outros bondes antifascistas na nossa entidade de lugares que jamais suporíamos, nosso time de pista quadruplicou de tamanho;
- A Frente Guevarista, que era só página, se organizou e foi pras ruas;
- Torcidas organizadas do Brasil todo estão aparecendo na mídia internacional (Bonde do Che, 2020).

Prosseguem dizendo que antes do ato dos “porcos fachos”, nada disso teria sido possível e que o bolsonarismo ocupava as ruas sem oposição, enquanto as esquerdas, “incluindo nós, tentávamos agir com prudência frente ao coronavírus” e que o movimento inicial do “Somos Democracia” provavelmente teria minguido, mas “aqueles 24 trouxas nos deram a motivação que precisávamos”, então

É nisso que dá usar um símbolo popular como o futebol para defender o elitismo e o entreguismo que Bolsonaro representa, era óbvio que haveria reação em massa. Quem gosta de opressão do Estado burguês, de governo que corta aposentadoria do pobre e privatiza patrimônio nacional, quem frequenta a arquibancada mas lambe os coturnos da PM, apesar do que ela faz conosco jogo após jogo, tem que trocar de esporte. Quem sabe adotar o críquete ou o golfe, mais adequados pra playboy que se acha “empreendedor” (...). O futebol é do povo, as torcidas também. Nosso agradecimento aos 24 bolsonaristas da Trianon, por terem feito tanta gente se lembrar disso (Bonde do Che, 2020).

O CDC também se manifestou, no dia 3 de julho disseram considerar o levante “fundamental para preservar nossa democracia e reconquistar direitos perdidos durante a vigência do governo miliciano” e que as ruas não devem ser entregues a radicais de extrema direita. Dizem também que todos têm direito a se manifestar e que os protestos não devem ter “donos”.

No dia 9 de junho, a Santos FC Antifascista disse estar recebendo muitas mensagens de pessoas querendo participar do movimento, chamando para novas manifestações e da imprensa buscando informação. Porém, esclareceram que não são uma torcida, mas que fazem parte de uma célula antifascista na torcida do Santos e que o canal é uma fonte de propaganda, recebimento de material e auxílio. Para o grupo, existe uma confusão sobre as torcidas antifascistas porque muitos torcedores que se colocam como antifascistas ignoram a realidade das arquibancadas. Essa crítica

vai para os que ainda não entenderam que antifascismo não se faz na internet, não se faz com lacração e, especificamente onde estamos, não se faz longe dos estádios. Se você não frequenta jogos, nunca pegou uma caravana, tem aversão às torcidas organizadas e acredita que "paz entre nós, guerra aos senhores" significa assistir um clássico abraçado com um rival na arquibancada, saiba que você não entendeu nada sobre o antifascismo do lado de cá (Santos FC Antifascista, 2020).

Na mesma postagem, seguem dizendo que não farão chamados favoráveis ou contrários aos atos de torcedores, mas que alguns membros estão participando e outros resolveram se preservar por conta da pandemia e que a participação no dia 31 foi uma necessidade do momento para o enfrentamento aos fascistas. Por tudo isso, o grupo afirmou que não daria entrevistas e também porque, para eles, os portais de notícias só estariam preocupados em preencher a grade e “surfear na onda do momento”:

Ainda não recebemos uma única notícia condizente com a real finalidade do antifascismo nas torcidas. Apenas superficialidade, declarações resumidas e/ou cortadas e uma tremenda imprecisão de ideias. Sempre avaliamos a possibilidade de passar uma visão ponderada da situação, que realmente incluía as pautas de luta e sirva como instrumento de informação. Porém, esse nunca é o foco desses veículos e rapidamente pulamos fora antes de qualquer colaboração. Somos contra a expansão das ideias? Não. Mas não vamos dar palco pra comédia que só quer curtida (Santos FC Antifascista, 2020).

O Bonde do Che também refletiu sobre as torcidas antifascistas. No dia 9 de junho, publicou um vídeo de um torcedor do Flamengo que fala sobre o assunto e diz que “passa uma visão que nós já cantamos há anos: a base do movimento de ‘torcidas antifascistas’, do qual sempre fizemos questão de nos dissociar, é pequeno-burguesa e alheia ao futebol”. Para eles, a ascensão desse movimento em 2013 causou estranhamento porque os movimentos sociais sempre foram ligados às organizadas e muitos grupos surgiram com um sentimento “anti-organizadas”, por isso consideram que “ou seus integrantes não estavam nas arquibancadas, ou não estavam militando organizadamente fora delas – ou ambos” e, complementa, que a

coisa piorou substancialmente quando a cartilha extra-oficial desse movimento começou a circular, com aberrações como a condenação do clubismo como sendo uma forma de “microfascismo”. Nossos

rivais “antifa” vinham à nossa página PEDIR que não falássemos mal do clube deles. Vocês conseguem imaginar um manchista indo à página da Independente PEDIR pra maneiarem nas ofensas ao Palestra em nome da “fraternidade”? Ali vimos que era hora de pular fora e abandonar de vez o nome “SPFC Antifascista”, que utilizávamos até então (Bonde do Che, 2020).

O grupo também considerou que eles, marginalizados pelas “torcidas antifa” e ignorados pelo jornalismo há anos, acreditam que não há luta no futebol quando as organizadas são excluídas e que “quem quer fazer política sem clubismo tem que procurar um partido, não montar uma torcida”. Entre os pontos positivos e negativos apontados pelas próprias torcidas, para Pinheiro (2020) a dimensão simbólica do encontro de torcidas organizadas e atos antifascistas é impactante, mesmo ainda não sendo possível precisar as implicações disso a longo prazo.

Ainda em relação à mídia, alvo de muitas críticas dos grupos, o jornal Estadão publicou uma reportagem no dia 5 julho dizendo que após os atos de rua, as torcidas pretendiam “se aventurar nas urnas” (Venceslau, 2020). O Bonde do Che disse que a reportagem era “irresponsável, sensacionalista e amadora”. Como exemplo, citou a descrição da participação palmeirense no ato, que foi com um movimento unificado, que não é citado na reportagem, enquanto a principal organizada está na reportagem, mas declarou neutralidade. Para eles, a intenção seria induzir o leitor a pensar que as organizadas foram financiadas por partidos e participar das eleições seria uma espécie de suborno. Também que os antifas não deveriam se prestar a dar entrevistas ao “monopólio de imprensa

burguês”, porque Bolsonaro “bate na imprensa, mas a imprensa segue bolsonarista” e os fatos inconvenientes para o governo são noticiados porque “o despreparado e a corrupção são tão explícitos que não lhes deixam alternativa” (Bonde do Che, 2020).

Outra reportagem, de 21 de junho, no El País Brasil, mostrava que torcidas como a Máfia Azul e a Jovem Fla que reverenciam Che Guevara adotaram neutralidade nos protestos contra Bolsonaro e outras, como o Bonde do Che e Frente Guevarista, se posicionaram (Pires, 2020). Ao comentar a matéria, O BDC diz que agradece a “menção honesta”, mas que faz algumas ressalvas, defendendo que as torcidas organizadas são entidades políticas, mesmo que não tenham o foco voltado para a política e que nenhuma delas adotou a imagem do Che sem saber de quem se tratava. Porém, os ensinamentos políticos não foram transmitidos aos mais novos e isso não é um problema das organizadas, mas da sociedade como um todo. Ressaltou, também, que “a esquerda política é a segunda força em 90% das organizadas, atrás apenas da esmagadora maioria apolítica que não se interessa pelo assunto”. Segundo eles, já faziam parte da organizada antes de formar o Bonde do Che e a presença da direita assumida na maioria das torcidas é “irrisória”, tendo optado por permanecerem na Independente porque é lá que está “a nossa gente”. Eles questionaram: “De que adianta juntar um grupinho paralelo de esquerdistas e ficar pregando aos convertidos? Quem precisa do marxismo é o povo, não meia dúzia de escolhidos” (Bonde do Che, 2020). E defendem também que a diretoria das organizadas tem que representar essa massa heterogênea. Apesar disso,

ter a figura do Che nas organizadas é algo extremamente positivo. Desperta curiosidade, afinidade e muitos descobrem a teoria revolucionária através desse e outros símbolos semelhantes. Nessa parte vem a maior maldade do texto do El País: insinuar que as torcidas capitalizam a figura do Che por puro oportunismo, citando até valores de camisetas. Oras, torcidas têm gastos: faixas, bandeiras, viagens etc. Acompanhar o time pelo Brasil afora e além tem custos, alguns muito maiores que os financeiros. (...) Nós não confeccionamos nem vendemos camisas porque não temos gastos. Propagar nossas ideias sai barato e até agora nossos rateios internos deram conta do que precisamos: alguns sulfites, cola, tnt, spray... Nada muito sofisticado. Mas se um dia resolvermos tocar um projeto social mais elaborado, de médio ou alto custo, talvez lancemos algo com nossas artes pra levantar uma grana, por que não? No início também pesava nosso receio da fetichização da nossa luta, mas agora que estamos estabelecidos e todos conhecem nossas ideias não temos mais essa preocupação (Bonde do Che, 2020).

O grupo defendeu, ainda, que a ideia política seja espalhada na arquibancada, mas que a luta nas ruas deveria ser “à paisana” e quem leva sua bandeira, já faz isso pensando em sair no jornal. Também parabenizam o jornalista Breiller Pires “pela seriedade com que tratou o assunto” acabando com o “conto de fadas” que a imprensa criou de que as torcidas organizadas antifascistas iriam derrubar Bolsonaro nas ruas.

Não obstante, Numerato (2018) diz que o posicionamento de torcedores ao redor do mundo é influenciado pelos meios de comunicação e pela forma como os torcedores são retratados. Essa relação, segundo o pesquisador, nem sempre é conflituosa e a mídia contribuiria para a articulação de vários temas da agenda ativista. Lopes (2013), porém, acredita que, no Brasil, as críticas vocalizadas por coletivos e organizadas raramente encontram ecos nos meios de comunicação ou são contempladas na elaboração de leis e políticas públicas, “afinal, elas são realizadas num espaço assimétrico de poder, onde os torcedores têm pouca voz e influência” (Lopes, 2013, p. 3). Outras situações também geraram desconforto com grupos de torcedores ativistas, como a relutância por parte da mídia esportiva em abordar os debates sobre homofobia e machismo no futebol, sendo as reportagens sobre os movimentos contrários a esses preconceitos tratados, principalmente no início, como caricaturas diferentes à norma e “torcidas gays de internet” (Pinto, 2017, p. 86).



Mais que 90 minutos: Ainda há tempo para jogar

Se Albert Camus pôde encontrar o grande mestre da vida no futebol, talvez seja porque este contém a contradição básica da existência. De um lado é expressão do absurdo, a dimensão existencial que mais atraiu o escritor franco-argelino. De outro, é ensaio para se lutar contra esse absurdo, pois “a revolta é o próprio movimento da vida, que não pode ser negada sem que se renuncie a viver”. Quando ele afirma que a vida é “longa obstinação” na qual “nenhum pode salvar-se completamente sozinho”, talvez tivesse em mente o futebol. Quando pensa no absurdo, talvez se lembrasse, por ter sido goleiro (amador, a tuberculose impediria a carreira profissional), “que a bola nunca vinha do lado que se imaginava”. Realmente, a mensagem básica da obra de Camus é a do próprio futebol – a felicidade é tão preciosa porque caminha ao lado da tragédia.

Hilário Franco Júnior

Se o futebol fala da própria vida e tem uma relação intrínseca com a política e com a sociedade, faz-se necessário compreendê-lo como possibilidade, também, de entender e transformar outros espaços. É nesse sentido que tentamos contribuir com essa obra, desde o cotejamento empírico até a luz das ideias de autores que também se fiam a esse pensamento.

Para alcançar nossos objetivos de investigar as pautas apresentadas no *Facebook* pelo Coletivo Democracia Corinthiana, Palmeiras Antifascista, Santos FC Antifascista e Bonde do Che no *Facebook* em 2020, identificando especificidades e recorrências das representações políticas entre eles, iniciamos o primeiro capítulo abordando as relações entre futebol, sociedade e política, com alguns exemplos de como esse vínculo aconteceu ao longo da história e por que a compreensão dele é fundamental.

Ainda no primeiro capítulo retomamos algumas reflexões da literatura a fim de compreender que aspectos das torcidas antifascistas estavam sendo pesquisados e onde poderíamos inserir nossas investidas teórico-metodológicas. Sendo um assunto recente, ainda existem poucas pesquisas sobre o tema e muitos espaços a serem explorados. Também trouxemos algumas considerações sobre o surgimento dos coletivos de torcedores e torcidas antifascistas no Brasil, bem como o contexto de formação do Coletivo Democracia Corinthiana, Bonde do Che, Palmeiras Antifascista e Santos Antifascista. Estas torcidas estiveram presentes em nossas análises, pela sua importância histórica, engajamento e militância política.

Nos capítulos dois, três e quatro nos debruçamos de forma mais detalhada nas publicações realizadas pelas quatro torcidas, buscando analisar especificidades e recorrências nas

representações construídas. Foi possível perceber que, em geral, todas partilham de valores e ideias muito parecidos e, mesmo com certa hesitação por conta da rivalidade, conseguem participar de ações e campanhas conjuntas. As publicações têm certa periodicidade e, muitas vezes, são embasadas em dados, estudos e notícias jornalísticas confiáveis, para além de opiniões e gostos políticos. A partir das postagens, podemos dizer também que esses quatro coletivos levam em conta diversas interseccionalidades como raça, gênero e classe em seu ativismo *on-line*.

As semelhanças, porém, não querem dizer que se posicionam ou falam sobre os mesmos assuntos com a mesma frequência ou da mesma forma. Como exemplo, podemos citar que o futebol moderno esteve muito mais em pauta na torcida santista do que nas demais; as eleições municipais de 2020 foram tratadas, quase exclusivamente, pelo Coletivo Democracia Corinthiana; o futebol feminino foi visto de maneira mais contundente na página da Palmeiras Antifascista e o clube e a torcida foram bastante importantes para o Bonde do Che.

Os resultados apontam que essa criação de conteúdo nas redes sociais, no caso específico da nossa análise, no *Facebook*, é bastante relevante, com publicações que interessam não somente às torcidas, mas a toda a sociedade. Também questiona o postulado de que o torcedor é alienado, trazendo uma visão diferente para o ambiente do futebol, que ainda é um espaço muito hostil para minorias, como mulheres e LGBTs, por exemplo.

Por tudo isso, acreditamos que a presente pesquisa contribui na identificação das pautas das torcidas antifascistas, que continuam se multiplicando pelo país e ainda foram pouco investigadas e na assimilação das diferentes formas de

mobilização, levando em conta, principalmente, a internet e o *Facebook* como um espaço de constituição desses grupos enquanto sujeitos políticos.

Ainda assim, encontramos alguns entraves. O primeiro diz respeito ao fenômeno de torcidas antifascistas ser muito recente, sendo difícil dizer o quanto vai avançar e quanto vai ser relevante nos cenários políticos, sociais e esportivos do país. Não foi possível constatar se o movimento que esteve nas ruas em 2020, estava também nos estádios. Com a pandemia de Covid-19, o futebol parou por um tempo e depois voltou sem torcida. A pandemia, da mesma forma, trouxe empecilhos diretamente na ampliação da pesquisa, já que não foi possível estar nos estádios, acompanhar os torcedores, entrevistar pessoalmente, participar de reuniões, das manifestações, entre outras situações que poderiam agregar elementos relevantes ao trabalho.

Ademais, acreditamos que o tema ainda pode avançar muito com algo extremamente relevante na comunicação: a análise do receptor. Não era nosso objetivo de pesquisa e tampouco teríamos tempo para realizar coletas de engajamento em todas as 1.392 publicações identificadas. Contudo, um ponto que consideramos importante relatar é que, apesar do número e da influência das torcidas de esquerda serem maiores, as de direita também têm aparecido nas redes sociais. Alguns exemplos encontrados foram o “Movimento Direita Palestrina”, que se define como um movimento “de direita palestrina nacionalista, tendo como base valores como Deus, pátria e família. Brasil acima de todos. Aqui Che Guevara não se cria”. A página no *Facebook* tinha 500 curtidas no início de janeiro de 2021 e foi criada em outubro de 2018.

Na torcida corinthiana, existe a página “Corinthians anti antifa”, que se diz anticomunista e antissionista, criada em

2018, com 670 curtidas até 9 de janeiro de 2021. Algumas postagens exaltam o fascismo italiano e símbolos nazistas. Em uma das imagens colocadas pelo grupo, é possível ler “fascismo e liberdade”. Em outra imagem, na qual a legenda explicitava estarem prontos para “a ascensão nacional” em 2020, constava a frase “de pé entre as ruínas”, de Julius Evola, filósofo italiano simpático ao fascismo. Em um texto de 2019, defenderam o que chamaram de “família tradicional corinthiana”, dizendo que nas últimas décadas, a sociedade “tornou-se vítima de uma revolução sexual”, promovida por poderosas organizações que são contra a família, citando forças políticas e meios de comunicação e que, por isso “militantes da Ideologia de Gênero tentam implantar no ensino básico suas teorias”, de acordo com eles, para “deformar a cabeça” de filhos e netos. E, ainda, em menção direta às torcidas antifascistas, em 2018, colocaram uma imagem intencionalmente virada de cabeça para baixo, de torcedores de Corinthians, São Paulo e Palmeiras juntos, com bandeiras antifascistas, dizendo serem “degenerados que querem degradar o Corinthians”.

Para Cerreia (2020), parte das torcidas antifascistas tem ações políticas semelhantes, principalmente sobre inclusão e combate ao fascismo, mas que nem sempre convergem nas vertentes da esquerda, tendo discursos mais moderados e outros mais incisivos. Todavia, consideramos, assim como Ribeiro (2021), após análises de todo material encontrado e analisado na pesquisa, que a atuação do movimento antifa se faz necessário na sociedade contemporânea, por todos os discursos reacionários e excludentes propagados em diversos meios, sendo o futebol um campo capaz de potencializar a disputa, visto que é o esporte mais popular do país e não se separa dos fenômenos sociais. Justamente por isso, as

discussões das torcidas, em geral, estão em torno do que acontece no momento, dos problemas e situações mais urgentes no Brasil, mesmo que não estejam diretamente ligados ao esporte.

Ainda assim, não podemos determinar o impacto da quarta onda de torcidas no país, pois, segundo Castells (2016), não é possível prever o resultado de movimentos sociais ou da política insurgente e só saberemos se ações coletivas trarão mudança social quando enxergarmos as consequências. Mas isso não quer dizer que os movimentos, principalmente na internet, não sejam um desafio às autoridades. A revolta contra a injustiça social pode “crescer e florescer quando são conectadas a outros indivíduos, quebrando as barreiras da experiência individual para então se tornarem mobilização social e projetos alternativos de organização social” (Castells, 2016, p. 31).

Consideramos ainda que o crescimento do movimento pode espalhar a mensagem atualmente restrita aos seguidores das redes sociais, como foi em 2020, quando a mídia deu espaço aos protestos protagonizados por torcedores organizados e torcedores antifascistas, mesmo com a contestação dos manifestantes de como foram retratados. Por isso, como apontam alguns pesquisadores, é importante que as torcidas tenham em mente que, apesar da internet ser uma ferramenta muito importante na difusão de ideias, não pode ser o único espaço de disputa. Assim, é possível que a chamada “quarta onda” de torcidas se afirme como movimento social importante na luta por democracia e sugerir um caminho para a renovação progressista no Brasil (Pinheiro, 2020; Cerreia, 2020; Castells, 2016).

Por fim, reiteramos a relevância de que as torcidas antifascistas e coletivos de torcedores continuem a ser

investigados em seus mais diversos aspectos e possibilidades, para que, como discute Alabarces (1998), não se deixe de olhar a totalidade de um sistema cultural e, assim, possam ser reconhecidos os sinais de mudança e resistência. Além disso, todo o processo elitizador pelo qual o esporte passou e despertou os torcedores e torcedoras para uma militância maior ainda está em desenvolvimento, portanto, há muito que percorrer para que se saiba os rumos que irá tomar o ativismo antifascista nas torcidas.



Índice Remissivo

A

Adolf Hitler – 106

Afonso – 19

Antifascista/antifascistas – 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 60, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 74, 75, 76, 79, 80, 84, 85, 86, 87, 89, 90, 92, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 119

Athletic Bilbao – 18

Augusto Pinochet – 19

B

Benito Mussolini – 94

Breiller Pires – 118

Bruno Covas – 99, 100, 101

C

CBF – 54, 56, 61, 62

Capitalismo – 17, 20, 22, 62, 75, 110

Celtic – 18

Che Guevara – 49, 97, 98, 117, 122

Cristóvão Borges – 14

Coletivos – 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 48, 51, 52, 59, 60, 62, 64, 66, 72, 74, 78, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 96, 97, 98, 99, 100, 103, 110, 111, 112, 115

Coligay – 25, 26

Copa do Mundo – 19, 23, 26, 32, 39, 54, 58, 63

Covid-19 – 15, 41, 61, 71, 72, 79, 81, 91, 101, 103, 106, 108, 109, 110, 111, 115, 121

D

Dameres Alves – 87

Dilma Rousseff – 27, 28, 29, 34, 35, 36, 37, 86

Donald Trump – 37, 77

E

Emilio Médici – 19

Eric Cantona – 91, 94

Escócia – 18

Espanha – 18

Etnografia de tela – 15, 41

Extrema direita – 17, 23, 27, 37, 114, 116

F

Fake news – 38, 80

Fascismo – 15, 24, 26, 30, 60, 84, 97, 98, 103, 113, 114

Franklin Foer – 18

Futebol moderno – 18, 24, 33, 34, 46, 47, 52, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 121

G

Gaviões da Fiel – 19, 24, 111

Gentrificação – 28, 60

George Floyd – 73, 74, 75

German Cano – 81

Getúlio Vargas – 19

Guilherme Boulos – 99, 100, 101

H

Hamilton Mourão – 74, 108, 109

Hooliganismo – 20, 21

I

Ideologia de Gênero – 102, 122

Impeachment – 28, 29, 34, 35, 36, 52, 102

Imprensa – 96, 106, 116, 117, 118

Interdisciplinar – 15, 21, 22, 42, 45

J

Jair Bolsonaro – 15, 17, 22, 29, 30, 31, 37, 38, 39, 40, 65, 66, 74, 77, 78, 80, 88, 90, 92, 95, 96, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 117, 118

Jogos Olímpicos – 20, 66

Jornadas de Junho – 26, 32, 39

Jornalismo – 18, 47, 117

K

Kit gay – 38

L

LGBT/LGBTQIA+ – 14, 36, 72, 73, 75, 76, 77, 83

Luiz Antonio Simas – 14

Luiz Inácio Lula da Silva – 104

M

Máfia Azul – 74, 117

Mancha Alviverde – 25, 26, 100

Marcelinho Carioca – 107

Marielle Franco – 56, 98

Mariana Ferrer – 85, 86, 87

Marta – 54, 56

Michel Temer – 28, 34, 35, 36

Ministério do Esporte – 27, 54

N

Nazismo – 22, 93

O

Operação Lava Jato – 35, 104

P

Pacaembu – 19, 26, 34, 60, 61, 63, 100, 101

Palmeiras Livre – 29, 56, 66, 79, 84, 94, 107

Partido dos Trabalhadores – 27, 28, 89, 104

Paulo Guedes – 105

Pierre de Coubertin – 20

Polícia Militar – 28, 60, 74, 92, 93, 104, 115

Porcomunas – 79, 94, 107

R

Rangers – 18

Real Sociedad – 18

Rede Globo – 29, 38, 54, 61, 62, 104

Reinaldo – 19

Ricardo Salles – 106

Richarlyson – 25, 83, 84

Robinho – 87, 88

Roger Machado – 75, 76

S

Segunda Guerra Mundial – 22, 94

Supremo Tribunal Federal – 109

T

Torcidas organizadas – 15, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 57, 58, 60, 63, 68, 72, 111, 115, 116, 117, 118, 119

U

Ultras Resistência Coral – 23, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 43

V

Vidas negras importam – 51, 57, 73, 74

Vila Belmiro – 52, 61, 109, 110

Lista de Siglas

AfD – Alternative für Deutschland (Alternativa para a Alemanha)
AGIR – Arquibancada Ampla, Geral e Irrestrita
DC – Bonde do Che
CBF – Confederação Brasileira de Futebol
CDC – Coletivo Democracia Corinthiana
CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
CND – Conselho Nacional de Desportos
CONMEBOL – Confederação Sul-Americana de Futebol
EUA – Estados Unidos da América
FIFA – Fédération Internationale de Football Association (Federação Internacional de Futebol)
GIEF – Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol
LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e Outros.
MCFM – Movimentos Contra o Futebol Moderno
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
ONG – Organização Não Governamental
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PM – Polícia Militar
PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira
PSL – Partido Social Liberal
PSOL – Partido Socialismo e Liberdade
PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
PT – Partido dos Trabalhadores
STF – Supremo Tribunal Federal
USP – Universidade de São Paulo
VAR – Video Assistant Referee (Árbitro de Vídeo)

Fontes

A CADA 33 minutos, uma pessoa sofre algum tipo de violência policial no Brasil. **Jovem Pan**, São Paulo, 22 de julho de 2021. Disponível em: <https://jovempan.com.br/programas/jornal-da-manha/a-cada-33-minutos-uma-pessoa-sofre-algum-tipo-de-violencia-policial-no-brasil.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ACAYABA, Cíntia; ARCOVERDE, Léo. Taxa de assassinatos de indígenas aumenta 21,6% em dez anos enquanto de homicídios em geral cai, diz Atlas da Violência. **G1**, São Paulo, 31 de agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/08/31/taxa-de-assassinatos-de-indigenas-aumenta-216percent-em-dez-anos-diz-atlas-da-violencia.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ACAYABA, Cíntia; REIS, Thiago. Nº de mortos pela polícia em 2020 no Brasil bate recorde; 50 cidades concentram mais da metade dos óbitos, revela Anuário. **G1**, Rio de Janeiro, 17 de julho de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/15/no-de-mortos-pela-policia-em-2020-no-brasil-bate-recorde-50-cidades-concentram-mais-da-metade-dos-obitos-revela-anuario.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

“A ESPERANÇA vai vencer os radicais”, diz Bruno Covas. **IstoÉ Dinheiro**, São Paulo, 16 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/a-esperanca-vai-vencer-os-radicaais-diz-bruno-covas/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ALVES, Máira. Sara Winter pode ter que pagar R\$ 1,3 mi por expor menina estuprada. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 19 de agosto de 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/08/19/interna_nacional,1177620/sara-winter-pode-ter-que-pagar-r-1-3-mi-por-expor-menina-estuprada.shtml. Acesso em: 27 jun. 2025.

ALVES, Schirlei. Julgamento de influencer Mariana Ferrer termina com tese inédita de “estupro culposos” e advogado humilhando jovem. **The Intercept**, 3 de novembro de 2020. Disponível em: <https://theintercept.com/2020/11/03/influencer-mariana-ferrer-estupro-culposos/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ARAÚJO, Tiago de. Bolsonaro defende que a PM mate mais no Brasil. **Exame**, São Paulo, 5 de outubro de 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-defende-que-a-pm-mate-mais-no-brasil/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ATLETA da seleção é criticada após fala preconceituosa sobre Paulo Gustavo. **UOL**, São Paulo, 9 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas->

noticias/2021/05/09/palmeiras-atleta-e-criticada-apos-fala-preconceituosa-sobre-paulo-gustavo.htm. Acesso em: 27 jun. 2025.

AZEVEDO, Rita. Setembro de 2015: Bolsonaro chama refugiados de “escória do mundo”. **Exame**, São Paulo, 22 de setembro de 2015. Disponível em: <https://exame.com/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

BIASETTO, Daniel. Brasil já registra mais de mil mortes de indígenas por Covid-19, aponta entidade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 12 de março de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/brasil-ja-registra-mais-de-mil-mortes-de-indigenas-por-covid-19-aponta-entidade-24922195>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CAMPOS, João Pedrosa de. Doze vezes em que Bolsonaro e seus filhos exaltaram e acenaram à ditadura. **Veja**, São Paulo, 1 de novembro de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/doze-vezes-em-que-bolsonaro-e-seus-filhos-exaltaram-e-acenaram-a-ditadura/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CARRANÇA, Thais. Auxílio emergencial: com benefício reduzido em 2021, Brasil terá 61 milhões na pobreza. **BBC News Brasil**, São Paulo, 22 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56843399>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CASTRO, Luiz Felipe. Marcelinho coloca camisa do Corinthians em Bolsonaro e acaba demitido. **Placar**, São Paulo, 29 de julho de 2020. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/marcelinho-coloca-camisa-do-corinthians-em-bolsonaro-e-irrita-casagrande/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

CORINTHIANS, muda nº de reforço e diretor diz: “24 aqui não”. **Terra**, São Paulo, 10 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/corinthians-muda-n-de-reforco-e-diretor-diz-24-aqui-nao,12182f31c3cb1303657a1e378ae74ccedmk9wi6g.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ELER, Guilherme. A ascensão do futebol feminino no Brasil. **Superinteressante**, São Paulo, 20 de junho de 2019. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-vez-do-futebol-feminino/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

EM coletiva, Roger Machado fala abertamente sobre sua visão do racismo no Brasil. **Terra**, 13 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/em-coletiva-roger-machado-fala-abertamente-sobre-sua-visao-do-racismo-no-brasil,1157201059e7e1bfe42fa9cfd7c5bf4atwmnozt9.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ENTENDA os nove crimes que a CPI da Covid atribui a Jair Bolsonaro. **G1**, Rio de Janeiro, 20 de outubro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/20/entenda-os-crimes-que-a-cpi-da-covid-atribui-a-jair-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

ESTUDO mostra que todas as vítimas de violência policial em Salvador em 2020 eram homens negros. **G1**, Rio de Janeiro, 22 de setembro de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2021/09/22/estudo-mostra-que-todas-as-vitimas-de-violencia-policial-em-salvador-em-2020-eram-homens-negros.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FARINELLI, Victor. Palmeirenses bolsonaristas se reúnem na Paulista e chamam corinthianos para a briga. **Fórum**, Porto Alegre, 24 de maio de 2020. Disponível em:

<https://revistaforum.com.br/brasil/palmeirenses-bolsonaristas-se-reunem-na-paulista-e-chamam-corinthianos-para-a-briga/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FELLET, João. Os 5 principais pontos de conflito entre governo Bolsonaro e indígenas. **BBC Brasil**, Mato Grosso, 29 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51229884>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FERRAZ, Lucas. As gravações do caso Robinho na justiça italiana: “A mulher estava completamente bêbada”. **Globo Esporte**, Roma, 16 de outubro de 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/santos-e-regiao/futebol/times/santos/noticia/as-gravacoes-do-caso-robinho-na-justica-italiana-a-mulher-estava-completamente-bebada.ghml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FIFA, Women’s World Cup 2029 watched by more than 1 billion. **FIFA**, Zurique, 18 de outubro de 2019. Disponível em: <https://www.fifa.com/tournaments/womens/womensworldcup/france2019/news/fifa-womens-world-cup-2019tm-watched-by-more-than-1-billion>. Acesso em: 27 jun. 2025.

FONSECA, João Pedro. Como torcidas de futebol tentam retomar história de participação política. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 de março de 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/como-torcidas-de-futebol-tentam-retomar-historia-de-participacao-politica-24457718>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GONÇALVES, Carolina. Bolsonaro confirma revogação da adesão ao pacto global para imigração. **Agência Brasil**, 9 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-01/bolsonaro-confirma-revogacao-da-adesao-ao-pacto-global-para-migracao>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GONÇALVES, Eduardo. Bolsonaro: ‘Policial que não mata não é policial’. **Veja**, São Paulo, 27 de novembro de 2017. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-policial-que-nao-mata-nao-e-policial/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GORTÁZAR, Naiara Galarraga. Nem um centímetro a mais para os indígenas e para a biodiversidade no Brasil de Bolsonaro. **El País**, São Paulo, 20 de agosto de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-08-20/nem-um-centimetro-a-mais-para-os-indigenas-e-para-a-biodiversidade-no-brasil-de-bolsonaro.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GREVE dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. **BBC News**, São Paulo, 30 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44302137>. Acesso em: 27 jun. 2025.

GRILO, Rodrigo; NINA, Roberta; IAMIN, Leandro. A primavera das torcidas antifascistas. **Elástica**, São Paulo, 24 de junho de 2020. Disponível em: <https://elasticaoficial.com.br/especiais/antifascista-protestos-torcidas-futebol/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

HOMEM negro é espancado até a morte em supermercado do grupo Carrefour em Porto Alegre. **G1**, Rio Grande do Sul, 20 de novembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/20/homem-negro-e-espancado-ate-a-morte-em-supermercado-do-grupo-carrefour-em-porto-alegre.ghml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

JAIR Bolsonaro ergue o troféu de campeão brasileiro do Palmeiras. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, c2017. Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/galeria_de_imagens/2018/12/659485-jair-bolsonaro-ergue-o-trofeu-de-campeao-brasileiro-do-palmeiras.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

JULIÃO, Fabrício. Brasil está entre os três países com as piores inflações no mundo. **CNN Brasil**, São Paulo, 10 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/business/brasil-esta-entre-os-tres-paises-com-as-piores-inflacoes-no-mundo/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

KAMPFF, Andrei. Justiça pode obrigar seleção do Brasil a usar camisa com número 24? Entenda. **UOL**, São Paulo, 7 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/colunas/lei-em-campo/2021/07/07/justica-pode-obrigar-selecao-a-usar-camisa-com-numero-24-entenda.htm>. Acesso em: 27 jun. 2025.

KESTELMAN, Amanda. Marta jogará nas Olimpíadas (de novo) sem patrocínio e reforça: “Não é só pelo dinheiro”. **Globo Esporte**, Tóquio, 17 de julho de 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/futebol/noticia/marta-jogara-nas-olimpiadas-de-novo-sem-patrocinio-e-reforca-nao-e-so-o-dinheiro-em-si.ghhtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LABORDE, Antonia. Desigualdade salarial explicada pelo futebol feminino dos EUA. **El País**, Washington, 14 de julho de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/13/economia/1562969288_335479.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

LANGLOIS, Jill. Morte de anciãos por Covid-19 ameaça línguas indígenas do Brasil. **National Geographic Brasil**, São paulo, 18 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2020/11/morte-de-anciao-por-covid-19-ameaca-linguas-indigenas-do-brasil>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LAURENTIIS, Francisco de; ALMEIDA, Pedro Ivo. Camisa 24: Justiça arquiva caso e descarta multa à CBF por não utilização do número na seleção. **ESPN**, Rio de Janeiro, 6 de julho de 2021. Disponível em: https://www.espn.com.br/artigo/_/id/8872256/camisa-24-justica-arquiva-caso-e-descarta-multa-a-cbf-por-nao-utilizacao-do-numero-na-selecao-brasileira. Acesso em: 27 jun. 2025.

LEANDRO Castán diz que foi “obrigado a vestir” camisa do Vasco com arco-íris na faixa. **Isto é**, São Paulo, 1 de setembro de 2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/leandro-castan-diz-que-foi-obrigado-a-vestir-camisa-do-vasco-com-arco-iris-na-faixa/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LEIFERT, Tiago. Evento esportivo não é lugar de manifestação política. **GQ**, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://gq.globo.com/Colunas/Tiago-Leifert/noticia/2018/02/evento-esportivo-nao-e-lugar-de-manifestacao-politica.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

LOBO, Felipe. Pede a 24: campanha da revista Corner contra homofobia busca quebrar um tabu no futebol. **Trivela**, 4 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/pede-a-24-campanha-da-revista-corner-contr-homofobia/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MANDELLI, Mariana. Fake news e desinformação levam indígenas a recusarem vacina. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/08/fake-news-e-desinformacao-levam-indigenas-a-recusarem-vacina.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro diz que é um ‘absurdo’ condenação de policiais por ‘excesso’. **G1**, Brasília, 3 de outubro de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/10/03/bolsonaro-diz-que-e-um-absurdo-condenacao-de-policiais-por-excesso.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MESSI recebe 325 vezes o salário da jogadora mais bem paga do futebol. **Veja**, São Paulo, 16 de maio de 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/jogadora-mais-bem-paga-do-futebol-feminino-ganha-325-vezes-menos-que-messi/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MELLO, Patrícia Campos. Por que os brasileiros deveriam ter medo do gabinete do ódio. **New York Times**, São Paulo, 04 de agosto de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/2020/08/04/opinion/international-world/bolsonaro-gabinete-do-odio.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MIAZZO, Leonardo. Boulos rebate Covas: ‘Radicalismo é ter gente revirando o lixo para comer’. **CartaCapital**, Distrito Federal, 15 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/boulos-rebate-covas-radicalismo-e-ter-gente-revirando-lixo-para-comer/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MINISTÉRIO da Justiça e Segurança Pública apresenta dados inéditos sobre imigração e refúgio no Brasil. **Ministério da Justiça e Segurança Pública**, Brasília, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/noticias/ministerio-da-justica-e-seguranca-publica-apresenta-dados-ineditos-sobre-imigracao-e-refugio-no-brasil>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MINISTRO do Meio Ambiente defende passar ‘a boiada’ e ‘mudar’ regras enquanto atenção da mídia está voltada para a Covid-19. **G1**, Rio de Janeiro, 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

MORE than half the world watched record-breaking 2018 World Cup. **Fifa**, Suíça, 21 de dezembro de 2018. Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/news/more-than-half-the-world-watched-record-breaking-2018-world-cup>. Acesso em: 25 jul. 2025.

MOTA, Erick. Kit gay nunca foi distribuído em escola; veja verdades e mentiras. **Congresso em Foco**, Brasília, 11 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/educacao/kit-gay-nunca-foi-distribuido-em-escola-veja-verdades-e-mentiras/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVEIRA, Joana. Aprovação ao Governo Bolsonaro cai para 19%, nível mais baixo desde que chegou ao Planalto. **El País**, São Paulo, 29 de novembro de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-11-29/aprovacao-a-bolsonaro-cai-para-29-nivel-mais-baixo-desde-o-inicio-do-governo.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVEIRA, Joana. “Chip do diabo” e medo de ser cobaia afastam indígenas da vacina contra a covid-19. **El País**, São Paulo, 25 de março de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-03-25/chip-do-diabo-e-medo-de-ser-cobaia-afastam-indigenas-da-vacina-contra-a-covid-19.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OLIVEIRA, Rafael. Ingressos para futebol no Brasil são os mais caros do mundo, aponta pesquisa. **Extra**, Rio de Janeiro, 24 de março de 2013. Disponível em: <https://extra.globo.com/esporte/ingressos-para-futebol-no-brasil-sao-os-mais-caros-do-mundo-aponta-pesquisa-7927470.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

O QUE é o marco temporal sobre terras indígenas: entenda o que está em jogo no julgamento do STF. **G1**, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/08/27/o-que-e-o-marco-temporal-sobre-terras-indigenas-entenda-o-que-esta-em-jogo-no-julgamento-do-stf.ghml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

OS PEDIDOS de impeachment de Bolsonaro. **Agência Pública**, São Paulo. Disponível em: <https://apublica.org/impeachment-bolsonaro/>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PAGNAN, Rogério. Governo Bolsonaro exclui violência policial de relatório sobre violações de direitos humanos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 12 de junho de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/06/governo-bolsonaro-exclui-violencia-policial-de-relatorio-sobre-violacoes-de-direitos-humanos.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PASSOS, Úrsula. Futebol narrado e comentado por mulheres ganha espaço na TV aberta. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 27 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/esporte/2021/02/futebol-narrado-e-comentado-por-mulheres-ganha-espaco-na-tv-aberta.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PANDEMIA provoca aumento nos níveis de pobreza sem precedentes nas últimas décadas e tem um forte impacto na desigualdade e no emprego. **Cepal**, Santiago do Chile, 4 de março de 2021. Disponível em: <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-provoca-aumento-niveis-pobreza-sem-precedentes-ultimas-decadas-tem-forte>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PIRES, Breiller. Dois únicos técnicos negros do Brasileiro escancaram o racismo: “Negar e silenciar é confirmá-lo”. **El País**, São Paulo, 13 de outubro de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/deportes/1570983578_952565.html. Acesso em: 27 jun. 2025.

PIRES, Breiller. Torcidas que reverenciam Che Guevara adotam neutralidade em protestos contra Bolsonaro. **El País**, São Paulo, 13 de junho de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-13/torcidas-que-reverenciam-che-guevara-adotam-neutralidade-em-protestos-contr-bolsonaro.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

PROTESTOS contra a morte de George Floyd pelo mundo nesta sexta-feira. **G1**, Rio de Janeiro, 05 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/05/protestos-contr-a-morte-de-george-floyd-pelo-mundo-nesta-sexta-feira-5-fotos.ghml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

RESENDE, Sarah Mota. Bolsonaro diz que maioria de imigrantes não tem boas intenções e que apoia muro de Trump. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 de março de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/03/bolsonaro-diz-que-maioria-de-imigrantes-nao-tem-boas-intencoes-e-que-apoia-muro-de-trump.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

SOUZA, Talita de. Parlamentar que apalpou deputada “some”, mas leva vida normal em redes sociais. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 9 de julho de 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/07/4936710-parlamentar-que-apalpou-deputada-some-mas-leva-vida-normal-em-redes-sociais.html>. Acesso em: 27 jun. 2025.

UM ano após demissão, Alvim diz que discurso nazista foi “engano terrível”. **Poder 360**, Distrito Federal, 9 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/um-ano-apos-demissao-alvim-diz-que-discurso-nazista->

foi-engano-terrivel/. Acesso em: 27 jun. 2025.

VALENTE, Jonas. Covid-19: Brasil registrou 22,35 milhões de casos e 619, 5 mil óbitos. **Agência Brasil**, Distrito Federal, 5 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2022-01/covid-19-brasil-registrou-2235-milhoes-de-casos-e-6195-mil-obitos>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VENCESLAU, Pedro. Após atos de rua, torcidas se aventuram nas urnas. **Estadão**, São Paulo, 5 de julho de 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,apos-atos-de-rua-torcidas-se-aventuram-nas-urnas,70003354243>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VIDIGAL, Lucas. Número de refugiados no Brasil aumenta mais de 7 vezes no semestre; maioria é de venezuelanos. **G1**, Rio de Janeiro, 9 de junho de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/09/numero-de-refugiados-no-brasil-aumenta-mais-de-7-vezes-no-semester-maioria-e-de-venezuelanos.ghtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VILA-NOVA, Carolina. Ministra Damares Alves agiu para impedir aborto em criança de 10 anos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/ministra-damares-alves-agiu-para-impedir-aborto-de-crianca-de-10-anos.shtml>. Acesso em: 27 jun. 2025.

VILELA, Pedro Rafael. Ricardo Salles pede demissão do Ministério do Meio Ambiente. **Agência Brasil**, Brasília, 23 de junho de 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2021-06/ricardo-salles-pede-demissao-do-ministerio-do-meio-ambiente>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WAGNER, Roberto. Caio Ribeiro, Thiago Leifert... E a polêmica mistura de política e futebol. **Metrópoles**, Distrito Federal, 01 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/esportes/futebol/caio-ribeiro-thiago-leifert-e-a-polemica-mistura-de-politica-e-futebol>. Acesso em: 27 jun. 2025.

WENZEL, Gerd. FC St. Pauli – muito mais que mero futebol. **DW Brasil**, Distrito Federal, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/fc-st-pauli-muito-mais-que-mero-futebol/a-56658779>. Acesso em: 27 jun. 2025.

Referências

ALABARCES, Pablo. ¿De qué hablamos cuando hablamos de deporte? **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, n. 154, p. 74-86, 1998.

ALABARCES, PABLO. **Héroes, machos y patriotas**: el fútbol entre la violência y los medios. Aguilar: Madrid, 2014.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BERSANI, Humberto. Aportes teóricos e reflexões sobre o racismo estrutural no Brasil. **Extraprensa**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 175-196, 2018.

BRAGA, Adriana Andrade; CARAUTA, Alexandre Augusto Freire. Futebol, gênero e homossociabilidade nas redes sociais: a masculinidade no circuito comunicacional do WhatsApp. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 165-190, 2020.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Descaminhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.); VEIGANETO, Alfredo et. al. **Caminhos investigativos II**: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-33.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 110-125.

CERREIA, Nathalia Borges. **As torcidas antifascistas no Brasil**: um estudo sobre o ativismo online nas eleições presidenciais de 2018. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2020, 116 p.

CORRÊA, Maurício de Vargas; ROZADOS, Helen Beatriz Frota. A netnografia como método de pesquisa em Ciência da Informação. **Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 22, n. 49, p. 1-18, 2017.

COUTO, Euclides. A esquerda contra-ataca: rebeldia e contestação política no futebol

brasileiro (1970-1978). **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 20-30, 2010.

DAMATTA, Roberto et al. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DOWNING, John. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Senac, 2002.

DUARTE, André; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Corpos, gêneros e sexualidades em disputa no Brasil contemporâneo: Bolsonarismo versus Tropicalismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, v. 69, n. 2, p. 75-95, 2021.

FAVERO, Paulo Miranda; MIRANDA, Melina Nóbrega; LOURENÇO FILHO, Fernando José. Grupo Interdisciplinar de estudos sobre futebol. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 22, p. 127-136, 2007.

FLORENZANO, José Paulo. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP EDUC, 2010.

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, 2010.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Na zona do agrião - sobre algumas mensagens ideológicas do futebol. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982, p. 43-57.

FOER, Franklin. **Como o futebol explica o mundo**: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa pra macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: Futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, Eduardo. **Fechado por motivo de futebol**. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOMES, Vitor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais, Goiânia, 2020, 139 p.

GOŃDA, Marcin. Supporters' movement “Against modern football” and sport mega events: european and polish contexts. **Przegląd Socjologiczny**, Łódź, v. 62, n. 3, p. 85-106, 2013.

GONDIM, Linda. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013. **Polis**, n. 44, p. 1-20, 2016.

GRASSO, Carlos Eduardo Klingelfus; NASCIMENTO, Guilherme Barros; NASCIMENTO, Israel Filipe Santos. A Revolução Constitucionalista de 1932: uma análise da cobertura midiática acerca do fato histórico. In: RIBEIRO, Alexsandro Teixeira. **Comunicação, política e atores coletivos**. Ponta Grossa: Atena, 2020, p. 154-169.

GUILHON, Marcelo Faria. Sob a pena da lei: princípios constitucionais, o Estatuto do Torcedor e o cerco às torcidas organizadas no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR, Onésimo Rodríguez (Org.). **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 76-100.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar. **Projeto História**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 267-279, 2004.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2014.

HELAL, Ronaldo. Futebol e comunicação: a consolidação do campo no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 21, p. 11-37, 2011.

HODGES, Andrew. **Fan activism, protest and politics**: ultras in post-socialist Croatia. Londres: Routledge, 2019.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de; LOPES, Felipe Tavares Paes. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Revista Tempo**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O direito ao estádio. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais**: uma história social do futebol (e outras coisas...). Porto Alegre: Editora FI, 2021, p. 24-40.

LAGOS, Rodrigo Soto. El deporte como herramienta global y los estudios sociales del deporte. In: ACOSTA, Willy Soto (Org.). **Política Global y fútbol**: el deporte como preocupación de las Ciencias Sociales. Heredia, Costa Rica: CLACSO, IDESPO, Universidad Nacional, 2018, p. 13-21.

LIMA, Flávio Ribeiro de. As eleições de 2018 e a ascensão da extrema direita no Brasil. **Revista Percursos**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 207-215, 2019.

LINHARES, Wendell Luiz. **Analisando os fatores que influenciam na definição da identidade clubística**: para qual time você torce? Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ciências Sociais Aplicadas, Ponta Grossa, 2019, 128 p.

LOPES, Felipe Tavares Paes. A luta política do coletivo futebol, mídia e democracia: análise do seu manifesto de fundação. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 50-64, 2020.

LOPES, Felipe Tavares Paes. As artimanhas da resistência torcedora: futebol, linguagem e poder. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 192-207, 2018.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Futebol, massa e poder: reflexões sobre a ‘teoria do contágio’. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 15, p. 479-495, 2015.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Futebol, comunicação e ideologia: um protesto da torcida

organizada da Fiel na “imprensa alternativa” e na “imprensa tradicional”. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 137-151, 2018.

LOPES, Felipe Tavares Paes. Sentidos de “futebol moderno”: ideologia e crítica na construção de uma categoria futebolística. In: **XIV encontro nacional de história oral**. Campinas: Associação Brasileira de História Oral, s/n, p. 1-14, 2018.

MARTINS, Jose Gilberto Arruda. Violência policial no Brasil: reflexões teóricas sobre a força policial como instrumento de repressão burguês. **Revista Hegemonia**, Brasília, n. 22, p. 98-126, 2017.

MORAES, Carolina Farias; BONFIM, Aira Fernandes. Mulher no futebol - no campo e nas arquibancadas. In: **V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades**. Salvador: Realize, v. 1, p. 1-10, 2017.

MURAD, Mauricio. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

NUMERATO, Dino. **Football fans, activism and social change**. Londres: Routledge, 2018.

OBSERVATÓRIO da Discriminação Racial no Futebol. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2019**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2020.

OLIVEIRA, Camila Guterres Casses de. Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate bola. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...)**. Porto Alegre: Editora FI, 2021, p. 275-289.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Futebol: os santos guerreiros contra o dragão da maldade. In: CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PALHARES, Marcelo Fadori Soares; SCHWARTZ, Gisele Maria. **Não é só a torcida organizada: o que os torcedores organizados têm a dizer sobre a violência no futebol?** São Paulo: Editora UNESP, 2015.

PEDROSO, Bárbara Garcia. **Representações e memória social sobre pessoas transgêneras: a reportagem seriada Quem sou eu? 2019**. 106f. Dissertação (Mestrado em Linguagens, Mídia e Arte) – Universidade Católica de Campinas, Brasil, 2019.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (no) mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras resistência Coral (1950-2020)**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2020. 424 p.

PINHEIRO, Caio Lucas Morais. Das charangas às torcidas antifascistas: a escrita da história das torcidas de futebol no Brasil meridional. In: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Orgs.). **À sombra das chuteiras meridionais: uma história social do futebol (e outras coisas...)**. Porto Alegre: Editora FI, 2021, p. 339-356.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, 2017.

PIVA, Raphael. Apontamentos históricos da torcida corinthiana e dos Gaviões da Fiel. In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; NEGREIROS, Plínio L. (Org.). **Os Gaviões da Fiel: ensaios**

e etnografias de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015, p. 296-312.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2013, Manaus.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 28, n. 68, 2014.

RIBEIRO, Luís Francisco Prates de Lima. “Nem guerra entre as torcidas nem paz entre as classes”: as torcidas organizadas antifascistas no futebol brasileiro. In: **9º Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política**, 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia: reinventar as esquerdas.** São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Irlan Simões. **Novas culturas torcedoras: das arenas do futebol-negócio à resistência nas arquibancadas e redes.** 2017. 247 f. Dissertação (Mestrado em comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, 2017.

SANTOS, Irlan Simões. HELAL, Ronaldo. De espectador a militante: los hinchas del fútbol y su lucha por el derecho al estadio y al club. **Trans-Pasando Fronteras**, Cali, n. 13, p. 218-242, 2019.

SILVA, Adriana Brito da. Et al. A extrema-direita na atualidade. **Revista Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, 2014.

SILVA, Gustavo Santos da. **Os proletários da bola: the Bangu Athletic Club e as lutas de classes no futebol da Primeira República.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SILVA JÚNIOR, José Aelson da. **Pedagogia do armário: identidade, pertencimento e apropriação do futebol por torcedores homossexuais.** 2018. 160f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, 2018.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013, classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, 2013.

SOARES, Alessandra Guimarães; SIMÕES, Catharina Libório Ribeiro; ROMERO, Thiago Giovani. Crises econômicas, ascensão da extrema direita e a relativização dos direitos humanos. **Revista Cadernos de Campo**, Araraquara, n. 28, p. 193-223, 2020.

SOARES, Alison Rodrigues; ZAGO, Luiz Felipe. **Torcidas de futebol no Facebook: marcadores normativos de corpo, gênero e sexualidade.** In: vii seminário corpo, gênero e sexualidade, 2018, Porto Alegre. Anais. Potor Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, p. 1-6, 2018.

STREAPCO, João Paulo França. **Cego é aquele que só vê a bola: o futebol paulistano e a formação de Corinthians, Palmeiras e São Paulo.** São Paulo: Edusp, 2016.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. Espectáculo futebolístico e associativismo torcedor no Brasil: desafios e perspectivas das entidades

representativas de torcidas organizadas no futebol brasileiro contemporâneo. **Revista Esporte e Sociedade**, Niterói, n. 28, p. 1-26, 2016.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Futebol e teoria social: aspectos da produção científica brasileira (1982-2002). **Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 52, p. 133-165, 2001.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

TOLEDO, Luiz Henrique de. Torcedores e o mercado de bens futebolísticos. In: CAMPOS, Flavio et al. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Editora Autores Associados/Anpocs, 1996.

VIMIEIRO, Ana Carolina. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n.1, p. 23-59, 2014.

VIMIEIRO, Ana Carolina. **O torcedor como produtor**: por uma abordagem comunicacional das culturas esportivas. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2016, São Paulo.

VIMIEIRO, Ana Carolina; MAIA, Rousiley Celi Moreira. Campanhas cívicas e protestos de torcedores: em análise, a politização do futebol. **Esferas**, Brasília, v. 6, n. 10, p. 33-46, 2017.

VIMIEIRO, Ana Carolina et al. Despolitização e re-politização do futebol: em análise, a defesa das “tradições” pelos movimentos contra o futebol moderno no Brasil. In: **42º Congresso brasileiro de ciências da comunicação**, 2019, Belém. Anais. Belém: Intercom, s/n, p. 1-5.

Sobre os Autores

Larissa Bezerra: Jornalista, especialista em Jornalismo Esportivo, Mestre pelo Programa Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento na Universidade Estadual do Paraná e professora regente no curso de Jornalismo da Unicesumar EaD. E-mail: laribezerra7@gmail.com

Frank Antonio Mezzomo: Professor na Universidade Estadual do Paraná. Atua nos Programas de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento, História Pública e ProfHistória. Desenvolve pesquisas nas interfaces das temáticas da religião, política, cultura, memória, identidades e biografias. É líder do grupo de Pesquisa Cultura e Relações de Poder e Editor da Revista NUPEM. E-mail: frankmezzomo@gmail.com

O campo das torcidas e agrupamentos torcedores se transformou profundamente nos últimos 15 anos no Brasil. Um dos objetos empíricos mais pesquisados no âmbito dos estudos sociais e das humanidades que se dedicam a olhar para o esporte no país, o torcer se fragmentou e se diversificou gerando na academia efeito parecido, com novos problemas de pesquisa mobilizando a atenção, novas perspectivas teóricas e epistemológicas e novos sujeitos pesquisados e que pesquisam adentrando esse território.

Este livro vem contribuir para a compreensão desse ecossistema ao destrinchar o fenômeno das torcidas antifascistas, os conhecidos antifas. Nascidas no mesmo turbilhão de acontecimentos sociais e políticos que estão conectados com a emergência de outros tipos de agrupamentos, como as torcidas que atuam com foco na pauta LGBTQIA+ e os Movimentos Contra o Futebol Moderno, os antifas tiveram uma importância destacada no contexto estudado: 2020, primeiro ano da pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e o Brasil, e quando esses agrupamentos tiveram um protagonismo real nas ruas, ao convocarem as primeiras manifestações contra o (des)governo de Jair Bolsonaro.

Num momento de medo e escalada autoritária no país, os antifas assumiram o risco de estarem nas ruas em defesa da democracia. Os atos tiveram participação de torcidas organizadas tradicionais, como a Gaviões da Fiel em São Paulo, mas foram puxados por coletivos identificados com o antifascismo.

Ana Carolina Vimieiro

Universidade Federal de Minas Gerais



UNESPAR
Universidade Estadual do Paraná



EDUNESPAR



CAPES

PPGSED

Programa de Pós-Graduação Sociedade e Desenvolvimento



www.ppgsed.unespar.edu.br